

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

VIVIANE DE ASSIS RAMOS

**TECNOLOGIA E FORMAÇÃO: O *SMARTPHONE* NA EXPERIÊNCIA DE JOVENS
UNIVERSITÁRIOS**

GOIÂNIA
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

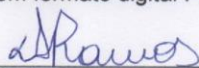
Nome completo do autor: Viviane de Assis Ramos

Título do trabalho: Tecnologia e formação: o *smartphone* na experiência de jovens universitários.

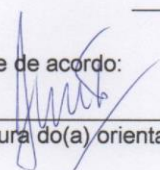
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ **SIM** ☐ **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 24 / 10 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

VIVIANE DE ASSIS RAMOS

**TECNOLOGIA E FORMAÇÃO: O *SMARTPHONE* NA EXPERIÊNCIA DE JOVENS
UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Fundamentos dos Processos Educativos

Orientadora: Prof.^a Dra. Anita Cristina Azevedo Resende

GOIÂNIA
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

RAMOS, Viviane de Assis

Tecnologia e formação: o smartphone na experiência de jovens
universitários [manuscrito] / Viviane de Assis RAMOS. - 2018.
167 f.

Orientador: Profa. Dra. Anita Cristina Azevedo RESENDE.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação,
Goiânia, 2018.

Bibliografia. Apêndice.

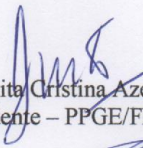
Inclui gráfico.

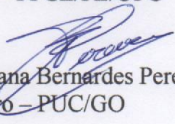
1. Smartphone. 2. Tecnologia. 3. Experiência. 4. Sociabilidade. 5.
Tempo, Corpo e Memória. I. RESENDE, Anita Cristina Azevedo, orient.
II. Título.

CDU 37

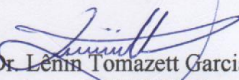
**ATA DA REUNIÃO DA BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO
DE VIVIANE DE ASSIS RAMOS**

Aos vinte e quatro dias do mês de setembro do ano de dois mil e dezoito (24/09/2018), às 14h30min., reuniram-se os componentes da Banca Examinadora: **Prof.^a Dr.^a Anita Cristina Azevedo Resende**, orientadora, doutora em **Ciências Sociais** pela PUC/SP; **Prof.^a Dr.^a Adriana Bernardes Pereira**, doutora em **Psicologia Social** pela PUC/SP; **Prof.^a Dr.^a Gina Glaydes Guimarães Faria**, doutora em **Educação** pela UFG e **Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia**, doutor em **Educação** pela UFG para, sob a presidência da primeira e em sessão pública realizada nas dependências da faculdade de educação, procederem à avaliação da defesa da dissertação intitulada: **"Tecnologia e formação: o smartphone na experiência de jovens universitários"** em nível de mestrado, área de concentração em educação, de autoria de **Viviane de Assis Ramos**, discente do programa de pós-graduação em educação da universidade federal de goiás. A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, **Prof.^a Dr.^a Anita Cristina Azevedo Resende** que fez a apresentação formal dos membros da Banca. A palavra, a seguir, foi concedida à autora da dissertação que, em 20 minutos, procedeu à apresentação de seu trabalho. Terminada a apresentação, cada membro da Banca arguiu a examinanda, tendo-se adotado o sistema de diálogo sequencial. Terminada a fase de arguição, procedeu-se à avaliação da defesa. Tendo-se em vista o que consta na Resolução nº 1537/2017 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC), que regulamenta o Programa de Pós-Graduação em Educação e procedidas às correções recomendadas, a dissertação foi **APROVADA** por unanimidade, considerando-se integralmente cumprido este requisito para fins de obtenção do título de **MESTRE EM EDUCAÇÃO**, pela Universidade Federal de Goiás. A conclusão do curso dar-se-á quando da entrega da versão definitiva da dissertação na secretaria do Programa. Cumpridas as formalidades de pauta, às 18h a presidência da mesa encerrou esta sessão de defesa de dissertação e, para constar, eu, Marizeth Ferreira Farias, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Educação, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada será assinada pelos membros da Banca Examinadora em três vias de igual teor.


Prof.^a Dr.^a Anita Cristina Azevedo Resende
Presidente – PPGE/FE/UFG


Prof.^a Dr.^a Adriana Bernardes Pereira
Membro – PUC/GO


Prof.^a Dr.^a Gina Glaydes Guimarães Faria
Membro – PPGE/FE/UFG


Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia
Membro – CEPAE/UFG

*Aos meus pais **Marta** e **Emanoel** pelo amor incondicional.*

*À bela **Izabela** por ser luz no meu caminhar.*

*Ao **Gleíson** pelo aconchego de cada dia.*

*Aos **amigos** e “**companheiros**” deste e de outros mundos também.*

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Goiás pela oportunidade de ter trilhado por aqui todo o percurso da minha formação, desde a graduação até o presente momento.

À coordenação, aos funcionários, professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE. Em especial aos professores José Adelson (*in memorian*), Edna Mendonça, Anita Cristina, Ildeu Coelho pela partilha de conhecimentos que foram fundamentais nesta caminhada.

Agradeço com carinho especial, à minha orientadora Dra. Anita C. Azevedo Resende, por todo esse percurso que fizemos juntas, por me fazer acreditar num outro mundo possível, pela firmeza em não me deixar esmorecer nos momentos em que remar contra a maré foi necessário, pela confiança depositada em mim e por me ensinar o valor de resistir. O seu rigor amoroso, sua amizade e generosidade levarei comigo...muito obrigada.

À direção, coordenação e professores dos cursos de Direito, Educação Física, Medicina e Pedagogia, que viabilizaram a realização desta pesquisa. Aos estudantes que gentilmente se dispuseram a responder o questionário, sem os quais esta pesquisa não se realizaria.

De maneira especial, agradeço aos professores que leram este trabalho para os exames de qualificação e defesa, porque tive a honra de contar com seus olhares atentos e rigorosos. Pelo dedicado trabalho e pelas valorosas contribuições, muito obrigada: Dra. Marília Gouveia, Dra. Gina Glaydes, Dra. Adriana Bernardes e Dr. Lênin Tomazett.

Aos professores e colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Educação e Cultura (NEPPEC) com quem tive a oportunidade de compartilhar estudos e pesquisas. Em especial ao grupo de orientação coletiva da professora Anita por dividirem conversas, conquistas, angústias e inquietações, entre um cafezinho e outro. Este trabalho contém muito de cada um de vocês: Silvana Coleta, Regiane Ávila, Hugo Cassimiro, André Barcellos, Lara e Janaina.

Às companheiras de luta e trabalho da Escola Donata, que resistiram comigo, mediante as forças contrárias que tentam nos calar e fazer desistir. Em especial agradeço à equipe diretiva na pessoa da Rosa, Dayane, Valéria, Estelinda e Marly. Vocês foram essenciais nesta conquista.

Aos amigos pacientes que de perto e de longe ofertaram suas boas vibrações e compreenderam minhas ausências. Aos amigos colaboradores que de alguma forma contribuíram para a execução deste trabalho. Em especial ao amigo e companheiro de todas as horas, Lênin Tomazett por ter me incentivado desde os primeiros passos deste projeto e por ter caminhado junto.

Aos meus familiares, minha maior torcida, pela compreensão e amor que me fortalecem. Com carinho especial à mamãe, ao papai, à Izabela, à Luciana, à Cláudia que me salvou inúmeras vezes e ao Luciano a quem tenho como irmão.

Ao Gleison pela imensa paciência, amizade, companheirismo e aconchego que me foram de grande alento neste percurso.

A Deus pela benção de existir e por se fazer presente nas coisas mais simples da vida.

Aos amigos espirituais pela presença amorosa, pela força e sustentação nos dias difíceis e por me impulsionar a ser uma pessoa melhor a cada dia.

ORAÇÃO AO TEMPO

*És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo tempo tempo tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo tempo tempo tempo*

*Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo
Tempo tempo tempo tempo*

*Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo tempo tempo tempo*

*Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo tempo tempo tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo tempo tempo tempo*

*Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo tempo tempo tempo
Quando o tempo for propício
Tempo tempo tempo tempo*

*De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo tempo tempo tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo tempo tempo tempo*

*O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo
Tempo tempo tempo tempo
Apenas contigo e comigo
Tempo tempo tempo tempo*

*E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo tempo tempo tempo
Não serei nem terás sido
Tempo tempo tempo tempo*

*Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo tempo tempo tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo tempo tempo tempo*

*Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo tempo tempo tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo tempo tempo tempo*

Caetano Veloso

RESUMO

RAMOS, Viviane de Assis. **Tecnologia e formação:** o *smartphone* na experiência de jovens universitários. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

Esta pesquisa de mestrado, desenvolvida no *Programa de Pós-graduação em Educação*, na linha de pesquisa *Fundamentos dos processos educativos*, objetivou analisar como a tecnologia do *smartphone* medeia a experiência cotidiana de jovens universitários na família, na escola, no trabalho e nos grupos sociais em geral. O *smartphone* é uma das mais avançadas tecnologias de informação e comunicação que está disponível e acessível a todos e, enquanto tal, medeia as relações sociais. Neste trabalho a racionalidade tecnológica é analisada enquanto constitutiva das relações humanas, modificando as dimensões de espaço e tempo na medida em que os sujeitos acessam informações que circulam pelo mundo todo e produzem novas formas de experiência. O conceito de experiência, tal qual proposto por Walter Benjamin é tomado para sustentar a tese de que está em curso o empobrecimento da possibilidade humana de experienciar processos formativos dos quais derivem os sentidos de universalidade, humanidade e autonomia. Esse empobrecimento está relacionado com o avanço técnico, tecnológico e científico, que impulsionou o desenvolvimento da sociedade capitalista, especialmente após a Primeira Guerra Mundial quando formas de sociabilidade se constituíram e produziram alterações importantes na compreensão e apreensão do tempo, do espaço, da memória e da tradição. Para a compreensão dessa problemática buscou-se a base das contribuições de autores como Karl Marx, Friedrich Engels, Sigmund Freud, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Theodor Adorno, embasando uma análise crítica da sociedade do capital e à racionalidade instrumental e de domínio. A pesquisa se desenvolveu como um estudo exploratório, de característica qualitativa, que utilizou, como instrumento de coleta de dados, um questionário, aplicado entre estudantes universitários, maiores de 18 anos, da Universidade Federal de Goiás, de quatro cursos diferentes: Medicina, Direito, Pedagogia e Educação Física. Os resultados dessa investigação apontam o quão determinante pode ser a mediação da tecnologia na forma e conteúdo das relações sociais especialmente na experiência de jovens com o outro, com o tempo, com o corpo e com a memória.

Palavras-chave: *Smartphone*; Tecnologia; Experiência; Sociabilidade; Tempo, Corpo e Memória.

ABSTRACT

RAMOS, Viviane de Assis. **Technology and formation:** the smartphone in the experience of young university students. 167 f. Dissertation (master's degree in Education) – Education College, Federal University of Goiás, Goiânia, 2018.

This master's research, developed in the postgraduate course of Program in Education, in the line of research Fundamentals of educational processes, aimed to analyze how smartphone technology mediates the daily experience of university students, in the family, at school, at work and among social groups in general. The smartphone is one of the most advanced information and communication technologies that is available and accessible for everyone and, as such, mediates social relations. In this work, technological rationality is analyzed as constitutive of human relations, changing the space-time dimensions as the individuals access information that circulates around the world and produce new forms of experience. The concept of experience, as proposed by Walter Benjamin, is used to support the thesis that the impoverishment of human possibility of experiencing formative processes is under way, from which the meanings of universality, humanity and autonomy derive. This impoverishment is related to the technical, technological and scientific advance, that has boosted the development of capitalist society, especially after the First World War when forms of sociability were constituted and produced important changes in the understanding and apprehension of time, space, memory and tradition. In order to understand this problem we sought the contributions of authors such as Karl Marx, Friedrich Engels, Sigmund Freud, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Herbert Marcuse and Theodor Adorno, underpinning a critical analysis of the society of capital and about the instrumental and domain rationality. The research was developed as an exploratory study of qualitative characteristics, which used as a data collection instrument, a questionnaire, applied to university students, over 18 years old, from the Federal University of Goiás, from four different courses: Medicine, Law, Pedagogy and Physical Education. The results of this investigation shows how determinant the mediation of technology can be, in the form and content of social relations, especially in the experience of young people with one another, with the time, with the body and with the memory.

Keywords: Smartphone; Technology; Experience; Sociability; Time, Body and Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
 CAPÍTULO 1. A CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO NA SOCIEDADE BURGUESA	21
1.1 A individualização do homem no processo histórico	22
1.2 A individualização mediada pelas instâncias de socialização	35
1.3 Da racionalidade industrial à racionalidade tecnológica	50
1.4 As tecnologias da informação como nexos constitutivos da sociabilidade na sociedade contemporânea	58
 CAPÍTULO 2. A PERDA DA EXPERIÊNCIA NO PROCESSO HISTÓRICO DE INDIVIDUALIZAÇÃO	64
2.1 Experiência, memória e tradição	66
2.2 Experiência <i>versus</i> vivência na modernidade.....	70
2.3 A perda da experiência e a presentificação do tempo	75
 CAPÍTULO 3. O SMARTPHONE COMO NEXO CONSTITUTIVO DA SOCIALIZAÇÃO E DA EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES	84
3.1 Caracterização dos estudantes	86
3.2 O acesso ao <i>smartphone</i> e seus recursos	87
3.3 O impacto do <i>smartphone</i> nas relações sociais dos estudantes	92
3.3.1 Família	94
3.3.2 Grupos	96
3.3.3 Escola / Universidade	105
3.4 O impacto do <i>smartphone</i> na experiência individual	108

3.4.1 O tempo, o corpo e a memória.....	109
3.4.2 Individualização, aceleração e presentificação do tempo	114
3.5 – Desafios ao homem contemporâneo.....	122
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICES	128

INTRODUÇÃO

A implantação, a consolidação e o desenvolvimento do capitalismo como projeto civilizador com tendência mundial revolucionou a vida coletiva e individual. Desse modo, está em causa um novo modo de produzir não só as coisas, mas também a vida em todos os seus sentidos. A esse respeito, um texto de Marx, escrito no final de 1848, já prenunciava esse novo modo de produzir as coisas e os homens, no qual “tudo que era sólido e estável se esfuma” e que, em busca de lucros cada vez maiores, estes são impelidos a invadir todo o globo terrestre e “estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte” (MARX, s.d., p. 24).

No desenvolvimento desse processo que alcança os tempos atuais, está em causa, além do mais, o entrecruzamento entre o aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e o desenvolvimento necessário dos meios de comunicação. Nesse compasso, articulam-se as esferas da produção e da reprodução com o progresso da tecnologia, da informática, da cibernética e de técnicas de comunicação, como o rádio, o cinema, a televisão e a internet. Tudo isso em nome da promessa de progresso nos diversos aspectos da vida e da realização dos anseios e carências humanas. Tudo em nome de uma civilização que “cria um mundo à sua imagem e semelhança” (MARX, s.d., p. 25), podendo-se dizer que hoje, no limite do seu desenvolvimento, é também um mundo “virtual”.

Em entrevista ao Café Filosófico, Chauí (2010) afirma que o mundo virtual caracteriza-se por uma relação diferenciada do corpo no tempo e no espaço, na qual se produz outra forma de experiência representada por duas ausências: a “atopia”, ausência de lugar, e “acronia”, ausência de tempo.

Após a revolução industrial o corpo humano se expandiu por causa do telescópio, do telégrafo, da máquina a vapor, do telefone, do rádio, da televisão etc. Agora com os satélites e a informática, o nosso cérebro se expande diminuindo distâncias espaciais e intervalos temporais até abolir o espaço e o tempo. De fato o universo está on-line durante vinte e quatro horas, sem obstáculos de distância e de diferenças geográficas, diferenças sociais, diferenças políticas, nem com a distinção entre o dia e a noite, ontem e amanhã. Tudo se passa aqui e agora. Como se vê nas salas de bate papo em que é possível conversar com pessoas do outro extremo do planeta e cuja presença é instantânea. Ou como se vê nas grandes operações financeiras feitas em um piscar de olhos entre empresas e bancos, situados nos confins da terra. (CHAUÍ, 2010)

O mundo “virtual”, tão presente nos relacionamentos sociais na sociedade atual, modificou qualitativa e quantitativamente, entre mais, a temporalidade, a articulação entre passado, presente e futuro. Como tudo acontece aqui e agora, há uma promessa de otimização do tempo e do espaço que se atualiza constantemente através de diversas mercadorias e recursos disponíveis no âmbito das tecnologias de comunicação e informação.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar a mediação da tecnologia do *smartphone* na experiência de jovens universitários e assim compreender como essa tecnologia interfere nas relações sociais que esses jovens estabelecem. Buscou-se identificar o que ocorre nesta forma de experiência em que o acesso ao mundo virtual propõe outra relação espaço-temporal e a referência de tempo e espaço que se dissolvem.

O conceito de experiência, tal qual proposto por Walter Benjamin (1892-1940), que em 1930 já alertava haver um empobrecimento da possibilidade humana de experienciar processos formativos dos quais derivassem os sentidos de universalidade, humanidade e autonomia, foi o ponto de partida para esta investigação. O empobrecimento da experiência é contemporânea ao avanço técnico, tecnológico e científico, que impulsionou o desenvolvimento da sociedade capitalista, especialmente após a Primeira Guerra Mundial, quando formas de sociabilidade se constituíram e se produziram alterações importantes na compreensão e apreensão do tempo, do espaço, da memória e da tradição.

Walter Benjamin (1892 - 1940) destaca a perda de uma importante figura nos tempos modernos: “O narrador”. A figura do narrador é descrita por Benjamin como alguém capaz de dar conselhos, algo que vem perdendo o prestígio, uma vez que as experiências estão perdendo sua comunicabilidade. Tal fato foi atribuído por ele como consequência do desenvolvimento das forças produtivas, da consolidação da burguesia e do surgimento da imprensa no auge do capitalismo, criando assim uma nova forma de comunicação: a informação. Naquele tempo, as forças produtivas se desenvolviam de modo acelerado, produzindo alterações no mundo do trabalho e na sociabilidade humana. Acerca da ausência do papel do narrador, o autor afirma:

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 2012, p. 213)

Nessa perspectiva, o homem, ao se adequar à racionalidade que se desenvolve no modo de produção capitalista, tornou-se um autômato, um sujeito que perdeu sua memória, sua capacidade de ouvir e de narrar a própria história. Por meio da imprensa, substituiu-se o antigo relato pela informação. Há uma negação de tudo que seja tradição, de toda a forma de transmissão do passado para o presente. Há, pois, uma perda de memória, da noção de pertencimento em função de uma presentificação do tempo.

Para Benjamin, esse processo não é algo que se deu na modernidade, mas, ao contrário, é “um sintoma das forças produtivas seculares, históricas, que expulsam gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo, conferindo, ao mesmo tempo, uma nova beleza ao que está desaparecendo” (BENJAMIN, 2012, p. 217). O progresso tecnológico em curso vem de longo período de desenvolvimento da sociedade burguesa, que, no seu percurso histórico, instituiu a sociedade da livre concorrência e converteu os sujeitos dessa particularidade histórica em indivíduos isolados e acessórios no processo de acumulação, que, já nas suas origens, pretendia expandir-se mundialmente.

As relações que hoje se instituem sob essa forma de organização, ao contrário de serem formas naturais, universais e hegemônicas, são relações

determinadas pela forma histórica como o homem se relaciona com a realidade e se objetiva na produção e reprodução de suas necessidades.

Karl Marx (1818 – 1893) dedicou-se a compreender o funcionamento do modo de produção capitalista e, em seus estudos, demonstrou como tais relações se modificaram no curso da história e se complexificaram na medida em que as relações materiais de produção se desenvolvem na sociedade moderna. Dessa forma, afirma:

Quanto mais se recua na História, mais dependente aparece o indivíduo, e portanto, também o indivíduo produtor, e mais amplo é o conjunto a que pertence. De início, este aparece de um modo ainda muito natural, numa família e numa tribo, que é família ampliada; mais tarde, nas diversas formas de comunidade resultantes do antagonismo e da fusão das tribos. Só no século XVIII, na “sociedade burguesa”, as diversas formas do conjunto social passaram a apresentar-se ao indivíduo como simples meio de realizar seus fins privados, como necessidade exterior. Todavia, a época que produz este ponto de vista, o do indivíduo isolado, é precisamente aquela na qual as relações sociais (e, deste ponto de vista, gerais) alcançaram o mais alto grau de desenvolvimento. (MARX, 1987, p. 4)

O indivíduo constitui-se como forma de ser social nessa particularidade histórica e como derivação dos processos históricos em curso, mediante a necessidade de expansão do capital de forma a garantir a legitimidade da propriedade privada, fundamento para a constituição das novas formas de produção.

Assim, neste estudo, a experiência e a socialização são categorias basilares da análise, porque permitem apreender o indivíduo como ser social nessa particularidade histórica e também as experiências que se produzem nessa forma de sociabilidade. A partir desse fundamento, pode-se arguir que, na atualidade, a sociabilidade, mediada pelo uso de diferentes tecnologias e redes virtuais, aponta para uma maior ou menor individualização decorrente de uma maior ou menor individuação.

A evolução rápida das técnicas de reprodução, de novas tecnologias e, junto a elas, a criação de redes sociais complexas de comunicação parecem vir modificando substancialmente a sociabilidade entre os indivíduos. As primeiras máquinas e computadores que deram vida ao mundo virtual ganharam atualmente versões miniaturizadas que cabem no bolso, como os chamados “*smartphones*” ou, na tradução literal, “telefones inteligentes”, aparelhos que operam na lógica dos

computadores e comportam diferentes aplicativos que possibilitam, entre mais, formas diversas de interação e comunicação.

O uso do *smartphone* é emblemático na apreensão de algumas formas contemporâneas de sociabilidade. Afinal, pelas suas características e possibilidades, os *smartphones* permitem ao sujeito realizar diversas tarefas, ocupando diferentes lugares e tempos numa espacialidade e temporalidade outra, mediante os recursos e aplicativos que são constantemente atualizados e disponibilizados para esse tipo de aparelho. A generalização do uso desse aparato tecnológico nas relações sociais de diferentes conteúdos e formas é inegável e parece mesmo estar se constituindo como uma mediação imprescindível da sociabilidade contemporânea. Sendo assim, entender as implicações dessa mediação entre jovens universitários é o desafio que se enfrentou nesta pesquisa.

Frente à expansão do uso desse aparelho e de outros aparatos tecnológicos na sociedade contemporânea, este estudo assumiu a tarefa de analisar como a tecnologia do *smartphone* medeia as experiências cotidianas de jovens universitários da Universidade Federal de Goiás (UFG). Para tanto, buscou-se apreender como o uso do *smartphone* medeia as relações que o jovem estabelece nas diferentes instâncias educativas e de socialização: a família, a escola, o trabalho e os grupos sociais em geral.

A escolha do *smartphone* como forma de compreender os nexos constitutivos das relações sociais na contemporaneidade deve-se ao fato de ser uma das mais avançadas tecnologias de informação e comunicação que ganha *status* de universalidade, uma vez que, além de estar disponível e acessível a todos, essa tecnologia sai das mesas e escrivaninhas para o bolso do consumidor, constituindo-se, inclusive, como prótese corporal, segundo a compreensão de alguns autores.

No limite, este trabalho trata dessa racionalidade presente nas técnicas e tecnologias desenvolvidas que alteram profundamente a qualidade das relações humanas e a velocidade com que os sujeitos acessam informações que circulam pelo mundo todo. Mediante isso, afeta-se significativamente a sociabilidade ao tempo em que modifica a relação entre passado, presente e futuro.

Para a compreensão dessa problemática buscou-se a base das contribuições de autores como Karl Marx, Friedrich Engels, Sigmund Freud, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Theodor Adorno. Isso porque a pesquisa foi embasada por teorias críticas à sociedade do capital ou, como se queira

denominar, à sociedade da razão de domínio, da razão instrumental, isto é, por teorias que negam a ordem estabelecida e questionam os processos de reprodução social no âmbito social, cultural, econômico e político.

O método de pesquisa é aquele necessário ao descortino desta realidade que, em si, é mistificadora. A contribuição de Karl Marx foi um guia fundamental pelo fato de que o objeto deste estudo é um desdobramento de processos que se desenrolam na história da civilização, culminando com o modo de produção capitalista, sendo este o modo de se produzir a vida, o conhecimento e a sociabilidade nessa particularidade histórica.

Nesta sociedade, a realidade apresenta-se opaca, complexa, contraditória e a ação investigativa faz-se necessária como forma de buscar as mediações que a constituem e que são mais ou menos determinantes. Mediação é compreendida aqui como a necessária reflexão sobre o concreto, o lógico, o histórico, que também é transitório e contraditório nos processos de vida, nas relações que o homem estabelece com a natureza e em sociedade. O método dialético implica uma posição do sujeito pesquisador frente ao objeto com a finalidade de extrair dele as múltiplas determinações e, nesse sentido, as categorias, totalidades que constituem uma totalidade maior que é a sociedade burguesa.

O mundo real é constituído pelas mediações que o ser humano é capaz de fazer na relação que estabelece com a natureza. E a tecnologia constitui-se como uma dessas mediações que possibilita ao homem conhecer, dominar e modificar a natureza, criar formas de se relacionar com o outro, sendo, ao mesmo tempo, modificado e influenciado por ela. Ela faz a mediação e constituição do ser social nessa particularidade histórica.

A metodologia de pesquisa foi constituída pelos procedimentos que serão descritos a seguir, todos aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da Universidade Federal de Goiás, sob o n.º 2.259.605.

Trata-se de um estudo exploratório, de característica qualitativa, que utilizou, como instrumento de coleta de dados, um questionário aplicado com estudantes universitários, maiores de 18 anos, da Universidade Federal de Goiás, de quatro cursos diferentes, sendo dois entre os mais concorridos e dois entre os menos concorridos, considerando a nota de corte na ampla concorrência, conforme

os dados do Sistema de Seleção Unificada (SISU) de 2017. Desse modo, os cursos selecionados foram: Medicina, Direito, Pedagogia e Educação Física.

O questionário¹ contém questões fechadas, referentes à experiência desses jovens com o aparelho, nos diferentes grupos e espaços de sociabilidade em que estão inseridos. Assim, buscou-se identificar o uso que eles fazem do *smartphone*, considerando o tempo, a forma, os aplicativos e funções que mais utilizam, assim como o uso nas experiências cotidianas e nas relações sociais que esses jovens estabelecem.

Ao final do questionário, foi aberto um campo para que os estudantes pudessem relatar ou acrescentar algo acerca da sua experiência com o *smartphone* que, porventura, não tenha sido contemplado no questionário. O uso desse espaço foi opcional e algumas destas contribuições, juntamente com os resultados da pesquisa, serão apresentadas na exposição do terceiro capítulo deste trabalho.

Antes da aplicação definitiva, o questionário foi testado em uma turma do curso de Pedagogia, que não fez parte da pesquisa definitiva. A realização do pré-teste teve como objetivo identificar questões que não estivessem claras ou bem elaboradas, assim como buscar, no olhar dos próprios estudantes, sugestões que pudessem enriquecer o instrumento de pesquisa.

A escolha por estudantes em diferentes cursos buscou verificar possíveis variações na experiência desses estudantes com o *smartphone*, considerando aspectos que pudessem influenciar ou não na forma como esses jovens se apropriam dele, como, por exemplo: classe, gênero e possível inserção no mundo do trabalho. A participação na pesquisa foi voluntária e teve como critério de inclusão jovens com mais de 18 anos e que fossem portadores de *smartphone*. Foram aplicados 25 questionários por curso, totalizando 100.

A seleção dos participantes contou com a intermediação da coordenação de cada curso e de professores (as) que, gentilmente, cederam tempo de suas aulas para que a pesquisa pudesse ser realizada. A aplicação foi feita durante um determinado período da aula dos estudantes, após o consentimento dos mesmos em participar da pesquisa. Foram escolhidos estudantes de períodos intermediários do curso, variando entre segundo e sétimo período de cada curso, de forma a atender aos critérios de inclusão estabelecidos junto ao comitê de ética.

¹ O questionário elaborado pode ser consultado nos apêndices que se encontram ao final deste trabalho, assim como todos os gráficos com os resultados da pesquisa.

A partir dos estudos teóricos e dos resultados da pesquisa, a exposição do trabalho foi estruturada em três capítulos, conforme se apresenta.

O Capítulo 1, “A constituição do indivíduo na sociedade burguesa”, traz a discussão acerca da relação entre o indivíduo e a sociedade, o processo de individualização e a conversão dos sujeitos em indivíduos nessa particularidade histórica, bem como o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação. Realizou-se um movimento histórico e conceitual da constituição do ser social na sociedade capitalista, mediado pelas diferentes instâncias de socialização, tendo a tecnologia como uma das mediações desse processo de socialização até se chegar ao *smartphone* como nexos constitutivo das relações sociais no mundo contemporâneo.

O Capítulo 2, “A perda da experiência no processo histórico de individualização”, apresentou o estudo sobre o conceito de experiência em Walter Benjamin, considerando as principais categorias benjaminianas que fundamentaram a análise do objeto proposto: a experiência em contraposição às formas contemporâneas de vivência, a individualização dos sujeitos nessa forma de sociabilidade, a temporalidade e a presentificação do tempo, que implica a perda da articulação entre passado, presente e futuro e institui uma temporalidade outra fixada no aqui e no agora.

Já o Capítulo 3, “O *smartphone* como nexos constitutivo da socialização e da experiência dos estudantes”, buscou a articulação de toda essa discussão teórica na experiência dos jovens com a tecnologia do *smartphone*, a partir da análise dos dados coletados, bem como da exposição dos resultados da pesquisa. Desse modo, buscou-se apresentar o quão determinante pode ser o *smartphone* na forma e conteúdo das experiências individuais e nas relações sociais desses estudantes. Ao que parece, para além de respostas, outras questões foram suscitadas pela pesquisa e estão postas ao homem contemporâneo, como possíveis indicações para a continuidade deste estudo.

CAPÍTULO 1

A CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO NA SOCIEDADE BURGUESA

O homem só é individualizado, porém, mediante o processo histórico. Originalmente, ele se mostra como um ser genérico, um ser tribal, um animal de rebanho – embora, de modo algum, como um “animal político” no sentido político do termo. A troca, em si, é um agente principal desta individualização. Torna supérfluo o caráter gregário e o dissolve.

Karl Marx

Ao descortinar o desenvolvimento que antecedeu a consolidação do modo de produção capitalista como forma de organização da vida material e social que se firmou historicamente, Marx (1991) indica as diferentes formas de organização da vida social, tendo como ponto de partida o trabalho como condição ontológica da existência humana. Analisando diferentes formas de propriedade e de divisão do trabalho em períodos, grupos, tribos, comunidades e organizações sociais diversos, Marx elucida que, quanto mais a civilização avança nos progressos que realiza, mais o homem aparece individualizado e desprendido, ao menos na aparência, dos seus laços sociais mais amplos.

As relações que hoje se instituem sob o modo de produção capitalista são determinadas pela forma como o homem age na natureza e objetiva trabalho

humano na produção de suas necessidades. E isso é fruto dessa ação recíproca do homem com a natureza, com seus semelhantes e, posteriormente, com a sociedade.

Ainda no texto intitulado *Para a Crítica da Economia Política*, Marx (1987) faz referência ao indivíduo que somente na sociedade da livre concorrência pode aparecer desprendido dos seus laços naturais. Critica a ilusão partilhada em diversas épocas pelos economistas, que idealizaram esse indivíduo como ponto de partida da história e não como um resultado histórico, compreendendo que apenas em sociedade esse indivíduo pode se isolar. Considera ainda que a produção desse indivíduo isolado é tão absurda quanto a possibilidade de desenvolvimento da linguagem sem indivíduos que vivam juntos (MARX, 1987, p. 4).

Sendo assim, o modo de produção burguesa é determinante na forma pela qual indivíduos determinados, vivendo em condições determinadas, fazem sua história e produzem a vida em todos os sentidos: material, social, político, econômico, afetivo e cultural. O desenvolvimento histórico que daí se sucede aponta um contraditório processo de individualização do homem.

Nesse cenário, o aparecimento do indivíduo como ser social não é um fato natural, mas algo que se deu no curso do desenvolvimento histórico e social de consolidação do modo de produção capitalista.

Descortinar o processo de individualização do homem, bem como a relação indivíduo e sociedade nesta particularidade histórica, requer compreender o percurso das relações de produção da vida material, desde os primórdios até os dias atuais. Pressupõe também desvelar a racionalidade que permeia toda a produção material, econômica, intelectual, científica, cultural e social de uma época, garantindo a reprodução desse sistema, que necessita se reproduzir continuamente para continuar existindo. Requer ainda reconhecer as principais mediações, grupos e instituições que atuam no processo de socialização do homem nessa sociedade.

1.1 A INDIVIDUALIZAÇÃO DO HOMEM NO PROCESSO HISTÓRICO

Engels (s.d.), no texto *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, discorre acerca do trabalho como condição ontológica e fundamental da vida humana, no processo de desenvolvimento do homem e nas

relações que a partir daí se estabelecem. Para além de ser fonte de riqueza, o trabalho é criador do próprio homem.

Assim, Engels afirma que nesse processo, que vai desde o macaco, passando pelo selvagem primitivo, até o homem de hoje, a composição orgânica e corporal do macaco é bem similar à dos humanos. E, nesse sentido, conclui que “nenhuma mão simiesca construiu jamais um machado de pedra, por mais tosco que fosse” (ENGELS, s.d., p. 64).

Nossos antepassados, na condição de seres carentes, apetentes e portadores de necessidade, foram impelidos a agir na natureza em busca de prover suas necessidades. Com o tempo, o homem alcançou progressos que foram alterando sua constituição orgânica e corporal ao tempo que possibilitou realizar novos progressos e assim gerar novas necessidades. Do momento em que a mão deixa de ser um órgão auxiliar na locomoção novas possibilidades se recolocam ao homem primitivo.

Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele. Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas e novas funções, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos e, num período mais amplo, também pelos ossos; unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pôde dar vida, como por artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorwaldsen e à música de Paganini. (ENGELS, s.d., p. 64)

Das necessidades geradas pelo trabalho surgiram outras que impulsionaram o desenvolvimento de determinados órgãos e alteraram a composição corporal de forma a acompanhar tais mudanças e atender novas necessidades. Cada vez que o ser humano realizava novo progresso frente à natureza, cada nova descoberta contribuía para a formação de grupos. Cada vez mais agrupados e descobrindo as vantagens de realizar atividades em conjunto, os homens chegaram à necessidade de se comunicar.

Em resumo, os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram a necessidade de dizer algo uns aos outros. A necessidade criou o órgão: a laringe pouco desenvolvida do macaco foi-se transformando, lenta mas firmemente, mediante modulações que produziam por sua vez modulações mais perfeitas, enquanto os órgãos da boca aprendiam pouco a pouco a pronunciar um som articulado após o outro. (ENGELS, s.d., p. 65)

Engels demonstra, nessa comparação com os animais, a origem da linguagem a partir do trabalho, a diferença fundamental do homem em relação aos outros animais, a capacidade de se objetivar na natureza e produzir suas necessidades pelo trabalho, bem como a capacidade única de se comunicar por meio da palavra.

Quando o homem se separa definitivamente do macaco, esse desenvolvimento não cessa de modo algum, mas continua, em grau diverso e em diferentes sentidos entre os diferentes povos e as diferentes épocas, interrompido mesmo às vezes por retrocessos de caráter local ou temporário, mas avançando em seu conjunto a grandes passos, consideravelmente impulsionado e, por sua vez, orientado em um determinado sentido por um novo elemento que surge com o aparecimento do homem acabado: **a sociedade**. (ENGELS, s.d., p. 67; grifo do autor)

Mais uma vez, o que distingue a sociedade humana de uma manada de macacos é o trabalho. No processo de exploração da natureza, o macaco só é capaz de extrair dela o que ela pode oferecer em determinado lugar. O trabalho começa com a elaboração de instrumentos. Foram criados instrumentos de caça e de pesca, o que pressupôs também uma mudança na alimentação, até então quase exclusivamente vegetal para alimentação cárnea, que possibilitou ao cérebro um número maior de substâncias necessárias ao seu desenvolvimento. Disso resultaram dois novos avanços: o uso do fogo e a domesticação de animais.

O homem adquiriu a capacidade de se adaptar a diferentes lugares e climas. Consequentemente, ao ter de se adaptar ao verão e ao inverno, novas necessidades surgiram, como a de cobrir seu corpo, e assim novas esferas de trabalho.

Pela mediação da mão e da linguagem, em cada indivíduo e também em sociedade, novas ações puderam ser realizadas pelos homens e estas foram se complexificando, diversificando e aperfeiçoando o trabalho. Formas mais complexas de trabalho e organização social deram origem à agricultura, à fiação, à tecelagem, à elaboração de metais e à navegação. Do comércio e outros ofícios surgiram as artes e ciências, das tribos surgiram as nações e os Estados, assim como a política, o direito e a religião (ENGELS, s.d., p. 69).

Nessa perspectiva, toda a história humana parte da condição de apetência do ser humano como portador de necessidade, muito bem exemplificada por Marx e Engels (1980):

[...] devemos lembrar a existência de um primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, a saber, que os homens devem estar em condições de viver a fim de fazer história. Mas, para viver, é necessário antes de mais beber, comer, ter um teto onde se abrigar, vestir-se, etc. O primeiro fato histórico é, pois, a produção dos meios que permitem satisfazer as necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um fato histórico, de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário, tanto hoje com há milhares de anos, executar dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos. (MARX; ENGELS, 1980, p. 33)

O segundo ponto a considerar é que uma vez satisfeita a primeira necessidade, a ação de satisfazer e o instrumento utilizado para tal conduzem a novas necessidades – e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro fato histórico. (*Ibid.*, p. 34)

Nesse sentido, toda a produção humana é trabalho passado objetivado e, portanto, ação do homem sobre a natureza que, ao agir sobre ela, produz e satisfaz suas necessidades, ao passo que, no desenvolvimento histórico do sistema produtivo, produzem-se novas necessidades que haverão de ser satisfeitas e assim sucessivamente.

A história humana fundamenta-se pela ação de indivíduos reais, suas condições materiais de existência, sejam as que eles encontraram elaboradas ou as que irão elaborar. Tais condições são determinantes das relações que esses indivíduos irão estabelecer em sociedade. Na compreensão desses autores, todo o progresso da civilização tem como fundamento o trabalho. Pelo trabalho, o homem foi capaz de conhecer as leis da natureza e modificá-las, visto que toda ação sobre ela tem uma consequência, ainda que esse processo tenha levado milhares de anos. No entanto, muito ainda custou para o homem compreender as consequências sociais de seus atos.

[...] E quando mais tarde Colombo descobriu a América não sabia que ao mesmo tempo dava nova vida à escravidão, há muito tempo desaparecida na Europa, e assentado as bases do tráfico de negros. Os homens que nos séculos XVII e XVIII haviam trabalhado para criar a máquina a vapor não suspeitavam de que estavam criando um instrumento que, mais do que nenhum outro, haveria de subverter as condições sociais em todo o mundo e que, sobretudo na Europa, ao concentrar a riqueza nas mãos de uma minoria da população, haveria de proporcionar primeiro o domínio social e político à burguesia, e provocar depois a luta de classe entre a burguesia e o proletariado, luta que só pode terminar com a liquidação da burguesia e a abolição de todos os antagonismos de classe. (ENGELS, s.d., p.72)

A contribuição de Marx e Engels vem desmistificar a naturalização dos fatos sociais e a forma de explicação da realidade pautada em ideias abstratas que

os homens formaram sobre si mesmos. Assim demonstraram que o desenvolvimento histórico, bem como as relações sociais que se estabeleceram, foi fruto das relações materiais de produção, ou seja, do trabalho como objetivação humana.

Nas formas mais rudimentares de divisão social do trabalho, encontra-se o germe das atuais formas de organização social, que tem por princípio a propriedade privada e a segregação dos indivíduos em classes antagônicas.

A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada da produção. As categorias que exprimem suas relações, a compreensão de sua própria articulação, permitem penetrar na articulação e nas relações de produção de todas as formas de sociedades desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acha edificada, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, leva de arrastão, desenvolvendo tudo que fora antes apenas indicado que toma assim toda a sua significação etc. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. O que nas espécies animais inferiores indica uma forma superior não pode, ao contrário, ser compreendido senão quando se conhece a forma superior. A Economia burguesa fornece a chave da Economia da Antiguidade etc. Porém, não conforme o método dos economistas que fazem desaparecer todas as diferenças históricas e veem a forma burguesa em todas as formas de sociedade. (MARX, 1987, p. 20)

A metáfora utilizada por Marx não se refere, de maneira alguma, às concepções biologicistas, evolucionistas e lineares da história. Mas parte do entendimento de que é no mais desenvolvido que se encontram as raízes históricas do atual estágio de desenvolvimento, ou seja, o germe das condições materiais de produção, desnaturalizando as relações sociais produzidas na sociedade capitalista, que se pretende realizar como verdade eterna e imutável.

Nessa perspectiva, Marx compreende que a forma como os indivíduos manifestam sua vida reflete aquilo que os indivíduos são, coincidindo, portanto, com a sua produção, o que produzem e como produzem. “Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção” (MARX; ENGELS, 1980, p.19).

As relações entre esses indivíduos são condicionadas pela produção e se complexificam conforme aumenta a população, imprimindo novas formas de divisão social do trabalho. Cada forma de divisão do trabalho reflete o estágio de desenvolvimento produtivo de um grupo, sociedade ou nação. Da mesma forma, cada estágio da divisão do trabalho representa diferentes formas de propriedade, que serão determinantes nas relações entre os indivíduos.

A divisão do trabalho numa nação obriga em primeiro lugar a separação entre o trabalho industrial e comercial e o trabalho agrícola; e, como consequência, a separação entre a cidade e campo e a oposição dos seus interesses. O seu desenvolvimento ulterior conduz à separação do trabalho comercial e do trabalho industrial. (MARX; ENGELS, 1980, p. 20)

Destarte, as diferentes formas de propriedade que Marx e Engels apresentam caracterizam momentos históricos importantes da sociedade e dos indivíduos que a compõem. A primeira delas, a propriedade tribal, representa o tipo mais rudimentar, “em que os homens se alimentavam da caça e da pesca, da criação de gado e de agricultura incipiente” (MARX; ENGELS, 1980, p. 21). Nessa forma, a divisão de trabalho circunscreve-se ao âmbito familiar caminhando para a escravatura.

A segunda forma de propriedade é a propriedade comunal e a propriedade estatal representada por várias tribos em uma única cidade, subsistindo a escravatura. Esta já se apresenta de forma mais complexa, havendo maior divisão do trabalho.

A divisão do trabalho está mais evoluída; encontramos já a oposição entre a cidade e o campo, e mais tarde a oposição entre os Estados que representam o interesse das cidades e aqueles que representam o interesse dos campos. Mesmo no interior das cidades vamos encontrar uma oposição entre o comércio marítimo e a indústria. As relações de classe entre cidadãos e escravos atingem o seu maior desenvolvimento. (MARX; ENGELS, 1980, p. 21)

Nessa forma, já se encontram em germe as condições necessárias para o que surgirá na forma de propriedade moderna, com a transformação dos pequenos camponeses plebeus num tipo de proletariado. A terceira forma de propriedade é a feudal, na qual surge a oposição entre cidades e a classe produtora eram os servos.

No entanto, a divisão do trabalho que se efetivará no modo de produção capitalista será no momento em que se opera a divisão entre trabalho manual e intelectual, período em que as relações sociais entram em contradição com as forças produtivas existentes.

Essa divisão do trabalho, que implica todas estas contradições e repousa por sua vez sobre a divisão natural do trabalho na família e sobre a divisão da sociedade em famílias isoladas e opostas, implica simultaneamente a repartição do trabalho e dos seus produtos, distribuição desigual tanto em qualidade como em quantidade; dá portanto origem à propriedade, cuja primeira forma, o seu germe, reside na família, onde a mulher e as crianças

são escravas do homem. A escravatura, decerto ainda muito rudimentar e latente na família, é a primeira propriedade, que aqui já corresponde aliás à definição dos economistas modernos segundo a qual é constituída pela livre disposição da força de trabalho de outrem. De resto, divisão do trabalho e propriedade privada são expressões idênticas – na primeira, enuncia-se relativamente à atividade o que na segunda se enuncia relativamente ao produto desta atividade. (MARX; ENGELS, 1980, p. 38-39)

Da divisão do trabalho emergem os interesses individuais em contraposição aos interesses coletivos. É desta contradição, deste conflito de interesses, que surge o Estado como representante dos interesses coletivos frente aos interesses reais de cada indivíduo. “Daqui se depreende que todas as lutas no seio do Estado, a luta entre a democracia, a aristocracia e a monarquia, a luta pelo direito de voto, etc. etc. são apenas formas ilusórias que encobrem as lutas efetivas das diferentes classes” (MARX; ENGELS, 1980, p. 39).

Essa mesma divisão do trabalho impõe ao indivíduo determinadas funções e ramos de atividade dos quais ele não tem escolha. Essa imposição de uma única atividade é representativa de poderes estranhos que o dominam, própria da alienação que escapa ao seu controle. A propriedade privada é determinante nas relações de troca que se estabelecem nesse modo de produção.

A história se constitui pelas relações de produção existentes em cada época, e perpassadas por diferentes gerações, que deixarão sempre um germe e receberão uma influência ativa que a história anterior exerce na história recente. Quanto mais se avança na história do modo de produção capitalista, a história tende a se tornar a história mundial, rompendo as barreiras entre nações. Portanto, a transformação da história em história universal torna-se real, na ação material e nas relações reais entre os homens que constituem essa história.

O poder estranho que antes dominava o indivíduo na divisão do trabalho, determinante da atividade que haveria de ser desenvolvida por ele, torna-se cada vez mais estranho, submetendo-o a um poder maior, o mercado mundial.

Essa concepção de história tem, portanto, como base o desenvolvimento do processo real da produção, concretamente a produção material da vida imediata; concebe a forma das relações humanas ligada a este modo de produção e por ele engendrada, isto é, a sociedade civil nos seus diferentes estádios, como sendo o fundamento de toda a história. Isto equivale a representá-la na sua ação enquanto Estado, a explicar através dela o conjunto das diversas produções teóricas e das formas de consciência, religião, moral, filosofia, etc., e a acompanhar seu desenvolvimento a partir dessas produções; o que permite naturalmente representar a coisa na sua totalidade (e examinar ainda a ação recíproca dos seus diferentes aspectos). (MARX; ENGELS, 1980, p. 48-49)

Nesse sentido, toda a produção intelectual, teórica e científica de uma época se forma a partir da prática material e não pode, de maneira alguma, ser substituída apenas pelo esforço do pensamento mediante novas ideias. Nessa particularidade histórica, em que prevalecem relações de dominação e uma classe detém os poderes materiais que subjagam a outra, essa mesma classe é portadora do poder intelectual que faz prevalecer suas ideias e pensamentos sobre a classe dominada. Mais uma vez a divisão do trabalho intelectual e manual é constitutiva das relações de poder que se estabelecem.

Poder-se-á dizer, por exemplo, que no tempo em que reinava a aristocracia, estava-se em pleno reinado dos conceitos de honra, de fidelidade, etc., e que no tempo em que reinava a burguesia existia o reinado dos conceitos de liberdade, igualdade, etc. É o que pensa a própria classe dominante. Esta concepção da história, comum a todos os historiadores, principalmente a partir do século XVIII, chocará com o fato de os pensamentos reinantes serem cada vez mais abstratos, adquirindo cada vez mais uma forma universal. Com efeito, cada nova classe no poder é obrigada, quanto mais não seja para atingir seus fins, a representar o seu interesse como sendo o interesse comum a todos os membros da sociedade, ou exprimindo a coisa no plano das ideias, a dar aos seus pensamentos a forma da universalidade, a representá-los como sendo os únicos razoáveis, os únicos verdadeiramente válidos. (MARX; ENGELS, 1980, p. 57)

Assim, os valores professados pela classe burguesa assumem aparência de universalidade e os princípios burgueses de igualdade e liberdade são fundamentais na sustentação desse modo de produção. A propriedade privada, que inicialmente se limitava à propriedade fundiária, baseada nos instrumentos de produção natural, avança para a propriedade baseada no domínio do trabalho, do trabalho acumulado, do capital. Neste último, cidadãos livres e independentes estabelecem relações de troca como iguais portadores de propriedade. Ocorre que, nessa sociedade, a desigualdade e a falta de liberdade são sua condição de existir, uma vez que apenas uma classe é portadora dos instrumentos e dos meios de produção, enquanto a outra possui apenas o seu trabalho para dispor e vender como mercadoria. Indivíduos isolados e independentes são unidos apenas por relações de troca.

Marx e Engels (1980) compreendem que a maior divisão do trabalho que se operou na história da civilização, permanecendo até os dias de hoje, é a divisão entre trabalho material e intelectual, traduzida na separação entre cidade e campo. É nesta divisão que se realiza a divisão da população em duas grandes classes.

A oposição entre a cidade e o campo só pode existir no quadro da propriedade privada; é a mais flagrante expressão da subordinação do indivíduo à divisão do trabalho, da subordinação a uma atividade determinada que lhe é imposta. Esta subordinação faz de um habitante um animal da cidade ou um animal do campo, tão limitados um como o outro, e faz renascer todos os dias a oposição entre os interesses das duas partes. O trabalho é aqui ainda o mais importante, o poder sobre os indivíduos, e enquanto este poder existir haverá sempre uma propriedade privada. (MARX; ENGELS, 1980, p. 62)

Dessa divisão se seguiram outros desenvolvimentos históricos, tais como a separação entre comércio e produção, a ampliação da relação entre as cidades, o surgimento da manufatura, a ampliação da concorrência entre nações, a constituição das relações monetárias entre trabalhador e capitalista, o desenvolvimento do mercado mundial fazendo insurgir a grande burguesia. O comércio e a navegação superaram a manufatura e, mediante a grande concorrência e disputas entre as nações, deram à Inglaterra a primazia entre as nações. A concentração do comércio e da indústria em um único país possibilitou as condições necessárias para gerar o terceiro período da propriedade privada, criando a grande indústria. Esta, por sua vez, ampliou a concorrência universal, estabeleceu novos meios de comunicação e constituiu o mercado mundial moderno. Então, sobre o poder da grande indústria a história se torna mundial.

Foi ela que criou verdadeiramente a história mundial na medida em que fez depender do mundo inteiro cada nação civilizada e, para satisfação das suas necessidades, cada indivíduo dessa nação, destruindo o caráter exclusivo das diversas nações que era até então natural. Subordinou a ciência da natureza ao capital e retirou à divisão do trabalho a sua última aparência de fenômeno natural. Destruiu, na medida do possível, todos os elementos naturais no interior do trabalho, e conseguiu dissolver todas as relações naturais para as transformar em relações monetárias. (MARX; ENGELS, 1980, p. 74)

Tal desenvolvimento histórico não se desenvolveu igualmente ou com a mesma intensidade em todas as nações. Mas o processo de mundialização imprimiu novas relações entre os indivíduos dessas nações, tanto para o burguês quanto para o proletário. Como a concorrência conduz os indivíduos ao isolamento, estes, por sua vez, formam uma classe independente de sua vontade. A posição de cada indivíduo na vida está limitada à sua classe. O próprio isolamento exige que a grande indústria crie novos meios de comunicação, grandes cidades industriais, recriando essas condições de isolamento.

Nessa totalidade, constituem-se os sujeitos, necessários à produção e à reprodução desta sociedade. No complexo desenvolvimento da divisão social do trabalho na sociedade atual, a forma indivíduo de constituição dos sujeitos substitui o sujeito coletivo que prevalecia nas formas mais rudimentares de produção da vida. Ilusoriamente, o sujeito que daí emerge se torna mais livre.

A diferença entre o indivíduo pessoal oposto ao indivíduo na sua qualidade de membro de uma classe e a contingência das suas condições de existência, só se manifestam com a classe que é um produto da burguesia. Apenas a concorrência e a luta dos indivíduos entre si engendra e desenvolve essa contingência enquanto tal. Por conseguinte, na representação, os indivíduos são mais livres sob o domínio da burguesia do que anteriormente, porque suas condições de existência lhes são contingentes; na realidade, eles são naturalmente menos livres porque se encontram muito mais subordinados a um poder objetivo. (MARX; ENGELS, 1980, p. 81)

O mundo burguês inaugura o aprisionamento do indivíduo com aparência de liberdade. No entanto, a própria condição de carência do ser humano indica que indivíduos livres a rigor não existem. A condição de ser social se dá, pois, na relação com o outro, na exteriorização, cujo ponto de partida é objetivação e subjetivação na relação com o outro, possibilidade única de se reconhecer. Nesse sentido, o sujeito é coletivo e o trabalho de produção da vida material permeia toda a condição de ser social. Porém, nessa forma de organização social, essa condição está obstaculizada pela própria materialidade, e o ser social que daí emerge é o indivíduo livre, produtivo e competitivo.

A falsidade da categoria indivíduo, fruto desse processo histórico de individualização, reside justamente nessa condição de incompletude e carência do ser humano frente à realidade objetiva e da necessidade do outro para sobreviver e satisfazer suas necessidades.

O indivíduo como categoria histórica e social é uma forma de existência que não tem a ver com singularidade e individuação, uma vez que estas se reportam à ideia de universalidade e humanidade. Esse sujeito solitário, isolado, que emerge é fundamental para essa sociedade, pois se funda na perda do sentido de universalidade. Quanto mais individual, mais narcisista, mais adequado à lógica da produção de mercadorias, ele é fundamental nessa particularidade histórica que se produz por ocultamento.

Para que esse sistema se desenvolva, é necessário que o trabalhador seja livre para se oferecer no mercado de trabalho, senhor do seu destino, autônomo, proprietário da sua força de trabalho, sua única propriedade, estabelecendo com os demais proprietários relações contratuais. Também a igualdade é apenas formal, uma vez que um pode comprar e o outro apenas vender.

O que é social, ou seja, o trabalho humano se converte em mercadoria e nisso se processa o ocultamento dessas relações. Há, desse modo, um processo de objetificação do sujeito pela impossibilidade de ele se reconhecer nos objetos que produziu. A criatura se converte em criador num processo objetivo e, ao mesmo tempo, subjetivo.

O caráter oculto que falseia a realidade não se dá na distribuição nem no consumo dos objetos, mas, ao contrário, na produção, momento em que são produzidas as mercadorias e os consumidores para essas mercadorias. E nela se oculta que os objetos produzidos são frutos de relações sociais e não relação entre coisas ou objetos.

Na relação entre o que vai ser produzido e o que será consumido, Marx (1987) analisa a produção, a distribuição, a troca e o consumo. A produção cria os objetos referentes às necessidades, sendo este o ponto de partida, enquanto que o produto é o ponto de chegada, representando o consumo que atenderia tais necessidades. Ocorre que, nesse caminho entre a produção e o consumo, existe uma mediação fundamental que é determinante para a produção, que se configura na produção dos sujeitos que serão consumidores dos objetos e mercadorias gerados no ato da produção. Assim se apresenta:

A produção é, pois, imediatamente consumo; o consumo é, imediatamente, produção. Cada qual é imediatamente seu contrário. Mas, ao mesmo tempo, opera-se um movimento mediador entre ambos. A produção é mediadora do consumo, cujos materiais cria e sem os quais não teria objeto. Mas o consumo é também mediador da produção ao criar para os produtos o sujeito, para o qual são produtos. O produto recebe seu acabamento final no consumo. (MARX, 1987, p. 9)

Nesse entendimento, a produção é determinante de quais produtos e mercadorias serão produzidas, inicialmente como forma de satisfazer às necessidades de consumo, considerando o objeto não como algo em geral, mas como um objeto que deverá ser consumido de uma determinada maneira. Na medida em que surgem novas necessidades de consumo no ato da produção, surge

também a necessidade de se produzir um consumidor, sem o qual a existência de determinado produto não faria sentido. No ato da produção se produzem, ao mesmo tempo, mercadorias, a forma de consumo dessas mercadorias, a necessidade de consumo dessas mercadorias e os sujeitos que serão consumidores dessas mercadorias. Nesse contexto, eles são partes de uma totalidade determinada e determinante da forma de organização da produção.

Marx (1988) chama atenção para um aspecto fundamental dessa sociabilidade, no qual as mercadorias apresentam-se de maneira oculta e, por isso, ganham o caráter de fetiche, uma vez que aquilo que de humano se objetivou na mercadoria ganha vida própria. A mercadoria agrega forma como valor de uso, valor de troca, dinheiro, trabalho, mas o intercâmbio entre mercadorias não aparece como relações sociais de trabalho, visto que, antes, assume a característica de relação entre coisas.

Tais formas constituem, pois, as categorias da economia burguesa. São formas de pensamento socialmente válidas e, portanto, objetivas para as condições de produção desse modo social de produção, historicamente determinado, a produção de mercadorias. Todo o misticismo do mundo das mercadorias, toda a magia e fantasmagoria que enevoa os produtos do trabalho na base da produção de mercadorias, desaparece, por isso, imediatamente, tão logo nos refugiemos em outras formas de produção. (MARX, 1988, p. 73)

Na forma como se produzem as mercadorias, produzem-se novas necessidades não na relação transparente entre os homens, mas nas relações básicas de produção. Nessas mesmas relações de produção, são produzidos os sujeitos necessários ao consumo dessas mercadorias e, conseqüentemente, a circulação desses produtos e o acúmulo de capital.

As mercadorias produzidas agregam valores de uso e de troca que vão além das necessidades imediatas do indivíduo, mas se referem à necessidade imediata da produção de fazer circular os seus produtos. Cada produto gerado na esfera da produção adquire, assim, um caráter qualitativo e promete ao indivíduo muito mais do que o seu valor de uso.

No cerne do processo de dominação, a burguesia precisa se expandir por toda parte, objetiva e subjetivamente, material e espiritualmente falando, de modo a criar objetos e mercadorias, assim como sujeitos consumidores dessas mercadorias, universalizando valores, procedimentos, formas de viver, de sentir e pensar, que

reforçam o ocultamento dessas relações. Porém, em contrapartida, não universalizam os bens materiais e espirituais produzidos a todos os membros dessa sociedade.

Esse procedimento de razão gestado no ato da produção engendra todas as formas de sociabilidade da vida humana, alcançando a cultura, a subjetividade dos sujeitos, além de criar mediações e processos para continuar produzindo e, ao mesmo tempo, reproduzindo as formas atuais de relações materiais de produção da vida na sociedade burguesa. Por intermédio das diferentes instâncias educativas, serão dadas as condições para que os indivíduos internalizem, na cultura, os valores, os princípios que coadunam com essa forma de organização fabril e industrial.

O desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista apontou que o trabalho, como condição ontológica de existência, fruto da relação do homem com a natureza, converteu-se em mercadoria e transformou em relações monetárias a relação entre os sujeitos nessa particularidade histórica. O mesmo trabalho que é produtor de riquezas também é criador do homem e foi por intermédio dele que o homem desenvolveu a linguagem, assim como as formas comunitárias de existência. Tais formas de existência se complexificaram, gerando novos instrumentos de produção, bem como novas formas de divisão social que separaram o homem da relação direta com a natureza, a cidade do campo, o trabalho material do intelectual. A divisão natural do trabalho das famílias ampliou a divisão social do trabalho em famílias isoladas.

Esse mesmo trabalho, fonte de todo o progresso material, também trouxe consequências sociais. Toda prática material torna-se determinante da produção intelectual, teórica e científica, que, sob o domínio da classe, detém o poder material e faz parecer suas ideias e valores como sendo universais. Os sujeitos, agora isolados, independentes e aparentemente livres, estão unidos apenas por relações de troca, estabelecendo entre si relações de concorrência.

Esse indivíduo, ilusoriamente mais livre, está cada vez mais aprisionado a um poder que lhe é estranho e torna-se incapaz de se reconhecer nos objetos que produziu, vez que, nessa sociedade, a condição de reconhecimento e universalidade está obstaculizada pela forma como os homens produzem sua existência. A produção cria os objetos, as mercadorias, a necessidade do consumo dessas mercadorias e os sujeitos necessários ao consumo dessas mercadorias. Cria e

modifica os objetos, ao passo que também atua na constituição do homem e das relações sociais que a partir daí se estabelecem.

O sujeito, cada vez mais individualizado, desprendido dos laços naturais, afetivos e sociais que o ligam a sua comunidade, é necessário na sociabilidade que se institui nessa realidade histórica. Está, pois, em curso um processo de individualização do homem, que, mediado pelo modo de produção, vem alterando as relações na família, nos grupos, nas pequenas e grandes comunidades, nas cidades e no mundo. Isso porque, nesse percurso, a história tende a se tornar mundial, cada vez mais vinculada ao poder do mercado.

1.2 A INDIVIDUALIZAÇÃO MEDIADA PELAS INSTÂNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO

Os processos de individualização em curso, assim como as instâncias de socialização que medeiam e constituem a sociabilidade nessa sociedade, foram objeto de investigação dos filósofos e sociólogos Horkheimer e Adorno (1978), no que tange ao desenvolvimento histórico nessa particularidade.

O indivíduo, que numa visão ingênua ou pré-sociológica poderia ser considerado a antítese da socialização, fora tratado pelos filósofos do século XIX de forma idealista, uma vez que estes se mantiveram alheios à investigação da prevalência do indivíduo isolado da sociedade. “A sociologia pura não existe, tal como não existe uma história pura, uma psicologia ou uma economia pura; o próprio substrato da psicologia – o Indivíduo – não passa de uma abstração, se o retirarmos das suas determinantes sociais” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 20).

A compreensão do homem como indivíduo isolado, absoluto, fundamentou o liberalismo e os seus princípios de propriedade privada e da livre concorrência.

O homem existe na relação com seu semelhante antes mesmo de ser indivíduo, ou de se perceber como um eu. Tudo isso se expressa no conceito de pessoa, que é a forma que cada um se apresenta aos outros, os papéis que cada um representa. Esse conceito reflete o desenvolvimento histórico do indivíduo, que encontrou sua maior expressão na Reforma Protestante.

A definição do homem como pessoa implica que, no âmbito das condições sociais em que vive e antes de ter consciência de si, o homem deve sempre representar determinados papéis como semelhante de outros. [...] Inclusivamente a pessoa é, como entidade biográfica, uma categoria social. Ela só se define em sua correlação vital com outras pessoas, o que constitui, precisamente, o seu caráter social. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 48)

Nesse sentido, cada um de nós assume papéis em relação aos outros semelhantes e essas relações não são externas, mas determinam o que cada um de nós é perante o outro. Portanto, não se pode dizer de um indivíduo puro. Especialmente, a própria condição de carência e dependência do ser humano o impele à necessidade de formar grupos e comunidades, estabelecendo as bases da divisão do trabalho como forma de satisfazer suas necessidades materiais de sobrevivência.

Dessa forma, na filosofia, como também na sociologia, foi se compreendendo o caráter social da natureza humana, havendo assim o entendimento de que a relação indivíduo e sociedade são inseparáveis da relação do homem com a natureza. Compreendeu-se, pois, que somente em sociedade o homem pode desenvolver suas potencialidades.

No entanto, a primazia da sociedade sobre o indivíduo não seguiu um impulso progressista, visto que acompanhou as tendências da Revolução Francesa. Desse modo, Horkheimer e Adorno referem-se a Comte para demonstrar como isso se deu:

Comte pediu, como um precursor do que viria ser a palavra de ordem do fascismo, que os interesses egoístas se subordinassem aos “sociais”, ao bem comum, assim reduzindo o indivíduo, tacitamente, a um mero exemplar do gênero e atribuindo-lhe, portanto, uma importância subalterna. Aliás, sempre que se ouviu os sociólogos clamando contra o egoísmo, tratava-se, de fato, de querer convencer os homens de que não deviam empenhar-se na busca da felicidade. É verdade que, em Comte, isso está ligado a uma compreensão profunda e altamente progressista do indivíduo como produto social, um conceito de origem tardia. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 51)

Nessa visão, o indivíduo, subordinado aos ditames sociais, teve de abrir mão dos seus interesses individuais, pessoais e egoístas em prol da civilidade, manutenção e harmonia da sociedade. Por outro lado, a existência de um indivíduo livre, senhor do seu destino e proprietário de bens e da sua força de trabalho, é

fundamental para a manutenção das relações pautadas no contrato e no direito na sociedade burguesa.

Sendo assim, crer na existência de um indivíduo independente em relação ao todo não passa de aparência. A forma indivíduo é um engodo que sustenta a sociedade baseada no mercado livre, que necessita de sujeitos economicamente livres, proprietários e independentes para comprar ou vender força de trabalho. Portanto, devem estar livres para se oferecerem no mercado de trabalho como proprietários de mercadorias e dos meios de produção ou, em um sentido oposto, como proprietários da própria força de trabalho, aparentemente livres, para vender para quem quiser. Ao reforçar o indivíduo, as relações se convertem em relações contratuais de troca, reforçando os princípios da sociedade burguesa que se instituiu nesse período.

Segundo essa compreensão, o indivíduo, longe de ser um dado natural, refere-se à própria sociedade na forma como ela se organiza nessa particularidade histórica. É, nesse sentido, uma visão falseada da realidade. Como portadores de propriedade, os indivíduos estabelecem relações de troca, que aparentam ser relações entre coisas e mercadorias, sem que se percebam as mediações de trabalho humano inseridas nesse processo. O indivíduo, que compra a força de trabalho daquele que vende, na verdade se apropria de trabalho humano que se objetiva na produção das mercadorias que circulam como coisas, na sociedade da livre concorrência.

Ao considerar o indivíduo tal qual ele se constituiu na sociedade burguesa, os autores enfatizam:

O indivíduo da sociedade burguesa é tiranizado pela oposição entre a existência burguesa-particular e política-universal, e entre a esfera privada e a esfera profissional. Estes antagonismos foram intensificados com o desenvolvimento econômico-político. Como a entronização do princípio de concorrência, a eliminação dos limites das ordens correlativas e o início da revolução técnica na Indústria, a sociedade burguesa desenvolveu um dinamismo social que obriga o indivíduo econômico a lutar implacavelmente por seus interesses de lucro, sem se preocupar com o bem da coletividade. O impulso consciente para atuar nesse sentido foi favorecido pela ética protestante e o conceito burguês-capitalista de dever. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 54-55)

Quanto mais se interioriza a forma indivíduo nas relações sociais, mais a realidade se converte em aparência. Portanto, nessa particularidade, o processo de

individualização em curso impossibilita que os sujeitos se realizem plenamente, pois esta condição de realização e reconhecimento está obstaculizada nessa sociabilidade. Mesmo elementos como a Arte, a Religião e a Ciência, que poderiam se constituir como forma e possibilidade de individuação, tornaram-se posse privada de alguns indivíduos, afastando o indivíduo de si mesmo.

Ocorre que a constituição do ser social se dá mediatizada por processos intimamente vinculados com as relações materiais de produção, sendo parte do processo de humanização, ou seja, de distanciamento do homem em relação à natureza.

O avanço e os progressos realizados pela civilização são constituídos pela materialidade e pela imaterialidade expressas na ordem dos desejos, valores e significados presentes na cultura humana. A constituição do ser social se dá determinada pelas condições materiais e imateriais, num processo indissociável e de influência mútua.

Quanto mais a civilização avança e a divisão social do trabalho se complexifica, alterando as relações de produção, mais o homem se individualiza. A sociabilidade que se constitui no capitalismo é do tipo societário e não mais comunitário, sendo os princípios organizativos da vida social o Estado, o contrato, o direito e a norma, substituindo a religião, as tradições e a linhagem familiar. Emerge um sujeito que não vive mais em grupo, mas que circula sozinho no meio da multidão.

O homem constitui e é constituído por essa sociedade, internaliza os valores professados por ela, bem como suas crenças, intermediado por diferentes instâncias educativas, como a família, a religião, a escola, a indústria cultural, a tecnologia, entre outros. São espaços e instituições que medeiam e são mediados pela materialidade e não estão livres da racionalidade dessa sociedade. Sobre esse aspecto, Horkheimer (1990) afirma:

O processo de produção influencia os homens não só da maneira direta e atual, tal como eles o experimentam em seu próprio trabalho, mas também da forma como ele se situa dentro das instituições relativamente fixas, ou seja, daquelas que só lentamente se transformam, como a família, a escola, a igreja, as instituições de arte e semelhantes. Para compreender o problema por que uma sociedade funciona de uma maneira determinada, por que ela é estável ou se desagrega, torna-se necessário, portanto, conhecer a respectiva constituição psíquica dos homens nos diversos grupos sociais, saber como seu caráter se formou em conexão com todas as forças culturais da época. Conceber o processo econômico como

fundamento determinante do evento significa encarar todas as demais esferas da vida social em sua relação variável com ele e compreendê-lo, não na sua forma mecânica isolada, mas em conjunto com as aptidões e disposições específicas dos homens, decerto desenvolvidas por ele mesmo. (HORKHEIMER, 1990, p.180-181)

O desenvolvimento histórico aponta para uma cisão entre indivíduo e sociedade, na qual os indivíduos não se reconhecem nos grupos e na sociedade da qual fazem parte. Por outro lado, a sociedade, na forma como organiza seus modos de produzir a vida em todos os sentidos, objetiva e subjetivamente, subordina os indivíduos à sua lógica e racionalidade, impedindo-lhes tais possibilidades de reconhecimento e diferenciação. Nessa sociedade, a condição de diferenciação, identidade e individuação encontra-se obstaculizada pela lógica de dominação da sociedade sobre o indivíduo.

A forma indivíduo como realidade histórica é sustentáculo da sociedade do capital, mediante a necessidade de dissimular as relações de dominação e exploração que garantem o funcionamento desse modo de produção. Nesse sentido, essa sociedade não passa de uma abstração se forem desconsiderados seus determinantes sociais, a condição de carência dos seres humanos e a naturalização das relações que são essencialmente humanas, históricas e sociais.

Justamente neste fato filosófico, de que o indivíduo não é compreendido na sua interligação com sociedade e natureza, mas abstratamente é alçado a um ser puramente espiritual, um ser que agora deve pensar e aceitar o mundo como princípio eterno, mesmo que seja como expressão de sua própria essência verdadeira, reflete-se a imperfeição de sua liberdade: a impotência do indivíduo numa realidade anárquica, dilacerada por contradições e desumana. (HORKHEIMER, 1990, p.199-200)

O indivíduo constitui-se nas condições dadas de objetivação, determinada pelas condições históricas de produção e reprodução da sociabilidade em que ele está inserido. Somente em condições determinadas, o sujeito se individualiza e só adquire significação na sociedade capitalista, que tem, na propriedade privada e nas leis do mercado, o fundamento das relações entre os seus membros.

A compreensão do que seja sociedade é relevante para se compreender a abstração da categoria indivíduo:

No seu mais importante sentido, entendemos por “sociedade” uma espécie de contextura formada entre todos os homens e na qual uns dependem dos outros sem exceção; na qual o todo só pode subsistir em virtude da unidade

das funções assumidas pelos coparticipantes, a cada um dos quais se atribui, em princípio, uma tarefa funcional; e onde todos os indivíduos, por seu turno, estão condicionados, em grande parte pela sua participação no contexto geral. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 25)

Portanto, uma relação de dependência se desenvolve no processo de socialização, no âmbito da divisão social do trabalho em diferentes épocas e contextos sociais. A sociedade só existe “na medida em que a convivência entre os homens é mediada, objetivada e institucionalizada” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 32). Na medida em que a civilização avança, tais relações se complexificam e deixam de se sustentar pela força para se estabelecer via liberdade, mediada por relações contratuais e de direito. A liberdade, nessa particularidade, adquire caráter formal, expondo os sujeitos ao mecanismo competitivo de exploração industrial, no qual a livre escolha já vem determinada por agentes externos.

O trabalhador é pobre e tem contra si toda a concorrência de sua própria classe, na escala nacional e na internacional. Atrás de cada indivíduo estão diretamente a fome e a miséria. Seu parceiro de contrato, ao contrário, dispõe não só dos meios de produção, de visão, de influência sobre o governo e de todas as possibilidades da propaganda, mas também de crédito. Esta diferença entre rico e pobre é condicionada socialmente, imposta e mantida pelos homens e mesmo assim apresenta-se como se fosse necessária por natureza, como se os homens em nada pudessem modificá-la. O trabalhador isolado depende com mais premência da conclusão do contrato do que seu parceiro e, em geral, já encontra prontas as condições a que deverá sujeitar-se. (HORKHEIMER, 1990, p. 205)

Esse percurso, pelo qual o sujeito deixa de ser homem da natureza para se tornar indivíduo e se adequar a essa racionalidade, perpassa por processos educativos e instâncias socializadoras da cultura que refletem os engendramentos constitutivos dessa sociedade: o trabalho, a classe, a religião, a escola, entre outros. Não há, portanto, sujeitos mais ou menos socializados, pois todos estão submetidos à ordem da cultura, por instituições que constituem os sujeitos e que são transversalizadas umas pelas outras, conforme aponta Resende:

O indivíduo é socializado sempre e, mesmo antes de nascer, está submetido à família, à religião, à classe, entre outras instâncias. De outra parte, não é possível supor uma independência de cada instância socializadora, porque a totalidade da sociedade implica a interação e a unidade contraditória entre suas estruturas de funcionamento. Assim, a própria forma do indivíduo já é fruto da socialização e as instâncias mediadoras dessa socialização estão inseridas na totalidade da sociedade concreta e fundam seu funcionamento. . (RESENDE, 2012, p. 144)

O processo de individualização permeia as relações sociais, de forma que os sujeitos assim internalizam-no através da cultura, da palavra e da língua. Portanto, a ideia de indivíduo não resiste à condição de ser social, uma vez que estamos sujeitos à mesma língua, valores e subordinados à mesma ordem de cultura, bem como à classe a que pertencemos. Para internalizar uma ordem externa, é preciso passar por processos educativos, e nesse sentido até mesmo as necessidades, que são biológicas, são culturalizadas. “Na tensão entre o indivíduo e a sociedade, a divergência do universal e do particular implica, necessariamente, que o indivíduo não se insere de forma imediata na totalidade social, mas através de instâncias intermediárias” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 25).

A inserção dos indivíduos no conjunto da sociedade se dá mediatizada por grupos que podem ser mais ou menos afetivos, transitórios ou permanentes, institucionais, organizados ou não. Alguns desses grupos agem com maior ou menor influência sobre a personalidade, valores, normas, crenças e comportamentos dos sujeitos. A ação de cada um deles é recíproca e a relação entre indivíduo e sociedade é determinada e determinante do funcionamento da mesma. “A proximidade estreita com outros homens e, por conseguinte, a afiliação em grupo que possibilitam o contato humano imediato, é uma condição óbvia do sentido de humanidade, de um modo geral” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p.71).

Dentre as instituições que cumprem o papel de socialização dos sujeitos desde o nascimento, a família, por ser a primeira instância de inserção dos indivíduos no mundo da cultura, talvez seja a que exerça maior influência e possível resistência aos determinantes sociais, mediante o caráter afetivo que permeia as relações entre seus membros. A família traz em si algo de contraditório frente a essas determinações, uma vez que as relações estabelecidas no seu interior não são exclusivamente regidas pelas leis do mercado.

A família, que em princípio aparecia como uma relação espontânea e natural, vem alterando sua configuração no curso do desenvolvimento histórico, bem como sua capacidade em formar indivíduos autônomos na sociedade moderna. Tais transformações inauguram uma forma de sociabilidade na esfera da vida privada, pautada por laços de hereditariedade, que garantem e justificam a propriedade privada como constituinte das relações sociais. A família torna-se então uma das instâncias socializadoras nessa sociedade e assume papel dos mais importantes na

produção dos indivíduos adequados à manutenção dessa sociabilidade, estando, nesse sentido, submetida a um duplo caráter social:

Por um lado, a crescente socialização – “racionalização”, “integração”, de todas as relações humanas na sociedade de troca plenamente desenvolvida – tende a comprimir e negar ao máximo o elemento irracional e natural-espontâneo, desde o ponto de vista da sociedade, no ordenamento familiar. Por outro lado, o desequilíbrio entre o indivíduo e as forças totalitárias da sociedade intensifica-se de tal modo que, com frequência, o indivíduo é coagido a procurar uma espécie de refúgio, recolhendo-se em microgrupos do tipo família, cuja persistência autônoma parece incompatível com o desenvolvimento geral. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p.133)

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a família assume a função de educar no sentido de constituir os sujeitos na perspectiva da manutenção da ordem burguesa, por outro lado exerce uma oposição a essa forma de sociabilidade. Então, ao se constituir por laços afetivos, funciona como protetora desses indivíduos e conserva em si traços de uma universalidade, o que contrapõe os ideais burgueses. A família é portadora de uma duplicidade, autoritária e repressora, mas que, ao mesmo tempo, protege o indivíduo das pressões da sociedade.

Nesse sentido, a própria tendência de desenvolvimento na sociedade capitalista, que institui formas cada vez mais individualizadas e competitivas de sociabilidade, põe em questão o papel da família ao mesmo tempo em que exige dos indivíduos um controle cada vez maior dos instintos como forma de garantir um mínimo de civilidade. A socialização, inserção dos indivíduos no mundo de cultura, no mundo civilizado, requer cada vez mais a renúncia e o controle dos impulsos e dos desejos individuais. Mas tais impulsos reagem de maneira destrutiva sobre a família. “Esta encontra-se hoje, por assim dizer, entre dois ataques desfechados, simultaneamente, em duas frentes, o do progresso civilizatório, por um lado, e o das tendências irracionais assim acionadas, por outro” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 133).

Desse modo, frente ao processo civilizatório, a família, na sociedade burguesa, entra em crise e sua função encontra-se esvaziada mediante as necessidades de progresso que estão postas na ordem vigente.

Desde as formas de organização familiar primitiva até as formas atuais de configuração familiar, constituídas pelo casamento monogâmico e patriarcal, instauradas pela instituição da propriedade privada e pelo princípio de

hereditariedade, a concepção de família, aos poucos, vai deixando de ser natural para fazer parte do processo histórico, como indica Horkheimer (1990).

Ela constitui um elemento importante do contexto regular que domina este período histórico. Todos os movimentos políticos, morais e religiosos consequentes, cuja finalidade era o fortalecimento e renovação desta unidade, não tinham dúvidas sobre a função fundamental da família como produtora de mentalidade autoritária, e consideravam um dever o fortalecimento da família com todos os seus pressupostos como a proibição de relações sexuais extramatrimoniais, a propaganda de concepção e criação de filhos, a restrição da mulher ao governo da casa. (HORKHEIMER, 1990, p. 224)

Destarte, compreende-se que não existe uma única família universal, mas várias formas de família social e geograficamente definidas, que refletem as transformações por que passam a instituição familiar nos dias de hoje, denominadas de crise da família moderna. Para que ela seja compreendida, há de se considerar o seu desenvolvimento desde o começo da sociedade burguesa.

No seio de um ordenamento total determinado pelo sistema de troca e, portanto, pelo racionalismo individual dos homens em seu trabalho, a família manteve-se como instituição essencialmente feudal, baseada no princípio do “sangue”, do parentesco natural. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 137)

Uma vez mantendo esses princípios, a família mantém fundamentalmente os laços afetivos e sociais na esfera privada. Se, por um lado, ela ainda resiste, por meio de laços afetivos e consanguíneos, da lógica irracional do sistema de troca, baseado em relações de oferta e procura, de domínio exclusivo do capital; por outro, cumpre a função de produzir sujeitos adaptados à sociedade. Isso porque:

[...] somente a autoridade irracional que ia adquirindo corpo na família pôde, no decorrer do tempo, inculcar nos homens as forças que lhes eram indispensáveis para reproduzir, nas condições de assalariados separados do poder de controle dos meios de produção, a sua força de trabalho e, por conseguinte, a sua própria vida. Só a família podia causar nos indivíduos uma identificação com a autoridade, idealizada como ética do trabalho, que substituiu funcionalmente o domínio imediato do senhor sobre os servos da época medieval. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 137)

Da esfera da intimidade familiar surgem os princípios que consolidariam a sociedade burguesa, o sentido do dever, a obediência, o desejo de ser alguém

segundo os ideais burgueses. A família cumpre o papel de internalizar a autoridade, adaptar e subordinar os indivíduos aos interesses dessa sociedade.

A figura do pai assume papel fundamental nesse processo como a figura de autoridade a quem se deve obedecer representando o poder maior. Através da família, o indivíduo internaliza a relação burguesa de autoridade, que se estende para a vida em sociedade, constituindo os sujeitos ideais a essa racionalidade que se funda.

No entanto, as promessas de liberdade e igualdade que essa sociedade faz aos indivíduos não se cumprem, especialmente entre as famílias dos trabalhadores.

Na família trabalhadora, sobretudo – e não por acaso – revelou-se que alguma coisa não funcionava na sociedade da justa e livre troca quando, ao desencadear-se a Revolução Industrial, os filhos dessas famílias foram jogados no processo produtivo como escravos do trabalho. Então, a sociedade burguesa só poderia se perpetuar reforçando a coerção do princípio de troca com outras formas de dependência direta; a família também foi o seu instrumento de ação, no mesmo sentido de que a autocracia paterna agiu da maneira desejada, tanto mais eficazmente quanto mais o próprio pai se encontrasse submetido a pressões econômicas. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 139)

A própria dinâmica social que instituiu a família burguesa, que em si traz esses antagonismos funcionando ora a favor do próprio sistema, ora como ponto de resistência à ordem social, também se caracteriza como ameaça a essa família. Somente quando a família foi capaz de oferecer conforto e proteção aos seus membros, justificou-se a autoridade. Antes, a propriedade privada hereditária era uma justificativa para a obediência e aceitação dessa autoridade. Com o desenvolvimento das capacidades técnicas e de eficiência como forma de ascensão dos indivíduos, a família, bem como a autoridade que ela representa, perde o sentido.

A família, que em muito contribuiu para a repressão dos instintos imposta pela sua autoridade, efetivada pela promessa de futuras compensações e de proteção, de garantia da vida material, perdeu sua força e entrou em contradição com as próprias exigências e com aquilo que é capaz de oferecer.

Sendo assim, as mulheres assumiram novos papéis na constituição familiar e no desenvolvimento da sociedade burguesa, que ultrapassaram as

obrigações domésticas, assumindo, de certa forma, o papel de autoridade na relação familiar na ausência do pai.

A par da opressão brutal que sofreu por longos anos, a emancipação da mulher revelou as contradições de uma família que contrariava a lógica de uma sociedade que deveria se constituir por indivíduos livres.

A crise da família é a crise de desintegração da humanidade. Enquanto se vislumbra a possibilidade de uma total realização do direito humano na emancipação da mulher, obtida em virtude da emancipação da sociedade, não é menos previsível uma recaída na barbárie, tão depressa ocorra a atomização e dissolução da coletividade. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 141)

A mesma sociedade que se utiliza da família na constituição dos indivíduos adequados a essa sociabilidade, ora promovendo a repressão dos desejos individuais em prol das necessidades coletivas, ora pela constituição do sentimento de dever e da moral com vistas ao desenvolvimento do mercado, promoveu a diluição da família tradicional burguesa, eliminando a noção de pertencimento e coletividade e dando lugar ao individualismo exacerbado.

Desse modo, há uma resistência por parte da instituição familiar, que somente sobrevive como “instituição de cultura”, alvo também da publicidade e da indústria cultural, que, embora tente constituir um modelo de família exemplar, não resiste às relações de troca. Assim, as relações afetivas dão lugar à frieza, os indivíduos tornam-se substituíveis, o divórcio se torna mais popular que o matrimônio (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 142).

Assim a família, na sociedade burguesa tardia, encontra-se frequentemente numa situação que não difere muito da do cadáver que, em plena civilização, recorda a todos a relação com a natureza e será higienicamente incinerado... quando não embelezado por cosméticos[...] (ADORNO; HORKHEIMER, 1978, p. 134)

Frieza, indiferença e solidão tomam o lugar, na sociedade burguesa, dos antigos laços de família. Mas nem mesmo a sociedade moderna, com suas promessas infinitas de realização, conseguiria substituir adequadamente a figura paterna. Diante do pai, os filhos aprendiam a atribuir as causas dos seus fracassos a questões pessoais e individuais. E, se fossem associados aos laços afetivos maternos, era possível desenvolver sujeitos capazes de lidar com diferentes

situações, tanto de autoridade como de liberdade. Caso as famílias cumprissem seus papéis, os filhos adquiriam capacidade de amar e agir com coerência em sua conduta. Mas, com a decadência da família, os indivíduos estão cada vez mais sujeitos ao domínio totalitário que gerou essa decadência.

A efetiva debilidade do pai na sociedade, que tem sua origem na redução da esfera da concorrência e da livre iniciativa, penetra assim até as células mais profundas do equilíbrio psíquico-moral, a criança já não pode identificar-se totalmente com o pai, não pode fazer a interiorização das exigências impostas pela família que, apesar de seus aspectos repressivos, contribuía de uma forma decisiva para a formação do indivíduo autônomo. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 144)

Tanto a família quanto o ego seguem enfraquecidos alheados de si, e os indivíduos atingem a característica de átomos sociais, tal qual se prevê na teoria liberal. O indivíduo está fadado à solidão e, sem nenhuma identificação com a figura do pai, busca uma representação deste que seja forte, poderoso, e que ofereça a segurança que a família não mais oferece. Abre-se assim campo para a ação de ideologias totalitárias.

Os jovens manifestam a tendência a submeter-se a qualquer autoridade, seja qual for o seu conteúdo, desde que ela ofereça proteção, satisfação narcisista, vantagens materiais e a possibilidade de descarregar sobre os outros o sadismo, em que a desorientação inconsciente e o desespero encontram uma cobertura. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 145)

Situações como essas permitiram que acontecesse o III Reich, numa substituição levada ao extremo de uma autoridade familiar quase inexistente. Em uma compreensão freudiana, a figura paterna é substituída por grupos secundários e por líderes, quando há ausência de autoridade. Então, mediante tamanho desamparo, constituiu-se um procedimento de razão incapaz de aceitar o diferente, uma vez que o indivíduo perdeu a capacidade de se reconhecer e se referenciar no outro.

Emerge dessa condição um sujeito frágil, bloqueado na sua capacidade de se relacionar, incapaz de suportar o diferente, sujeito às pressões da sociedade, capaz de aderir a inúmeras possibilidades que lhe são apresentadas como forma de autoridade.

O avanço do processo de socialização com a mundialização das relações capitalistas põe em questão o papel da família e exige dos indivíduos um controle e

uma renúncia cada vez maiores dos instintos que reagem diretamente sobre a família. Horkheimer (1990) lembra-nos de que tais renúncias sempre se fizeram por atos de coação, a fim de garantir que os homens se tornassem plenamente civilizados.

Se, no entanto, a coação passada e a presente penetram até mesmo nas mais sublimes manifestações da alma humana, então esta mesma, bem como todas aquelas instituições mediadoras como a família, escola e a igreja pelas quais ela é formada, tem sua legitimidade própria. O papel da coação, que caracteriza não apenas o começo, mas também a evolução de todas as formações políticas, não pode sequer ser superestimado ao explicar a vida social na história até hoje. Ele consiste não só nas punições de qualquer um que fira a ordem imposta, mas também na fome do indivíduo e dos seus que o obriga a sempre sujeitar-se de novo às condições dadas de trabalho das quais faz parte seu bom comportamento na maioria das esferas da vida. (HORKHEIMER, 1990, p.183)

Nesse sentido, a regulamentação das uniões, o amor romântico, a sexualidade, o carinho, a amizade, a lealdade, que em princípio podem parecer constituintes da natureza humana, fazem parte dos elementos culturais e do desenvolvimento social nessa sociabilidade. Assim como a família, a religião e a escola, entre outras instituições sociais, podem contribuir para manter ou perturbar a ordem estabelecida em uma sociedade. Desse modo, são determinantes e determinadas por ela e são transversalizadas umas pelas outras, no que se referem aos valores, hábitos, atitudes e procedimentos.

Não se trata, porém, de relações naturais imutáveis, nem tampouco definitivas, mas que são relações contraditórias, ora de conformação, ora de resistência, determinadas pelos modos de produção e determinante destes. Elas são determinadas muito mais pela sociabilidade instituída em cada modo de produção do que pela vontade ou pelo desejo de cada sujeito.

Contudo, o impulso de submissão não é uma grandeza eterna, mas um fenômeno originado essencialmente na família unicelular burguesa. Se na educação prevalecem, benevolência ou a coerção, não vem ao caso aqui; pois o caráter infantil é formado muito mais pela própria estrutura da família do que pelas intenções e métodos conscientes do pai. (HORKHEIMER, 1990, p. 223)

É importante salientar que os indivíduos, mesmo antes de nascer, estão inseridos num processo civilizatório milenar, atravessado por diferentes instâncias socializadoras e educativas que não são, de forma alguma, independentes umas

das outras. Estas são instituições que modificam sua estrutura pela influência dos grupos e tanto mais pelas mudanças na ordem da produção material e do desenvolvimento na sociedade industrial. Nesse sentido, a família, como instância primária de socialização, está transversalizada e é mediada pelas demais instituições da cultura, a saber: a escola, os grupos, o trabalho, a religião, a indústria cultural, a tecnologia, entre outros.

Fatores históricos e sociais também interferem na formação dos grupos, visto que progressos tecnológicos, no âmbito das comunicações e do transporte, alteram significativamente a relação entre os grupos, colocando em contato indivíduos que, anteriormente, mantinham relações circunscritas às suas aldeias. “Quanto mais a ideologia insiste na autonomia do grupo, tanto mais os próprios grupos, como instâncias mediadoras entre a totalidade e o indivíduo, são determinados, de fato, pela estrutura da sociedade” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 74).

Na sociedade moderna, as objetivações humanas na realidade social, como produções materiais na ordem da economia, da cultura, dos valores, das ideias, das formas de agir e de pensar, são frutos da racionalidade industrial, pragmática e competitiva que sustenta a sociedade capitalista. Todas as instâncias educativas envolvidas na formação e socialização dos sujeitos são mediadas por essa racionalidade, ao tempo em que atuam como reprodutoras do próprio sistema, que necessita constantemente se reproduzir para continuar existindo.

Está em curso, no processo civilizatório, a mundialização dessa forma de produzir a vida material, social e espiritual, que não elimina as formas anteriores, mas expande ao grau máximo a luta de classes, mantendo em condição de exploração e opressão os sujeitos que, historicamente, estiveram na condição de submissão.

Nesse sentido, os avanços tecnológicos, que permeiam e constituem o modo de produção e a materialidade das relações sociais na sociedade atual, nada mais são que o desenvolvimento do que estava em germe nos anos iniciais do modo de produção capitalista. Marx elucida então este aspecto:

A burguesia, durante seu domínio de classe, apenas secular, criou forças produtivas mais numerosas e mais colossais que todas as gerações passadas em conjunto. A subjugação das forças da natureza, as máquinas, a aplicação da química à indústria e à agricultura, a navegação a vapor, as

estradas de ferro, o telégrafo elétrico, a exploração de continentes inteiros, a canalização dos rios, populações inteiras brotando da terra como por encanto – que século anterior teria suspeitado que semelhantes forças produtivas estivessem adormecidas no seio do trabalho social? (MARX, s.d., p. 25)

Dessa forma, toda a evolução tecnológica derivada da Revolução Industrial alterou não só as bases da produção material como agiu sobre a sociabilidade dos indivíduos inseridos nesse contexto.

Horkheimer e Adorno (1978) direcionam a crítica aos aspectos caóticos e monstruosos da civilização técnica dos nossos dias não ao conceito de civilização ou da técnica, mas à irracionalidade dessa racionalidade que sujeita o homem como servidor ou consumidor forçado do que a civilização produz.

O absurdo econômico, em cuja teia a tecnologia se enredou, não já o progresso técnico como tal, faz pesar sua ameaça sobre o Espírito e agora, também, sobre a própria sobrevivência física da humanidade. Sem dúvida, está ficando difícil separar o progresso técnico, não da civilização mas da prostração na idiotia, em tal medida os homens estão sendo marginalizados do processo de produção de bens. A técnica é dona só do corpo como do espírito dos homens e há uma cortina de mistificação tecnológica, tal como existe uma “cortina monetária”, de que a teoria econômica nos fala. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 98-99)

É nesse sentido que o consenso em torno do modo de produção capitalista, das tecnologias como fruto do progresso civilizatório, assim como as relações sociais que se estabelecem entre os sujeitos nessa particularidade, aparecem como formas naturais e universais que sempre existiram. A naturalização dos fatos tem a intenção de obscurecer tais relações. O indivíduo então adere de bom grado às falsas promessas de uma sociedade que impõe renúncias como garantia da civilidade em troca de gratificações substitutivas, seja na ilusão de liberdade, seja através das mercadorias, das técnicas e tecnologias que se atualizam na sociedade contemporânea.

1.3 DA RACIONALIDADE INDUSTRIAL À RACIONALIDADE TECNOLÓGICA

Deriva do processo de universalização do sistema capitalista o desenvolvimento das ciências e de novas tecnologias de transporte, informação e

comunicação, necessárias à expansão desse modo de produção por todo o globo. Isso porque a evolução tecnológica modificou não só a organização do trabalho e os sistemas de produção, mas alterou todas as formas de sociabilidade humana, sempre em nome do progresso e da promessa de melhoria nas condições materiais, objetivas e subjetivas da vida humana.

A evolução tecnológica se fez acompanhar de mudanças na estrutura e organização do trabalho, da produção e da sociabilidade, desde a fábrica até as relações domésticas. A produção de aparatos tecnológicos, como os *smartphones* (celulares inteligentes), os computadores de última geração, *tablets*, entre outros, assim como a invenção da internet e de redes sociais de comunicação, alterou de forma significativa a relação entre grupos, provocou uma compressão espaço-temporal que toma conta do tecido social e atinge todas as esferas de sociabilidade humana.

No que se refere ao progresso tecnológico, Marcuse (1979) desenvolveu as análises feitas por Marx sobre o grau extremo de exploração, de alienação e de conformismo a que estão submetidos os sujeitos. A sociedade industrial trouxe progressos no âmbito das ciências e tecnologias, mas, em contrapartida, reafirmou, num grau muito elevado de reificação e conformismo, as promessas iluministas de progresso, liberdade e igualdade.

O desenvolvimento material dessa sociedade aponta um caminho sem volta, tornando difícil visualizar alternativas históricas que se oponham à realidade atual. Nesse sentido, o domínio da sociedade sobre o indivíduo é ainda maior do que antes. Estão postas novas formas de dominação, mais poderosas e eficazes, na medida em que os sujeitos tendem a aderir e se submeter de modo pacífico e quase sem questionamentos.

Marcuse (1979) problematiza acerca da irracionalidade dessa sociedade, em que progresso rima com destruição, riqueza com desperdício, em que a paz está atrelada à ameaça de guerra. Desse modo, os meios de informação e de comunicação de massa não encontram dificuldades em fazer com que os interesses particulares e aspirações individuais sejam validados como sendo interesses e aspirações de todos.

As aptidões (intelectuais e materiais) da sociedade contemporânea são incomensuravelmente maiores do que nunca dantes – o que significa que o alcance da dominação da sociedade sobre o indivíduo é

incomensuravelmente maior do que nunca dantes. A nossa sociedade se distingue por conquistar as forças sociais centrífugas mais pela Tecnologia do que pelo Terror, com dúplice base numa eficiência esmagadora e num padrão de vida crescente. (MARCUSE, 1979, p.14)

Nesse sentido, a tecnologia, elevada à condição de fetiche, reconcilia e integra forças até então antagônicas, em nome das promessas de progresso, liberdade e da satisfação de necessidades que nem sempre são reais. O fato de que todos queiram, todos desejem e de que todos aspirem não significa que sejam necessidades reais. E nesse sentido Marcuse aponta para a necessidade de distinguir necessidades reais de necessidades falsas, sendo estas produzidas no mundo das mercadorias, tendo a ciência e a tecnologia como aporte subjetivo de sedução e de conquista dos indivíduos.

Desse modo, sem uso de instrumentos de força ou de coação, a sociedade industrial, com todo o seu aparato de produção e distribuição, tem efeitos sociais e políticos, eliminando conflitos, tensões e contradições entre interesses até então antagônicos.

Nessa sociedade, o aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais. Oblitera, assim, a oposição entre a existência privada e pública, entre necessidades individuais e sociais. A tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social. (MARCUSE, 1979, p.18)

A tecnologia, portanto, não pode ser isolada das relações sociais e dos interesses que a constituem, tampouco das suas funcionalidades. Assim como as demais produções humanas, ela corresponde a um sistema de dominação e forma de organização social que significa sempre uma escolha entre diferentes alternativas, disputa entre interesses antagônicos. Não pode ser vista como produto independente no universo político, social, econômico e cultural, visto que produz significação no campo da linguagem e das ações.

A pretensa neutralidade tecnológica, fomentada pelas classes dominantes, na exploração do homem e da natureza pelo homem, antes como agora é sustentada por um poder político e intelectual. Como já anunciado por Marx e Engels (1980), a classe portadora dos meios de produção material é a mesma que

detém o poder intelectual, e sua ação não se restringe aos produtos e mercadorias, mas à produção dos sujeitos necessários ao consumo das mesmas.

A sociedade industrial produz a perfeita conformação com o atual estado de coisas, vez que a liberdade e o progresso são a moeda de troca que regula e manipula os interesses individuais. No entanto, liberdade nessa sociedade adquire cada vez mais o caráter de coerção e de sujeição dos sujeitos aos interesses dominantes. Para Marcuse, a liberdade adquire novas significações:

Assim, liberdade econômica significaria liberdade de economia – de ser controlado pelas forças e relações econômicas; liberdade de luta cotidiana pela existência, de ganhar a vida. Liberdade política significaria a libertação do indivíduo da política sobre a qual ele não tem controle eficaz algum. Do mesmo modo, liberdade intelectual significaria a restauração do pensamento individual, ora absorvido pela comunicação e doutrinação em massa, abolição da “opinião pública” juntamente com os seus forjadores. (MARCUSE, 1979, p. 25-26)

Sendo assim, a força dessa sociedade torna-se mais eficaz na medida em que elabora necessidades materiais e intelectuais que perpetuam as formas atuais de existência. As necessidades humanas, que sobretudo são necessidades históricas, nessa particularidade estão submetidas à sociedade e aos padrões por ela impostos. Tanto as necessidades individuais quanto o direito à satisfação estão sujeitos aos interesses sociais particulares.

Para Marcuse (1979), as necessidades falsas partem de um todo, ou seja, de interesses sociais que perpetuam as atuais formas de dominação e de conformidade com as mercadorias produzidas e com os anúncios que promovem a sedução a estas mesmas mercadorias. As necessidades reais seriam aquelas ligadas diretamente às necessidades vitais de sobrevivência e de existência digna, de superação da miséria e da exploração do trabalho humano. No entanto, a distinção de tais necessidades só poderia ser realizada em condições de real liberdade, condição esta que se encontra obstaculizada pela racionalidade da sociedade industrial.

O aplanamento das diferenças sociais e de interesses antagônicos acaba por se tornar eficaz nas atuais formas de dominação, vez que, na esfera do consumo, todos são igualmente livres para realizarem suas escolhas.

Defrontamos novamente com um dos aspectos mais perturbadores da civilização industrial desenvolvida: o caráter racional de sua irracionalidade.

Sua produtividade e eficiência, sua capacidade para aumentar e disseminar comodidades, para transformar o resíduo em necessidade e a destruição em construção, o grau com que essa civilização transforma o mundo objetivo numa extensão da mente e do corpo humanos tornam questionável a própria noção de alienação. As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, *hi-fi*, casa em patamares, utensílios de cozinha. (MARCUSE, 1979, p. 29)

Nesse sentido, as mercadorias adquirem qualidades humanas e conferem *status* aos indivíduos, num processo extremo de alienação e submissão à racionalidade tecnológica. Desse modo, os indivíduos só se reconhecem na posse de seus produtos e o controle cada vez maior se dá pelas novas necessidades e mercadorias que essa sociedade produz e atualiza, cujas formas são essencialmente tecnológicas e sedutoras.

Depreende-se que a tecnologia é um caminho sempre crescente, constitui as novas formas de sociabilidade na sociedade contemporânea, medeia os processos de constituição, reconhecimento e identificação dos indivíduos. De forma avassaladora, a realidade tecnológica invade os espaços coletivos e privados dos sujeitos, como bem afirma Marcuse, sendo a própria personificação da razão para o bem comum. Estende-se muito além da fábrica, não poupa a cultura, a arte, o lazer, o descanso, criando uma reciprocidade do indivíduo com a sociedade. O indivíduo não apenas se identifica, mas, por um processo de alienação progressiva, deseja essa sociedade, aceita as leis que lhe são impostas. Então, mediante as conquistas do progresso, a falsa consciência se torna real.

Nessa perspectiva, o autor reafirma o caráter político da racionalidade tecnológica, que gera um padrão de pensamento e de comportamento “unidimensional” e ainda reduz os anseios e aspirações individuais à racionalidade desse universo.

O aparato produtivo e as mercadorias e serviços que ele produz “vendem” ou impõem o sistema social como um todo. Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias casa, alimento e roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo. Os produtos doutrina e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos à disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. (MARCUSE, 1979, p. 32)

Assim, todo o progresso técnico conquistado na sociedade industrial está diretamente conectado aos interesses políticos e haveria de ser direcionado à melhoria das condições humanas de trabalho, redução da jornada diária, eliminação das condições degradantes de sobrevivência e da miséria. No entanto, tal progresso tem servido aos interesses da classe que detém os meios de produção material e intelectual, que mantém em níveis elevados a condição de exploração humana e da natureza.

Em uma passagem do texto *O mal-estar na civilização*, Freud (1930) coloca em questionamento os avanços e progressos, as conquistas realizadas no âmbito das tecnologias, em contraposição às promessas de felicidade e de resolução dos anseios humanos.

Ao destacar os avanços técnicos e científicos que possibilitaram o contato com pessoas que estivessem a quilômetros de distância, a diminuição da mortalidade infantil, o prolongamento da vida do homem civilizado, assim como tantos outros progressos que poderiam ser elencados, Freud faz algumas indagações:

Não havendo estradas de ferro para vencer as distâncias, o filho jamais deixaria a cidade natal, não seria necessário o telefone para ouvir-lhe a voz. Sem navios transatlânticos, o amigo não empreenderia a viagem, e eu não precisaria de telégrafo para acalmar minha inquietação por ele. De que nos serve a diminuição da mortalidade infantil, se justamente ela nos força a conter enormemente a procriação de sorte que afinal não criamos mais filhos do que nos tempos anteriores ao domínio da higiene, mas por outro lado dificultamos muito a nossa vida sexual no casamento e provavelmente contrariamos a benéfica seleção natural? E, enfim, de que nos vale uma vida mais longa, se ela for penosa, pobre em alegrias e tão plena de dores que só podemos saudar a morte como uma redenção? (FREUD, 2010, p. 46-47)

Nesse sentido, a tecnologia não tem sido direcionada para elevar as condições humanas objetivas e subjetivas e, em contrapartida, recria novas formas de servidão ainda mais eficazes. Ao fazê-lo, incorpora o trabalhador como objeto nessa sociedade irracional e administrada. Sem possibilidades de estabelecer nexos entre passado, presente e futuro, os indivíduos tendem a pensar que as coisas sempre foram assim e que não há alternativa histórica.

O homem torna-se mero aparato no processo produtivo. Então, o véu tecnológico encobre o fato de que surgiram novas formas de servidão e escravidão, não pelo uso da força ou da coerção, mas pela própria adesão dos sujeitos à

racionalidade que lhes é imposta. Sem condições reais de liberdade, os indivíduos não conseguem distinguir as necessidades reais das que lhes são impostas, e sucumbem mediante o progresso que eleva seu padrão de vida, mas os mantém numa condição de objetificação e alienação.

Se os indivíduos estão satisfeitos a ponto de se sentirem felizes com as mercadorias e os serviços que lhes são entregues pela administração, por que deveriam eles insistir em instituições diferentes para a produção diferente de mercadorias e serviços diferentes? E se os indivíduos estão pré-condicionados de modo que as mercadorias que os satisfazem incluem também pensamentos, sentimentos, aspirações, por que deveriam desejar, pensar, sentir e imaginar por si mesmos? (MARCUSE, 1979, p. 63 - 64)

Há um processo de harmonização e adaptação dos indivíduos, de forma que os elementos culturais, como arte, política, religião, entre outros, são incorporados como mercadorias pelos meios de comunicação de massa. Assim como os desejos, os anseios, a sexualidade, a linguagem e a subjetividade são absorvidos pela racionalidade tecnológica. “Esta sociedade transforma tudo o que toca em fonte potencial de progresso e de exploração, de servidão e satisfação, de liberdade e de opressão. A sexualidade não constitui exceção” (MARCUSE, 1987, p. 87).

Mais uma vez, a realidade nos aparece invertida, o falso se torna real, o irracional é visto como racional. Tem-se que os sujeitos conformados, adaptados e felizes se identificam com a ordem estabelecida e reconhecem o que se apresenta na realidade imediata como verdade inquestionável.

Na racionalidade da sociedade industrial, há uma valorização do tempo presente em detrimento da memória e história, que poderiam trazer de forma indesejável lembranças que dariam condições para que os sujeitos questionassem o atual estado de coisas. A esse respeito, Marcuse (1979) indaga:

Será essa luta contra a história parte da luta contra uma dimensão da mente na qual se podem desenvolver faculdades e forças centrífugas – faculdades e forças que podem impedir a coordenação total do indivíduo com a sociedade? A lembrança do passado pode dar surgimento a perigosas introspecções, e a sociedade estabelecida parece apreensiva com os conteúdos subversivos da memória. (MARCUSE, 1979, p. 104)

Não por acaso a linguagem vem sendo substituída por informação, os conceitos por imagens que, nas formas atuais de comunicação, falam por si. O

tempo presente atualiza e reafirma a racionalidade tecnológica e mantém a lógica de dominação do homem e da natureza. “Hoje, a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas como tecnologia, e esta garante a grande legitimação do crescente poder político que absorve todas as esferas da cultura” (MARCUSE, 1979, p.154). Nesse sentido, a não liberdade e a submissão não parecem irracionais, visto que todo o aparato técnico e tecnológico traz facilidades e progressos materiais.

Estão, pois, em curso a desumanização do homem, a objetificação das relações sociais, a perda do sentido de realidade, bem como a incapacidade em distinguir o verdadeiro do falso. O que é qualitativo torna-se quantitativo e isso se alastra sobre todo o modo de produzir a vida e constitui as relações sociais que perpassam pela família, escola, grupos, religião, cultura e demais instâncias de socialização. Portanto, a tecnologia medeia a sociabilidade contemporânea.

O que se vê é um progresso cada vez mais avassalador no âmbito da ciência e da tecnologia, num descompasso enorme do acesso a esse progresso pela maioria da população. A ideia de que os produtos tecnológicos disponíveis no mercado estão ao acesso de todos e podem ser consumidos por todos mais uma vez produz a ilusão de igualdade e de liberdade. Quanto mais progresso mais contradição e o desenvolvimento da sociedade se faz acompanhar da eminência de destruição.

O limite dessa racionalidade reside no fato de que os homens se tornaram servos e consumidores desse modo de produção. Os bens que são por eles produzidos a eles são negados, ficando as benesses da civilização entregues à mão invisível do mercado e das instituições econômicas.

A sociabilidade que se produz mediada pela tecnologia afasta o sujeito de si mesmo e lhe impossibilita que se reconheça como membro de sua coletividade. Mais uma vez o sujeito é conduzido ao isolamento, numa temporalidade outra, cada vez mais acelerada, que impõe às relações sociais um ritmo muito próprio da produção das mercadorias. As tecnologias, ao menos na aparência, colocam esses sujeitos em conexão, ultrapassando as barreiras do tempo e do espaço, mas sem sentido de universalidade.

O processo de expansão e globalização do modo de produção capitalista mediante a revolução tecnológica, no âmbito das tecnologias de informação e comunicação, modificou não só o trabalho como meio de produção material, mas

também a sociabilidade humana, que se vê alterada na relação entre os grupos, coletividades, na relação com o tempo, com os espaços, interferindo na capacidade do ser humano de estabelecer nexos entre passado, presente e futuro.

Os progressos técnicos realizados no âmbito das ciências e das tecnologias não foram direcionados, na mesma proporção, ao alívio da labuta e melhoria das condições de trabalho e exploração do proletariado, mas, ao contrário, produziram, em grau elevado, a submissão e alienação dos sujeitos à racionalidade tecnológica, de forma que os indivíduos se conformam à tal racionalidade

Junto às novas tecnologias vêm as promessas de liberdade, igualdade e satisfação de necessidades, que apenas na aparência são necessidades próprias do indivíduo. As mercadorias produzidas sob a égide da racionalidade tecnológica são capazes de aglutinar qualidades humanas, de satisfazer necessidades e de produzi-las de forma que, ao serem consumidas, revelam-se como perda de si e não como real satisfação do humano, nem como individuação, mas como perda do sujeito. Os indivíduos se reconhecem nas mercadorias e nos objetos que possuem, que se tornam extensão do seu corpo e da sua memória.

O processo de individualização humana em curso desde os primeiros anos do modo de produção capitalista alcança níveis ainda maiores na contemporaneidade, quando novos produtos e mercadorias, no âmbito das tecnologias, possibilitam novas formas de comunicação que prescindem do contato presencial com outros seres humanos e fixam as relações sociais ao tempo presente, como se não houvesse um passado e nem possibilidades outras para o futuro. Tais processos de alienação e reificação não poupam a ciência, a cultura, a arte, o lazer e demais produções humanas. E, sem que seja necessário o uso de instrumentos de força ou coerção, os indivíduos querem e aderem a essa racionalidade.

1.4 AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO COMO NEXO CONSTITUTIVO DA SOCIABILIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A capacidade de universalização do modo de produção capitalista alcança níveis exponenciais mediante os avanços das tecnologias de informação e comunicação que potencializam as bases materiais de produção em ritmo acelerado. Não mais circunscritas a comunidades, cidades ou países, economias do

mundo inteiro mantêm interdependência global através de redes de computadores que criam novas formas e possibilidades de comunicação, bem como alteram as noções de tempo e espaço como referência da experiência social.

Mudanças drásticas ocorreram no setor da tecnologia, economia, política, cultura e ciência desde o surgimento da internet, resultando num sistema de rede mundial de computadores que interliga o planeta através de inúmeras formas de conexão.

Manuel Castells (2010) é um dos autores que tem se dedicado a analisar algumas das consequências sociais desses processos, consideradas por ele como a revolução da tecnologia da informação, como parte da reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 1980. Nessa fase, novas estruturas sociais atreladas a um novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo, irão permear os modos de produzir a vida, as experiências individuais e coletivas, bem como as relações de poder que daí se sucedem, ou seja, a forma como os sujeitos se relacionam em sociedade. Estão em causa transformações na ordem da cultura material por intermédio das tecnologias da informação.

Por tecnologias da informação, o autor inclui,

[...] o *conjunto convergente* de tecnologias em microeletrônica, computação (*software e hardware*), telecomunicações/rádiodifusão, e optoeletrônica. Além disso, diferentemente de alguns analistas, também incluiu nos domínios da tecnologia da informação a engenharia genética e seu crescente conjunto de aplicações. (CASTELLS, 2010, p. 67)

Nesse sentido, considera o atual período histórico como algo da mesma envergadura que foi a Revolução Industrial do século XVIII, que ora permeada pelas tecnologias de informação, processamento e comunicação alcança o tecido social e promove discontinuidades nas bases materiais da economia da sociedade e da cultura. Mais do que simples ferramentas a serem aplicadas, essas tecnologias possibilitam aos seus usuários o controle das mesmas, como no caso da internet, por exemplo. Isso é algo revolucionário na perspectiva do autor, que vê, pela primeira vez na história, a mente humana se tornar força direta de produção, não sendo apenas um instrumento do sistema produtivo.

Assim, computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana. O que pensamos e como pensamos é expresso em bens,

serviços, produção material e intelectual, sejam alimentos, moradia, sistemas de transportes e comunicação, mísseis, saúde, educação ou imagens. A integração crescente entre mentes e máquinas, inclusive a máquina de DNA, está anulando o que Bruce Mazlish chama de a “quarta descontinuidade” (aquela entre seres humanos e máquinas), alterando fundamentalmente o modo pelo qual nascemos, vivemos, aprendemos, trabalhamos, produzimos, consumimos, sonhamos, lutamos ou morremos. Com certeza, os contextos culturais/institucionais e a ação social intencional interagem de forma decisiva com o novo sistema tecnológico, mas esse sistema tem sua própria lógica embutida, caracterizada pela capacidade de transformar todas as informações em um sistema comum de informação, processando-as em velocidade e capacidade cada vez maiores e com custo cada vez mais reduzido em uma rede de recuperação e distribuição potencialmente ubíqua. (CASTELLS, 2010, p. 69)

Tais progressos alteram profundamente as noções de tempo, espaço, nos quais as tecnologias, não mais circunscritas a uma área geograficamente limitada, promovem uma conexão global num processo extremamente veloz através da tecnologia da informação.

Inegáveis são os efeitos positivos a longo prazo das tecnologias industriais na qualidade de vida, no aumento da expectativa de vida, entre outros progressos nos registros históricos. Dos principais avanços nas revoluções industriais anteriores, o autor destaca a invenção da máquina a vapor como central na Revolução Industrial que alterou a velocidade e a extensão com que essa podia ser levada. A eletricidade foi a força da segunda Revolução Industrial, uma vez que, através dela, outros campos puderam se desenvolver. Assim foi o telégrafo elétrico que só conseguiu se desenvolver em uma rede de comunicação, conectando o mundo em larga escala mediante a eletricidade, que, a partir de 1870, mudou os transportes, telégrafos, iluminação e o trabalho nas fábricas através da energia na forma de motores elétricos (CASTELLS, 2010, p. 74-75).

Portanto, atuando no processo central de todos os processos – ou seja, a energia necessária para produzir, distribuir e comunicar – as duas Revoluções Industriais difundiram-se por todo o sistema econômico e permearam todo o tecido social. Fontes móveis de energia barata e acessível expandiram e aumentaram a força do corpo humano, criando a base material para a continuidade histórica de um movimento semelhante rumo à expansão da mente humana. (CASTELLS, 2010, p. 75)

Estamos mais uma vez diante de tecnologias que expandem não só a força do corpo humano, mas o alcance da mente humana num sistema mundial em rede. Na história da revolução da tecnologia da informação, o autor destaca três momentos importantes: microeletrônica, computadores e telecomunicações. Estes

incluem procedimentos de miniaturização, especialização e queda de preços em diversas máquinas; criação do computador pessoal, que passou a atuar em rede; e ainda avanços na área das telecomunicações, como roteadores, novas tecnologias de transmissão, telefonia celular digital, entre outros.

Cada grande avanço em um campo tecnológico específico amplifica os efeitos das tecnologias da informação conexas. A convergência de todas essas tecnologias eletrônicas no campo da comunicação interativa levou à criação da Internet, talvez o mais revolucionário meio tecnológico da Era da Informação. (CASTELLS, 2010, p. 82)

Nesse sentido, a internet, para além de uma tecnologia, torna-se um meio de comunicação, interação e organização social, que tece as relações sociais na sociedade contemporânea. Por intermédio dela, a sociedade, denominada por Castells de *sociedade em rede*, se configura.

Para Lévy (1996), vive-se um período em que diversas tecnologias apontam para um processo de virtualização, que, na perspectiva desse autor, não se trata de uma oposição ao real, mas de uma alteração espaço-temporal, que tem a ver com a não presença. Nessa perspectiva, há um desprendimento do aqui e agora. Assim, compreende que “a imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais” (LÉVY, 1996, p. 20).

Por intermédio da virtualização, emerge como possibilidade uma cultura nômade, por meio de interações sociais nas quais as relações sofrem novas configurações.

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. (LÉVY, 1996, p. 21)

O fato de ser imaginário não significa que não tenha lugar. Assim como outras tecnologias, o transporte, por exemplo, propõe a construção de outros espaços e novas velocidades são inseridas. Extensão e duração se influenciam mutuamente. “De maneira análoga diversos sistemas de registro e de transmissão

(tradição oral, escrita, registro audiovisual, redes digitais) constroem ritmos, velocidade ou qualidades de história diferentes” (LÉVY, 1996, p. 22).

As revoluções tecnológicas vêm provocando profundas alterações nas relações sociais, na constituição subjetiva dos indivíduos, assim como a tecnologia vem substituindo determinadas funções humanas que nos colocam a pensar acerca do futuro, em que tais transformações parecem apontar possibilidades de uma inteligência artificial. Nicolaci-da-Costa (2002) chama atenção para algumas dessas alterações na vida cotidiana:

Quem não sabe que, antes da energia elétrica, a família se reunia ao redor do piano? Quem desconhece que, depois da energia elétrica, o piano foi substituído pelo rádio e, ainda mais recentemente, pela televisão? Alguém que tenha uma geladeira que já parou de funcionar pode desconhecer as transformações que este eletrodoméstico gerou na nossa relação com o mercado de suprimentos? Quantos de nós acostumados que estamos às calculadoras de bolso, ainda sabemos fazer contas de cabeça ou na ponta do lápis? (NICOLACI -DA-COSTA , 2002, p. 193)

Mudanças aparentemente simples vêm alterando nosso cotidiano e são potencializadas por inovações tecnológicas que se repõem com velocidade cada vez maior. Novos modos de ser, pensar, agir e se relacionar vêm se constituindo através das tecnologias da informação e comunicação que alteram a própria noção de tempo e espaço. Num mundo cada vez mais acelerado, determinadas tecnologias surgem como forma de aplacar a enorme falta de tempo, assim como promessa de mobilidade, agilidade, praticidade e possibilidade de conexão permanente.

Zaremba (2014) realiza estudos acerca dessas novas tecnologias, dentre os quais se propõe a investigar o impacto das tecnologias digitais nos dias de hoje, em especial a tecnologia do *smartphone*, e os que dela fazem uso. Nesse sentido, realizou um percurso sobre tecnologias anteriores que de certa forma foram revolucionárias em um determinado período histórico. Entre elas, destaca a cultura escrita como um dos maiores marcos de inovações tecnológicas com a criação do alfabeto fonético, intimamente ligado à possibilidade de individualização do homem e independência do mundo auditivo. A constituição de uma língua impressa caracterizou e difundiu a civilização pelo mundo e como desdobramentos desse processo surge o indivíduo.

A cultura impressa garantiu ao sentido visual total ascendência sobre os demais sentidos, o que rompeu o equilíbrio de relacionamento entre eles.

Isto levou a uma completa modificação no aparelho perceptivo humano, o que trouxe mudanças radicais para o pensamento e o sentimento do homem. (ZAREMBA, 2014, p. 21)

É importante salientar que cada nova invenção surgida como meio de atender determinadas necessidades gera novas necessidades, novas formas de perceber o mundo e são produtoras de novas relações sociais.

No que se refere às tecnologias digitais, destacam-se importantes alterações tanto na linguagem assim como na escrita e nos modos de relacionar com o advento da internet. Conceitos como virtualidade, ciberespaço, tempo real, hipertexto aos poucos foram sendo incorporados. Alterações na concepção de tempo, realidade, espaço, escrita linear, assim como comportamentos e linguagem utilizados na rede, extrapolavam para o mundo *off-line*. Também novas formas de se relacionar e de construir intimidades surgem no espaço virtual.

Há um processo de ruptura com os limites do tempo, que promove a contração espacial e temporal, bem como uma aproximação da produção, distribuição, consumo e decisão.

O tempo se torna agora um atributo do “hardware”, que pode ser inventado, apropriado, construído e controlado. Assim, o tempo não está mais preso aos poderes da água e do vento, totalmente indiferentes à ação do homem, tornando-se um fator independente dos mares e das massas de terra. Por poder ser manipulado e mudado, o tempo se torna o parceiro dinâmico do casamento tempo-espaço. (ZAREMBA, 2014, p. 40)

Se em determinados períodos históricos o tempo era dado pelas necessidades orgânicas do homem de satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência, como dormir, se alimentar, etc., na sociedade contemporânea esse tempo, cada vez mais acelerado e presentificado, é alheio às necessidades imediatas do homem. Esse mesmo homem, criador e produtor das tecnologias, é modificado e reinventado por elas.

A sociedade industrial e tecnológica produz uma série de mercadorias que promete economizar o tempo e, contraditoriamente, cria uma nova série de desejos e necessidades. O tempo vazio perde prestígio numa sociedade em que se manter ocupado torna-se uma virtude moral.

Nessa perspectiva, Zaremba (2014) compreende que o *smartphone* se apresenta ao consumidor nos tempos atuais como a grande promessa de resolução dessa constante falta de tempo, que exige, sobretudo no mundo do trabalho,

indivíduos permanentemente disponíveis e conectados. Compara essa tecnologia ao “canivete suíço” das tecnologias digitais, por reunir em um único aparelho múltiplas funcionalidades, dentre elas a possibilidade de se manter conectado à internet 24 horas por dia. Nesse sentido, promove alterações profundas na forma como os sujeitos se relacionam com o trabalho, com o outro e ainda como ocupam seu tempo.

A possibilidade de realizar mais atividades em espaço curto de tempo tem gerado uma compressão temporal ainda maior. Novas formas de se comunicar e se relacionar estão postas pelas novas tecnologias, tomam conta do tecido social e potencializam o modo de produção capitalista como meio de produzir a vida de alcance planetário.

Em um mundo em que as noções de tempo e espaço vêm sofrendo profundas alterações, em que a velocidade, a instantaneidade e a instabilidade são cada vez maiores e em que se espera e se cobra tanto de nós, o telefone inteligente parece ser, de fato, a “arma” mais apropriada para encarar a “batalha”. Mais um “computador portátil que fala” do que um telefone com muitas funções, ao prometer agilidade, velocidade, acesso à informação e conexão constante, entre outras coisas, o smartphone aparentemente surge como uma salvação em meio ao caos. (ZAREMBA, 2014, p.120)

Novos tempos, novos espaços, novas formas de se relacionar, novas possibilidades, vivências e experiências tomam conta do cenário que se apresenta ao homem contemporâneo. Compreender o sentido da experiência produzida pela mediação dos aparatos tecnológicos é fundamental na tentativa de desvelar os processos em que estamos inseridos e as alternativas que se apresentam para o futuro, visto que é um caminho irreversível.

CAPÍTULO 2

A PERDA DA EXPERIÊNCIA NO PROCESSO HISTÓRICO DE INDIVIDUALIZAÇÃO

Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irreversivelmente para o futuro, ao qual ele volta as costas, enquanto o amontoado de ruínas diante dele cresce até o céu. É a essa tempestade que chamamos de progresso.

Walter Benjamin

O desenvolvimento acelerado da sociedade burguesa cria novas formas de produção e de relações de trabalho, ao mesmo tempo em que confere sua marca no vínculo do homem com a natureza, com a cultura, com o trabalho e com o outro. Sendo assim, o tempo na sociedade burguesa é o tempo presente e não há espaço para o que não puder de alguma forma ser abreviado.

O impacto das técnicas industriais e das novas tecnologias na sociabilidade e na relação com o tempo na modernidade é analisado pelo filósofo Walter Benjamin (2012) como a perda da capacidade humana de intercambiar experiências que remetem ao real sentido de universalidade e humanidade. As possibilidades de reconhecimento encontram-se ameaçadas por uma temporalidade outra, que nega toda e qualquer forma de história e tradição em favor da

presentificação do tempo, comprometendo a percepção dos sujeitos acerca de seu passado, presente e futuro.

A análise de Benjamin é fundamental na compreensão do desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista, sobretudo no que se refere às novas formas de sociabilidade constituídas nessa particularidade, nas quais o sujeito coletivo se converte no indivíduo isolado que circula no meio da multidão. Isso se dá principalmente na reflexão sobre o desprestígio da experiência na modernidade frente ao progresso tecnológico, que altera a relação do homem com a natureza, com o seu trabalho, com o tempo e também com os seus pares.

Dentre os progressos tecnológicos que alteram a sociabilidade humana, destacam-se os avanços realizados no âmbito das comunicações que substituíram as antigas narrativas por outras formas de comunicação, como, por exemplo, a informação.

Em algumas de suas principais obras, Benjamin trata da experiência como dimensão fundamental da memória e do saber acumulado, revela as contradições que levam a humanidade a se desfazer e a desvalorizar as experiências que podiam ser repassadas e comunicadas pelos mais velhos aos mais jovens. Questiona sobre o que fora feito das histórias, provérbios e longas narrativas que eram transmitidas e passadas de geração a geração, que eram, por assim dizer, condição de reconhecimento e de universalidade.

A experiência de que Benjamin nos fala é representante do conhecimento acumulado que permeava as narrativas entre as diferentes gerações. Esse conhecimento vem perdendo espaço na contemporaneidade para outras narrativas correspondentes aos avanços tecnológicos do mundo industrial, havendo a conversão do sujeito coletivo em indivíduo solitário nessa particularidade.

O conceito de experiência se desenvolve, pois, na perspectiva de algo que se perde no desenvolvimento histórico das forças produtivas e culmina com o advento da modernidade que se dá em nome do progresso. Desse modo, é uma experiência outra que não cabe mais nas atuais formas de comunicação.

Dessa forma, a experiência universal é substituída pelas vivências no mundo moderno. Assim, não há espaço para a história nem para as tradições, uma vez que as vivências na modernidade remetem à presentificação do tempo, no qual indivíduos isolados não produzem experiências coletivas ao se comunicarem. Eles vivenciam assim um eterno presente que se repõe nas promessas de continuidade

do mesmo, impedidos de enxergar o passado e de criar novas perspectivas para o futuro.

2.1 EXPERIÊNCIA, MEMÓRIA E TRADIÇÃO

Quem não sabe povoar a própria solidão não sabe tão pouco isolar-se na massa inquieta.

Charles Baudelaire

Em *Experiência e Pobreza* (2012), Walter Benjamin discorre acerca da experiência perdida que era passada, comunicada pelos mais velhos aos mais jovens. Então, indaga sobre o que fora feito da experiência que, antes, podia ser transmitida através de provérbios e longas narrativas, passadas de geração a geração. Fala-nos ainda de uma moral que era comunicada pelos mais velhos no uso de sua autoridade aos jovens, lembrando um tempo em que o conhecimento acumulado ao longo de gerações era transmitido por meio de histórias, contos e provérbios, cujo processo de formação se dava na relação com o outro.

Desse modo, aponta uma incapacidade que se abateu sobre as pessoas de estabelecer narrativas que tenham importância histórica, de modo a permanecer como experiências significativas para as novas gerações.

No texto, Benjamin considerou, como uma das principais causas para a perda de prestígio na transmissão das experiências, a experiência de guerra vivida pela geração no período entre 1914 e 1918, sobretudo por considerar que os “combatentes retornavam silenciosos do campo de batalha, pobres em experiências comunicáveis e não mais ricos” (BENJAMIN, 2012, p.124).

Porque nunca houve experiências mais desmentidas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (*Ibid.*, p.124)

Tempos depois, no texto *O narrador* (BENJAMIN, 2012), um ensaio sobre a obra de Nicolai Leskov, Benjamin adverte sobre a ausência de experiência e o seu

empobrecimento mediante a perda de uma figura importante nos tempos modernos: o narrador. Considera ainda que as ações de experiência estão em baixa desde que a guerra se tornou uma realidade, num processo que não teve mais fim.

A experiência que passa de boca em boca, de pessoa a pessoa, é a fonte em que recorreram todos os narradores. Sendo assim, a figura do narrador é descrita por Benjamin como alguém que sabe “dar conselhos”, seja na forma de uma moral, um ensinamento, um provérbio repassado a alguém que ouve. No entanto, hoje em dia parece algo antiquado, fora de moda, uma vez que a história perde o sentido de continuidade, processo que vem de longe e impossibilita a comunicabilidade das experiências.

Como primeiro sintoma dessa mudança, surge o romance, como outra forma de narrativa, e o indivíduo, como representação de uma forma de ser social que emerge nessa nova sociabilidade. O romance prescinde, assim, da tradição oral e vale-se do indivíduo isolado, incapaz de dar conselhos ou de transmitir sabedoria, ao contrário do narrador, o qual incorpora experiências próprias ou de outros sujeitos a sua narrativa.

Ao distinguir o romance de outras narrativas (contos de fadas, lendas, novelas), o autor afirma:

O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos e nem sabe dá-los. (BENJAMIN, 2012, p. 217)

Foi no auge do desenvolvimento burguês que o romance encontrou as condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Nesse contexto, surge outra forma de comunicação que ameaça não só a capacidade de narrar, bem como o próprio romance. E essa forma é a informação.

Nessa nova forma, não há espaço para as tradições, nem para a possibilidade de criação ou de novas interpretações. Ela tem de ser, em si, compreensível, imediata e explicável, visto que notícias circulam diariamente, mas nos tornamos “pobres em histórias surpreendentes” (BENJAMIN, 2012, p. 219). E ainda, juntamente com as diferentes formas de narrativa, desaparecem os ouvintes,

uma vez que a possibilidade da continuidade de contar histórias se perde pela descontinuidade em contá-las de novo.

Essa capacidade se perde com as novas formas de trabalho impostas pela técnica industrial, uma vez que a possibilidade de narrar e contar histórias somente se desenvolveu mediante as antigas formas artesanais de trabalho manual, sendo a narrativa uma forma artesanal de comunicação.

Sendo assim, não há lugar nem para a morte e o que dela poderia significar, em termos de tradição. Benjamin observa que a morte perde, na consciência coletiva, sua onipresença e força de evocação, que vem juntamente com as medidas burguesas de higienização, cujo objetivo é evitar o espetáculo da morte.

Ora, é no moribundo que não apenas o saber e a sabedoria do homem, mas sobretudo sua vida vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele havia se encontrado sem dar-se conta disso – o inesquecível aflora de repente, também em suas expressões e olhares, conferindo a tudo o que lhe dizia respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui, ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade. (BENJAMIN, 2012, p. 224)

Tudo caminha para que não haja mais referências significativas com o passado, nem com qualquer forma de tradição, ou seja, com a história. O tempo presente prescinde da memória, das diferentes formas de comunicabilidade, e remete ao indivíduo solitário. Já na relação entre ouvinte e narrador há uma intenção recíproca em conservar o que foi dito, sendo a memória o elemento fundamental nessa relação.

Nas narrativas pré-modernas, sempre fica a possibilidade de que possa haver uma pergunta, ou outro final; no romance, não há nada além do fim que permita ao leitor dar um novo sentido ou de refletir sobre ele.

Nessa concepção, experiência tem a ver com outra categoria elaborada por Benjamin, a “rememoração”, como algo que funda a tradição e transmite o conhecimento de geração a geração, possibilitando mudar o curso da história. Ele assim a distingue de outra categoria, a reminiscência (*Eingedenken*), como musa do romance, e estabelece como categoria fundamental da experiência a memória (*Gedachtnis*), como musa da narrativa pré-capitalista (BENJAMIN, 2012).

A relação ingênua entre narrador e ouvinte é permeada pela vontade de conservar o que foi narrado. Afinal, nesse contexto, há uma interação entre ambos, já no romance o leitor é solitário. Ele acredita que essa relação entre o narrador e sua matéria é uma relação artesanal em que ele, o narrador, utiliza como matéria-prima a experiência dele e dos outros.

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador infunde a sua substância mais íntima também naquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida, sua dignidade é contá-la inteira. (BENJAMIN, 2012, p. 240)

Nesse sentido, a miséria que se abate sobre a humanidade é consequência do desenvolvimento monstruoso da técnica. Desse modo, nosso patrimônio cultural não se vincula mais à nossa experiência. Portanto, Benjamin não fala apenas de uma experiência individual e privada, mas da perda da experiência da humanidade em geral, que gera, por consequência, uma nova forma de barbárie.

Barbárie? Sim, de fato. Dizemo-lo para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar para a direita nem para a esquerda. (BENJAMIN, 2012, p.125)

Esse aspecto nos leva a outra dimensão fundamental da experiência, a relação com o tempo. Então, o autor tece críticas à presentificação do tempo que implica na perda da memória e na desvalorização de tudo o que poderia nos remeter à história e à tradição, seja na linguagem, nos objetos de arte, nos artigos de decoração ou na arquitetura.

Pobreza de experiência: isso não deve ser compreendido como se os homens aspirassem a novas experiências. Não eles aspiram a libertar-se de toda a experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza, externa e também interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre, tampouco, são ignorantes ou inexperientes. Frequentemente, pode-se afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e o “ser humano”, e ficaram saciados e exaustos. (BENJAMIN, 2012, p.127)

A esta altura, refere-se à existência da personagem de um desenho animado, o camundongo Mickey, como a representação dos sonhos do homem contemporâneo, cheia de “milagres”, incapazes de serem realizados na própria existência. E tudo isso para compensar a tristeza e o cansaço do dia, assim como os heróis de que se valem os romances.

Ficamos pobres. Abandonamos, uma a uma, todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. A crise econômica está diante da porta, atrás dela uma sombra, a próxima guerra. (BENJAMIN, 2012, p.128)

Importa, nessa compreensão de Benjamin, a noção de tempo e espaço. O sujeito, que ao narrar algo consegue agregar passado, presente e futuro, necessariamente é aquele que representa o sentido de experiência em sua completude. A figura do narrador contém, em si, essas dimensões. A experiência de tempo do narrador com o ouvinte é uma experiência coletiva e artesanal, assim como nas formas artesanais de trabalho a que se referiu Benjamin. Ela é, pois, uma experiência que confere universalidade, que produz e possibilita reconhecimento ao sujeito como ser universal.

2.2 EXPERIÊNCIA *VERSUS* VIVÊNCIA NA MODERNIDADE

Multidão, soledade: termos iguais e convertíveis pelo poeta imaginoso e fecundo.

Charles Baudelaire

No texto *Sobre alguns temas em Baudelaire* (1989), a obra do poeta Charles Baudelaire permeia, como pano de fundo, a análise benjaminiana de experiência. O autor adentra em alguns temas que constituem a base do seu conceito de experiência (Erfahrung) e apresenta outro conceito que difere deste, o de vivência (Erlebnis). Assim, alguns elementos, como a memória, o tempo, a multidão, os choques, vão constituindo as características de outras formas de experiência na modernidade.

Esse estudo ocorre em um momento em que Benjamin considera que a poesia lírica, assim como o poeta, vem perdendo prestígio entre os leitores da época. Sendo assim, ao compreender os motivos de tal distanciamento, identifica que houve uma mudança na estrutura dessa forma de experiência.

Este talvez seja um dos motivos que decorra da mudança na estrutura da memória que é fundamental para a constituição de experiências alicerçadas na história e na tradição. Busca, então, na obra de Henri Bergson², esta compreensão de memória que mais adiante aparecerá na obra de Baudelaire:

[...] Seu título demonstra que a estrutura da memória é considerada como decisiva para a estrutura filosófica da experiência. Na verdade, a experiência é matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. Forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória, do que com dados acumulados, e com frequência inconscientes que afluem à memória. (BENJAMIN, 1989, p.105)

Embora não haja uma consideração histórica do que seja experiência em Bergson, Benjamin busca uma proximidade com a experiência diferente daquela que foi remetida à filosofia, a experiência da época da industrialização em grande escala. Ele considera que a filosofia de Bergson dá pistas sobre a experiência que será apontada por Baudelaire.

Ao se debruçar sobre essa categoria da memória, Benjamin busca em outros autores, como Marcel Proust, elementos que possam trazer essa compreensão. Proust diverge da teoria bergsoniana ao transformar sua ideia de memória pura e memória involuntária. Para ele, o passado poderia estar em um objeto qualquer, como, por exemplo, em um bolo que se comia na infância, fora da inteligência e do seu campo de ação. Ficaria ao acaso se o indivíduo se apossasse ou não de sua própria experiência, isso porque se reduziram as chances de os fatos exteriores se integrarem à nossa experiência.

O jornal é visto por Benjamin como um dos indícios de tal redução. De acordo com ele, as características da informação jornalística, novidade, concisão, inteligibilidade e falta de conexão de uma notícia e outra contribuem para isso, assim como o isolamento dos acontecimentos. O fato de que a informação não se inclui no âmbito da experiência se dá pelo fato de que esta não se liga à tradição.

² Benjamin refere-se a uma das primeiras obras de Henri Bergson, *Matière e Mèmoire* (Matéria e Memória). *Sobre alguns temas em Baudelaire* (BENJAMIN, 1989, p. 104).

[...] Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência. Todas estas formas, por sua vez, se distinguem da narração, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila. (BENJAMIN, 1989, p.107)

Imprime-se, pois, nas formas antigas de experiência, a importância da memória que se constitui com as experiências de um passado que é individual e, ao mesmo tempo, coletivo. Ou seja, de um sujeito capaz de abrigar uma sabedoria que se transmite pela tradição, de modo a possibilitar que o passado se integre ao presente. Nesse sentido, Benjamin discorda de Proust por considerar que o termo forjado por ele, memória involuntária, refere-se ao indivíduo isolado.

[...] Onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo. Os cultos, com seus cerimoniais, suas festas (que, possivelmente, em parte alguma da obra de Proust foram mencionados), produziam reiteradamente a fusão desses dois elementos da memória. Provocavam a rememoração em determinados momentos e davam-lhe pretexto de se reproduzir durante toda a vida. As recordações voluntárias e involuntárias perdem, assim, sua exclusividade recíproca. (BENJAMIN, 1989, p.107)

Nesta acepção, o autor desenha o verdadeiro sentido de experiência da qual participa o sujeito capaz de integrar passado, presente e futuro, diferente das vivências do indivíduo moderno, que se cristalizam no instante, tal qual na informação jornalística. A vivência funda outra relação com o tempo e o espaço; ao mesmo tempo, estabelece novas formas de percepção que comprometem a sensibilidade e a possibilidade de viver experiências que agreguem algum sentido histórico. Talvez por isso a dificuldade do leitor em dialogar com a poesia lírica.

Benjamin destaca a singularidade de Baudelaire em conseguir preencher os espaços vazios nos quais inseriu sua poesia, caracterizando-se, acima de tudo, como uma obra histórica. O interesse dele pelas massas urbanas não se refere a classes ou a algum coletivo estruturado, mas pela multidão de passantes de simples pessoas nas ruas. A multidão presente na poesia de Baudelaire é outra categoria importante em que podem ser evidenciadas as intensas modificações com o advento da modernidade.

No curso do desenvolvimento da sociedade industrial e das mudanças sociais que ela engendra, a multidão, que até então não existia e que aos poucos modifica a paisagem dos grandes centros, como Londres, Paris, torna-se um dos temas abordados por Benjamin. Isso pelo fato de apontar para uma nova forma de experiência que se constitui por meio dos choques entre os transeuntes que dividem os espaços, nas grandes cidades, em pleno progresso e desenvolvimento. O autor traz importante descrição feita por Friedrich Engels acerca do avanço das massas na cidade de Londres:

Uma cidade como Londres, onde se pode vagar horas a fio sem se chegar sequer ao início do fim, sem se encontrar com o mais ínfimo sinal que permita inferir a proximidade do campo, é algo realmente singular. Essa concentração colossal, esse amontoado de dois milhões e meio de seres humanos num único ponto, centuplicou a força desses dois milhões e meio... Mas os sacrifícios... que isso custou só mais tarde se descobre. Quando se vagou alguns dias pelas calçadas e ruas principais... só então se percebe que esses londrinos tiveram de sacrificar a melhor parte de sua humanidade para realizar todos os prodígios da civilização, com que fervilha sua cidade; que centenas de forças nela adormecidas, permaneceram inativas, e foram reprimidas...O próprio tumulto das ruas tem algo de repugnante, algo que revolta a natureza humana. Essas centenas de milhares de todas as classes e posições, que se empurram umas às outras, não são todos seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões, e com o mesmo interesse em serem felizes?...E, no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros; e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da calçada à sua direita, para que ambas as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente; e, no entanto, não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer. Essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados, avultam tanto mais repugnantes e ofensivos quanto mais estes indivíduos se comprimem num exíguo espaço. (ENGELS apud BENJAMIN, 1989, p. 114-115)

Se em Engels a multidão suscita uma reação moral, uma vez que a velocidade com que os transeuntes passam precipitados o afeta de forma desagradável, em Charles Baudelaire a massa aparece de forma intrínseca, sem nenhuma descrição. Nesse contexto, observa-se que a multidão despertava inúmeros sentimentos nos que mantinham contato com ela pela primeira vez. Assim, indivíduos isolados passam a disputar espaço nos grandes centros, entre choques e sobressaltos, que ora geram medo, pânico, necessidade constante de atenção ao excesso de estímulos e informações que surgem de todos os lados.

Esse homem moderno é impelido a estabelecer novas formas de relação com seus pares, com seu trabalho, com os bens e com as mercadorias da época. O

progresso, em diferentes setores, aliado ao desenvolvimento da técnica, constitui novas formas de experiência determinadas pelo ritmo da produção. Uma variedade de transeuntes se lança na cidade moderna, em todas as direções, orientada pelos sinais de trânsito. Os passantes redobram a atenção como forma de evitar possíveis choques, uma vez que têm de reagir a um número cada vez maior de estímulos e, por sua vez, têm de agir como verdadeiros autômatos.

Nesse sentido, Benjamin reporta-se a Karl Marx para lembrar que, nas antigas formas de trabalho, como o artesanato, por exemplo, as etapas do trabalho eram contínuas, diferentemente das atividades do operário da fábrica cuja conexão é autônoma e coisificada. Nesse processo, há uma inversão entre máquina e operário em que este se torna o objeto a serviço da máquina (BENJAMIN, 1989).

Dessa uniformidade de gestos e comportamentos, muito próxima do movimento dos operários, caracteriza-se a multidão. Nesse movimento repetitivo com a máquina, o trabalhador não especializado se degrada ainda mais por se tornar alheio a qualquer possibilidade de experiência. O avanço da técnica atinge todos os setores da vida humana e não poupa a literatura, a arte e os demais elementos da cultura.

A evolução se produz em muitos setores; fica evidente, entre outras coisas, no telefone, onde o movimento habitual da manivela do antigo aparelho cede lugar à retirada do fone do gancho. Entre os inúmeros gestos de comutar, inserir, acionar etc., especialmente o “click” do fotógrafo trouxe consigo muitas consequências. Uma pressão do dedo bastava para fixar um acontecimento por tempo ilimitado. O aparelho como que aplicava ao instante um choque póstumo. Paralelamente às experiências ópticas desta espécie, surgiam outras táteis, como as ocasionadas pela folha de anúncio dos jornais, e mesmo pela circulação na cidade grande. O mover-se através do tráfego implicava uma série de choques e colisões para cada indivíduo. Nos cruzamentos perigosos, inervações fazem-no estremecer em rápidas sequências, como descargas de uma bateria. Baudelaire fala do homem que mergulha na multidão como em um tanque de energia elétrica. (BENJAMIN, 1989, p. 124-125)

Por sua vez, o desenvolvimento técnico avança e constitui novas experiências que são determinadas pelo ritmo da produção. Posto isso, observa-se interessante paralelo que Benjamin faz entre o operário e os jogadores dos jogos de azar. Ambos repetem gestos autômatos sem relação alguma com o ato anterior, com o passado, sem necessidade, portanto, de utilizar a memória. O jogo, nesse ponto de vista, não pertence à categoria da experiência, em contraposição à categoria do desejo, que se projeta no tempo à espera da sua realização. A ideia que regula a

atividade do jogo, assim como do trabalho assalariado, é a necessidade de recomeçar. Em um e no outro, o tempo está congelado no instante, sem qualquer relação entre passado, presente e futuro.

Destarte, o autor busca em Baudelaire essa experiência perdida. Mas nem mesmo o poeta está livre dos efeitos da modernidade.

O poeta não toma parte no jogo; está em seu canto não mais feliz do que eles – os que estão jogando. Também ele é um homem espoliado em sua experiência – um homem moderno. Apenas recusa o entorpecente com que os jogadores procuram embotar o consciente, que os tornou vulneráveis à marcha do ponteiro dos segundos. (BENJAMIN, 1989, p. 130)

Esse aspecto demonstra, todavia, a degradação e o declínio da experiência na sociedade moderna e capitalista, em que o tempo se configura como um presente que se atualiza a cada instante, no qual o homem sempre é conduzido ao recomeço, como uma roda que gira sem sair do lugar. Logo, a vivência tomou o lugar da experiência.

2.3 A PERDA DA EXPERIÊNCIA E A PRESENTIFICAÇÃO DO TEMPO

O poeta goza do incomparável privilégio de poder, à vontade, ser ele próprio e outrem.

Charles Baudelaire

O aperfeiçoamento, bem como o desenvolvimento da técnica em diferentes esferas, afeta e modifica a estrutura da experiência, e conduz à perda da aura nas sociedades modernas, culminando com a consequente desvalorização da tradição.

No texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Benjamin faz análise sobre as tendências evolutivas da obra de arte nas atuais condições produtivas da sociedade capitalista, onde se vive a possibilidade de reprodução técnica da mesma, ao ponto de as obras serem produzidas em massa e de forma bastante diversificada. Embora no curso da história a reprodução via imitação tenha sido algo que sempre existiu, a reprodução através de diferentes técnicas que foram surgindo, como a litografia, a fotografia, o cinema, alteraram significativamente o

tempo, o lugar e a qualidade com que passam a ser produzidas as obras de arte. Desse modo, algo se perde nessa outra forma de vivência.

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra. É nessa existência única, e somente nela, que se desdobra a história à qual ela estava submetida no curso da existência. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as cambiantes relações de propriedade em que ela ingressou. (BENJAMIN, 2012, p.181)

Nesse sentido, a autenticidade – matéria de história e de tradição, representante do aqui e agora em que foi produzida a obra, não existe mais. Assim, a experiência não pode ser vivida ou sentida, a não ser sob a forma de vivência.

Benjamin nos fala de uma crise na percepção referente a uma pobreza e falta de profundidade que as imagens da memória voluntária nos oferecem, papel muito bem exercido pela fotografia, o que sem dúvida contribui para a perda da aura na obra de arte.

A experiência da aura se baseia, portanto, na transferência de uma forma de reação comum na sociedade humana à relação do inanimado ou da natureza com o homem. Quem é visto, ou acredita estar sendo visto, revida o olhar. Perceber a aura de uma coisa significa investi-la de poder de revidar o olhar. (BENJAMIN, 1989, p.139-140)

A existência única da obra de arte se estende ao longo de sua história carregada das transformações que sofreu ao longo do tempo. Esse aspecto da obra que se reporta a sua autenticidade se perde não apenas mediante a técnica, mas, sobretudo, na sua reproduzibilidade técnica. Por mais que a reproduzibilidade não afete a continuidade da obra de arte, ela desvaloriza o seu aqui e agora, afetando sua autenticidade, originalidade, autoridade, sua história e tradição. “A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico” (BENJAMIN, 2012, p.182).

Nessa compreensão, o autor conclui que o que se perde com a reproduzibilidade é a sua aura. Ou seja, um processo que se amplia muito além do universo da arte. A reprodução em massa não só atualiza o objeto, como coloca em risco a própria renovação da humanidade, no que concerne ao seu patrimônio cultural. Benjamin assim define a aura:

Em suma, o que é a aura? É uma teia singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho. (BENJAMIN, 2012, p.184)

Nesse ponto de vista, qualquer que fosse a técnica empregada na reprodução impossibilitaria a experiência desse momento único que constitui o aqui e agora. Esse movimento se perde com os movimentos de massa, em que a necessidade de aproximar o que está distante também reflete a necessidade de possuir os objetos na forma de imagens, ainda que sejam em forma de cópias ou de reprodução.

Ao traçar uma pequena história da fotografia, Benjamin demonstra como o desenvolvimento dessa técnica colabora para a perda da aura. Ante a possibilidade de se congelar o instante, logo despertou o interesse dos *homens de negócios*, e aos poucos o pintor foi sendo substituído pelo fotógrafo. Mais uma vez, ele se remete à perda da aura. Afinal, para ele:

Retirar o objeto do seu invólucro, a desintegração de sua aura, é a característica de uma forma de percepção cujo sentido para o homogêneo no mundo é tão agudo que, graças à reprodução, ele consegue captá-lo até no que é único. (BENJAMIN, 2012, p.108)

A autêntica experiência se funda pela tradição, como sabedoria acumulada, que é transmissível, e requer da memória a possibilidade de dar ao tempo a aura.

No texto de Maria Rita Kehl, *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*, a autora analisa a compreensão de Walter Benjamin, ressaltando o desenvolvimento da reprodutibilidade técnica que implica perda de memória. Segundo a autora:

Avancemos ainda uma segunda hipótese de Walter Benjamin sobre a “nova forma de miséria” que teria surgido a partir do “monstruoso desenvolvimento da técnica”. De que forma de miséria se trata? Do empobrecimento de uma dimensão fundamental do saber e da memória, que escapa a todas as competências técnicas e científicas: trata-se da transmissão da experiência. (KEHL, 2009, p. 155)

[...] Se a experiência não nos vincula ao patrimônio que herdamos, ele se torna um peso ou um adorno vazio. Nas primeiras décadas do século XX o homem moderno já se sentia pressionado a estar sempre disponível para

acolher o novo, fosse ele qual fosse. A velocidade das mudanças que se generalizaram a partir da guerra de 1914 exigiu que as pessoas se despojassem tanto de sua própria história quanto da memória dos seus antepassados. (*Ibid.*, p. 156)

Este sujeito capaz de aderir ao novo, e que ao fazê-lo está predisposto à busca pelo sempre mais novo, é o indivíduo em sua expressão sofisticada que, desde os períodos do pós-guerra de que fala Benjamin, é capaz de se esquecer de si mesmo e das tensões fundamentais da realidade. O indivíduo que esquece as atrocidades e horrores de uma Guerra Mundial não olha para o passado, é alguém destituído de história, que adere facilmente ao que chega expressando novidade. É o indivíduo apto a atender às necessidades da sociedade produtiva em seu franco desenvolvimento.

A experiência autêntica é substituída pela vivência na modernidade, pois o tempo se torna homogêneo, linear, como algo que se move sem sair do lugar. É um tempo que representa o imediato e não há significação coletiva. Portanto, o tempo para o indivíduo isolado é o tempo presente, incapaz de estabelecer relação com o passado, e muito menos com o futuro. O tempo que pode ser atualizado em uma fotografia, um filme ou em qualquer outra técnica de reprodução que o coloque em qualquer tempo, em qualquer lugar mediante a ilusão que se repõe cotidianamente.

Tais tendências apontam para o sentido que foi dado à história na modernidade, sobre a história que se constitui como verdade sob o ponto de vista dos vencedores, ou seja, da classe que se apropriou da força de trabalho, que detém os meios de produção, o domínio dos bens econômicos e culturais, conquistados com o suor dos vencidos.

A experiência abordada por Benjamin remete à singular capacidade humana de comunicar com outros seres humanos e de compartilhar experiências individuais numa relação recíproca com os acontecimentos coletivos. Dessa possibilidade, os sujeitos constroem sua própria história e se tornam capazes de agregar fatos do passado, presente e futuro. Essa experiência remete, pois, a uma temporalidade outra, que difere da noção de tempo e duração na sociedade contemporânea. O tempo compartilhado nas experiências coletivas possibilitava que o conhecimento social, artístico, cultural, matéria da tradição, pudesse ser repassado de geração a geração, suscitando nos sujeitos a noção de pertencimento,

de coletividade e de reconhecimento do outro como portador de um conhecimento válido.

Portanto, a experiência é o representante do conhecimento acumulado que, em outra realidade histórica, poderia ser comunicado como conhecimento válido entre as diferentes gerações, através de narrativas, contos, provérbios etc.

Assim, Benjamin nos fala da perda e da falta de prestígio dessas antigas formas de narrativa e de profundas alterações em outra dimensão fundamental na experiência, a relação com o tempo. Isso porque a transmissão de conhecimento válido entre gerações requeria um tempo totalmente diferenciado do ritmo imposto pela maquinaria na sociedade industrial, correspondente à vida moderna. Lembra que o atual modo de produção implica também uma divisão social do trabalho, um tanto mais complexa que as antigas formas artesanais e comunitárias, que oferecem um número muito maior de estímulos.

Os sujeitos na contemporaneidade estão imersos em vivências, que são definidas por Benjamin como outra temporalidade, na qual as narrativas são substituídas pela informação. A sociedade industrial inaugura o indivíduo isolado, que percorre as multidões em meio aos choques e estímulos sensoriais de todos os tipos. A vivência altera as estruturas de memória, vez que não está alicerçada na história e nem na tradição.

Nesse sentido, a vivência, como categoria benjaminiana, remete a um tempo presente, fixado no instante, que, assim como os fatos desconexos de uma informação, não tem relação com o passado e nem se liga ao futuro. Desse modo, estabelece outra relação espaço-temporal. A vivência tem íntima relação com a eterna busca incessante do ser humano por objetos que satisfaçam sua condição de incompletude. Condição essa agravada pela lógica transitória de produção de mercadorias que se atualizam nas prateleiras e prometem aplanar tais necessidades.

Assim, as novas tecnologias irão apontar, cada vez mais, para a vivência e não para a experiência. As consequências subjetivas dessa experiência, com um tempo cada vez mais acelerado e ao mesmo tempo comprimido, são abordadas por Maria Rita Kehl (2012). A autora, fundamentada pelas percepções de Bergson, alerta para o empobrecimento do trabalho do sistema da percepção-consciência em respostas aos estímulos do presente, cada vez mais contraídos ao tempo que exclui a dimensão da memória. “Se a vida psíquica, premida pela necessidade de reagir a

estímulos externos velozes e violentos, fica restrita ao trabalho (protetor) da atenção consciente, que experiência se produziria a partir de uma vivência dessas?” (KEHL, 2012, p. 155).

Ao se referir à velocidade das mudanças tecnológicas que se generalizaram no pós-guerra, bem como à necessidade dos sobreviventes de guerra de esquecer os fragmentos do passado, a autora destaca como Benjamin colabora para a compreensão de duas disposições subjetivas que participam de quadros depressivos:

[...] De um lado, o fatalismo expresso pela “fadiga com as complicações da vida diária”, que se torna por isso mesmo, vazia de sentido. A equivalência entre todas as coisas e todas as referências, produzidas pela perda da experiência resulta na disponibilidade permanente das pessoas para as inovações técnicas e para as modificações que a técnica introduz na vida social.

[...] A segunda disposição refere-se aos efeitos dessa mesma qualidade de uma vida limitada ao arranjo dos meios desprovidos de finalidade, sobre o sentido do tempo. Sem nomeá-lo diretamente, pois esse não é seu objeto, Benjamin nos ajuda a entender que essa temporalidade de um presente comprimido pelas necessidades da vida prática e desprovido de quaisquer fantasias a respeito do devir não é muito diferente do sufocante tempo estagnado que caracteriza os episódios de depressão. (KEHL, 2012, p. 157)

Nos dois casos, há um empobrecimento psíquico que faz com que o excesso de estímulos se pareça com pequenos traumas, sem representação, sem valor e sem sentido imaginário à vida (KEHL, 2012, p. 157).

A experiência perdida não confere aos sujeitos a capacidade de enfrentar os desafios da vida, uma vez que o mundo presente se torna irreconhecível aos seus pais e avós. A desmoralização das narrativas agrava o desamparo do indivíduo que agora tem de ser autor do seu destino. A velocidade dos estímulos na modernidade exige respostas rápidas e mantém o indivíduo, sem que ele perceba, num presente comprimido e absoluto. Desse modo, não há espaço para o conteúdo imaginário.

A vivência corresponde ao uso que fazemos de grande parte do nosso tempo sob o domínio da vida produtiva nas condições contemporâneas. A que se deve a pressa do sujeito contemporâneo? Não ao valor que ele atribui ao seu tempo, mas a sua desvalorização.

[...] A suposta falta de tempo para o devaneio e outras atividades psíquicas “improdutivas” exclui exatamente aquelas que proveem um sentido (imaginário) à vida, assim como as atividades da imaginação, filhas do ócio e do abandono. Pela mesma razão também se desvaloriza, por ser “inútil” ou “contraproducente”, a experiência do inconsciente. (KEHL, 2012, p. 161)

Assim, sem que se perceba, o tempo adquire *status* de mercadoria e o ócio e todo o tempo destinado ao não trabalho tornam-se uma extensão do próprio trabalho. Então, a vida solitária do homem moderno torna-se vazia de sentido, significado e representação.

Viver a vida sem ter de tomar para si o duro encargo de ser o guardião solitário de todo o vivido: tal possibilidade de deixar-se estar no fluxo temporal parece inatingível para os indivíduos desgarrados da temporalidade coletiva, no mundo contemporâneo. (KEHL, 2012, p. 163)

As exigências impostas pelas atuais formas de trabalho impossibilitam a experiência lenta com o tempo, impedindo qualquer possibilidade de devaneios, rememorações, de ócio prazeroso, de modo que muitos jovens hoje em dia buscam refúgio nas drogas ou em outros recursos, na tentativa de aplanar a angústia do incompleto, dessa temporalidade recalcada. A experiência comum, contínua e coletiva, que possibilite a ligação entre os membros de uma comunidade, requer outra temporalidade.

Segundo Kehl (2012), a segunda condição da experiência seria a inexistência da forma subjetiva moderna do indivíduo. E tal realidade aponta para uma experiência desmoralizada.

O que seria uma experiência desmoralizada? Uma vivência que não pode ser compartilhada, da qual não se tira lição alguma, excluída do campo humano de produção de sentido. Em Benjamin, a ideia de experiência se refere às vivências *comunicáveis*. Sua tese é que a modernidade, ao transformar as condições do convívio humano que tornavam possível a transmissão do vivido na forma das narrativas, destruiu a experiência. Não devemos perder de vista a hipótese de que tais transformações das condições do convívio estão na origem do sujeito da psicanálise, o neurótico moderno por excelência. Se o liberalismo moderno representou uma enorme expansão no campo da liberdade individual de escolhas de destino, tal alargamento no horizonte dos possíveis cobrou seu preço em termo de desamparo e de alienação. O neurótico moderno suporta mal as condições de seu ganho de liberdade, sobretudo porque uma parte desse ganho é expropriada pelo aumento da *velocidade*. (KEHL, 2012, p. 166)

A experiência com o tempo na sociedade contemporânea exige do sujeito uma atenção redobrada quanto à intensidade dos estímulos, cobranças do mundo moderno, um estado constante de alerta e disponibilidade frente às exigências do mundo do trabalho.

O presente, que para o corpo é o único tempo existente, vem sendo cada vez mais comprimido entre um passado descartado a cada instante e um futuro em direção ao qual o homem se precipita sem saber por que, movido pela ameaça angustiante – como no caso dos personagens da charada contada por Lacan – *de ser deixado para trás*. (KEHL, 2012, p. 167; grifo da autora)

O homem se vê, pois, dominado por um tempo externo a ele. Contraditoriamente, as tecnologias criadas com a finalidade de ampliar o tempo e diminuir distâncias vêm produzindo exatamente o contrário. O sujeito se sente obrigado a estar sempre disponível, pronto a se desligar das questões fundamentais da realidade para aderir sempre ao novo. Sem conexão com o passado e inseguro quanto ao futuro, sente o seu tempo “roubado” pela desvalorização do tempo vivido.

A narrativa, que nas formações pré-capitalistas era permeada pelo conhecimento histórico acumulado, de um passado individual e, ao mesmo tempo, coletivo, foi preenchida pela informação que prescinde da tradição oral e nos remete a experiências privadas e individuais. Abstém-se, inclusive, da capacidade de memória, haja vista as informações serem compreensíveis e explicáveis por si mesmas e, por esse motivo, não requererem uma comunhão entre quem narra e quem ouve.

A mudança na estrutura da experiência que se desenha na modernidade cria novas formas de sociabilidade, de relação com a natureza, com a arte, com a literatura, com a cultura e com o trabalho. Este último, não mais artesanal, segue o ritmo imposto pela máquina e condiciona as ações do homem no mesmo ritmo das mercadorias, seja na produção ou no consumo.

Ao desenvolvimento monstruoso da técnica, instituem-se novas formas de relação com a literatura e com a arte, sem que nessas manifestações haja qualquer referência ao passado, à tradição, à memória ou à história. As técnicas de reprodução, que abarcam os objetos de arte, produzem o fenômeno do não pertencimento e não reconhecimento ao patrimônio cultural que já não se vincula a nossa experiência. A arte assume as mesmas características do trabalho industrial na sociedade capitalista.

É de um sujeito capaz de agregar passado, presente e futuro que Benjamin nos fala, como o representante do sentido da experiência em sua completude. Essa é a experiência que se perde no contínuo do tempo. Para além dela, somente a experiência vivida, ou melhor dizendo, a vivência. Esta mesma se

constitui mediante os choques entre os indivíduos que disputam os espaços nas grandes metrópoles, em meio à multidão.

Para Benjamin, só há um caminho: romper com esse contínuo do tempo, já que, para ele, progresso é catástrofe e catástrofe é progresso. É preciso que a história seja contada sob o ponto de vista dos vencidos, com o propósito de antever novas catástrofes em nome do progresso.

Todo o progresso tecnológico alcançado na sociedade capitalista, que amplia as formas de comunicação e informação, vem afetando e alterando as noções de tempo, espaço, bem como se constituindo numa mediação fundamental da sociabilidade contemporânea. Em proporções ainda maiores, as experiências modernas apontam para a vivência, para a individualização e para a presentificação do tempo. Nesse sentido, necessário se faz identificar e analisar o impacto das modernas técnicas e tecnologias nas experiências e interações sociais que se estabelecem mediadas por elas.

CAPÍTULO 3

O SMARTPHONE COMO NEXO CONSTITUTIVO DA SOCIALIZAÇÃO E DA EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES

Um homem só vem a se reconhecer como homem se, ao ingressar no mundo (dos homens), for acolhido e reconhecido como tal por aqueles que o introduziram na vida, ou seja, na linguagem.

Maria Rita Kehl

Esta pesquisa indica o uso do *smartphone* como um elemento a ser considerado no processo de socialização de jovens universitários da UFG. Em um sentido amplo, é possível indicar formas pelas quais a abrangência do acesso às tecnologias de informação e comunicação implicam conteúdos e formas de experiência que se estabelecem nas interações sociais contemporaneamente. No caso específico desses estudantes, essas tecnologias permeiam as relações familiares, grupais, escolares e afetivas, ao tempo em que medeiam suas experiências com o corpo, o tempo e a memória. Assim, o acesso irrestrito desse aparato tecnológico termina por ter implicações, objetivas e subjetivas, na vida e na sociabilidade desses sujeitos.

A racionalidade que organiza o modo de produção capitalista está inserida nas tecnologias de informação e comunicação, que, por sua vez, medeiam as relações sociais.

A história demonstra que, tanto mais a civilização avança tendo o modo de produção capitalista como modo de produzir a vida, o homem contraditoriamente se individualiza e aparece desprendido dos seus laços sociais. A condição de carência e apetência do ser humano o impeliu a agir na natureza em busca de suprir suas necessidades, criando e recriando sua existência por intermédio do trabalho, que, como portador de necessidade, o impulsionou a formar grupos e constituir-se em sociedade.

A necessidade de afeto, de se comunicar e de se relacionar, que existiu desde as sociedades pré-capitalistas, permanece. No entanto, encontra-se atualmente circunscrita à racionalidade de tecnologias que amplia as possibilidades de comunicação, encurtando o tempo e a distância necessários.

Na medida em que a história se torna mundial rompem-se as barreiras entre nações, ampliam-se as relações sociais, criam-se novas formas de interação determinadas pelas necessidades do mercado.

Nesse sentido, Marcuse (1979) chama atenção para o fato de que a racionalidade tecnológica, que caracteriza a sociedade industrial, atua sobre a produção e a distribuição desse crescente processo de automatização. Além de ter efeitos sociais e políticos, ela ainda atua na esfera da reprodução desse sistema. Desse modo, todo o aparato tecnológico e produtivo atua como manutenção e perpetuação desse sistema, determinando não só habilidades e atitudes, mas também necessidades e desejos individuais imprescindíveis ao funcionamento social, estendendo-se a todas as esferas da cultura.

O a priori tecnológico é um a priori político considerando-se que a transformação da natureza compreende a do homem e que as “criações de autoria do homem” partem de um conjunto social e reingressam nele. [...] Contudo, quando a técnica se torna a forma universal de produção material, circunscreve toda uma cultura; projeta uma totalidade histórica – um “mundo”. (MARCUSE, 1979, p.150)

A técnica torna-se, pois, nexa constitutivo das relações sociais, assim como produtora das formas de agir e de pensar nessa sociedade.

O indivíduo constitui-se no processo social por mediações que são historicamente determinadas. Desse modo, o ser social se constitui por que passa por processos educativos nessa sociedade, assim como tais processos são mediados e transversalizados pelas diferentes instâncias educativas, num processo indissociável de relação e interferência mútua, sendo parte do processo de humanização e de distanciamento do homem em relação à natureza.

Nessa direção, aponta-se a análise dos dados coletados³ nos questionários: a tecnologia do *smartphone* medeia experiências na sociabilidade de jovens universitários da UFG, implicando sua relação com os outros e consigo mesmo. Tomando como base as instâncias fundamentais do processo de socialização e as experiências que se constituem nesse contexto, a exposição dessas indicações será feita considerando: a família, os grupos sociais, a escola/universidade. No entanto, considera-se ainda a relação dos processos individuais com as experiências do sujeito com o próprio corpo, com a memória e com o tempo, visto que o *smartphone*, emblema dos avanços técnicos, tecnológicos e científicos, no âmbito da comunicação e informação, prevê alterações significativas na compreensão e na forma de apreensão do tempo e do espaço, produzindo outra forma de experiência, assim como novas formas de sociabilidade.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDANTES

Conforme descrito na introdução deste trabalho, foram selecionados 100 estudantes da UFG, de quatro cursos diferentes: Direito, Medicina, Pedagogia e Educação Física. O questionário aplicado contém questões fechadas e buscou explorar a experiência desses jovens com o *smartphone* nas diferentes instâncias de socialização. Ao final do questionário, foi inserida uma questão aberta, opcional, para que os estudantes pudessem relatar um pouco mais de suas experiências, caso desejassem. Alguns desses depoimentos serão apresentados juntamente com os dados a seguir.

³ Todos os dados coletados estão organizados em gráficos e tabelas elaborados pela autora e podem ser consultados no apêndice deste trabalho.

A maioria dos estudantes tem idade entre 18 e 20 anos, declara-se parda e reside com a família. Da totalidade desses estudantes, 54% são do gênero feminino, 90% são solteiros (as) e 59% não são cotistas. No curso de Educação Física, o número de cotistas é menor em relação aos demais cursos.

No que se refere ao aspecto socioeconômico, 67% se sustentam com ajuda exclusiva da família, os demais com ajuda parcial da família ou com recursos próprios. Os cursos de Medicina e Direito possuem um número maior de estudantes que se sustenta com ajuda exclusiva da família. Também se observa que a grande maioria desses jovens ainda não está inserida no mundo do trabalho.

A escolha de estudantes em diferentes cursos buscou verificar possíveis variações na experiência de socialização dos estudantes com o *smartphone*, no suposto de que poderia haver diferenças conforme: o gênero, a classe, a inserção ou não no mundo do trabalho.

Contudo, o perfil inicial e os dados que seguem não apontaram diferenças significativas entre os cursos, o que indica que a tecnologia e o uso do *smartphone* permeiam, de maneira bastante homogênea, a sociabilidade desses jovens, não sendo afetada por diferenças de classe. Tais tecnologias constituem as bases materiais de produção na sociedade contemporânea, tendem a se expandir por toda parte, universalizar valores, formas de viver, de sentir e se relacionar. No caso desses estudantes, a forma e o conteúdo dessa sociabilidade estão dados pela racionalidade do aparelho.

3.2 O ACESSO AO SMARTPHONE E SEUS RECURSOS

Quanto ao uso do *smartphone* e de suas funcionalidades, observa-se uma universalidade na forma como esses jovens utilizam o aparelho, bem como os seus recursos, não havendo discrepâncias significativas entre os estudantes de diferentes cursos.

O *smartphone* representa, para esses jovens, formas de inclusão e pertencimento a grupos diversos em redes sociais e aparece como principal forma de comunicação e acesso à informação. Todos têm acesso à internet e utilizam de maneira bastante homogênea os recursos disponibilizados para esse tipo de

aparelho: comunicar, acessar redes sociais, acessar conteúdos e páginas virtuais, pesquisar e se entreter.

Os recursos disponíveis no aparelho, através da tecnologia aplicada e dos diferentes aplicativos que os conectam aos grupos e às redes sociais, substituem gradativamente o uso do celular para telefonar por outras funções que permitem troca de mensagens, fotos e informações instantâneas. Essas novas formas de comunicação indicam uma obrigatoriedade de se estar permanentemente conectado à internet, de estar próximo do aparelho e de fazer uso das mesmas redes sociais, como forma de inclusão e pertencimento aos grupos sociais.

A análise de Marcuse (1979) ajuda a elucidar que a eficácia da racionalidade tecnológica não se dá necessariamente com a massificação dos meios de comunicação. Isso porque, nessa fase, os sujeitos já estão colocados na condição de receptores, mas pelo aplanamento dos conflitos entre as necessidades dadas e as possíveis de serem realizadas, nas quais se propaga uma igualação de classes de cunho ideológico.

Se o trabalhador e o seu patrão assistem ao mesmo programa de televisão e visitam os mesmos pontos pitorescos, se a datilógrafa se apresenta tão atraentemente pintada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, essa assimilação não indica o desaparecimento das classes, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem à preservação do Estabelecimento é compartilhada pela população subjacente. (MARCUSE, 1979, p. 29)

De maneira bem homogênea, esses estudantes afirmam também não conhecer e nem utilizar todos os recursos disponíveis do aparelho, pois se trata de algo que eles não compreendem e que é determinado pelo próprio objeto. O uso que o sujeito faz está limitado aos aplicativos que lhe interessam, desconsiderando assim outros recursos que são disponibilizados pelo aparelho. Do ponto de vista das relações sociais, estas encontram-se circunscritas aos aplicativos que lhe garantem o acesso a determinados grupos sociais.

A maioria dos estudantes possui o aparelho há mais de cinco anos. Do total, 57% afirmam não conhecer o funcionamento de todos os aplicativos disponibilizados para o aparelho e um quantitativo de 84% dos estudantes dizem não utilizar todos os recursos que o aparelho oferece. Para 94% desses alunos, o *smartphone* contém todos os recursos de que eles necessitam para se comunicar, o que não significa que eles usem todos os recursos do aparelho. Portanto, a

apropriação dos recursos é seletiva e dirigida aos seus interesses. Porém, o aparelho contém em si uma reserva tecnológica que os sujeitos não conhecem e da qual não se apropriam.

A livre escolha entre ampla variedade de mercadorias e serviços não significa liberdade se esses serviços e mercadorias sustentam os controles sociais sobre uma vida de labuta e temor – isto é, se sustentam alienação. E a reprodução espontânea, pelo indivíduo, de necessidades superimpostas não estabelece autonomia; apenas testemunha a eficácia dos controles. (MARCUSE, 1979, p. 28)

Nesse sentido, a liberdade de escolha está circunscrita às possibilidades dadas pelo aparelho ou, antes, pela apropriação seletiva e determinada que o próprio consumidor faz dele.

Todos os estudantes têm acesso à internet, sendo que, para 50%, a principal forma de conexão é a rede Wi-Fi; para 40%, a rede móvel; e 10% utilizam ambas as formas de acesso. Para 51% deles, o acesso à internet é ilimitado, para 49% o acesso é limitado, o que significa que, para estes, o limite pode estar na impossibilidade em adquirir um pacote de dados.

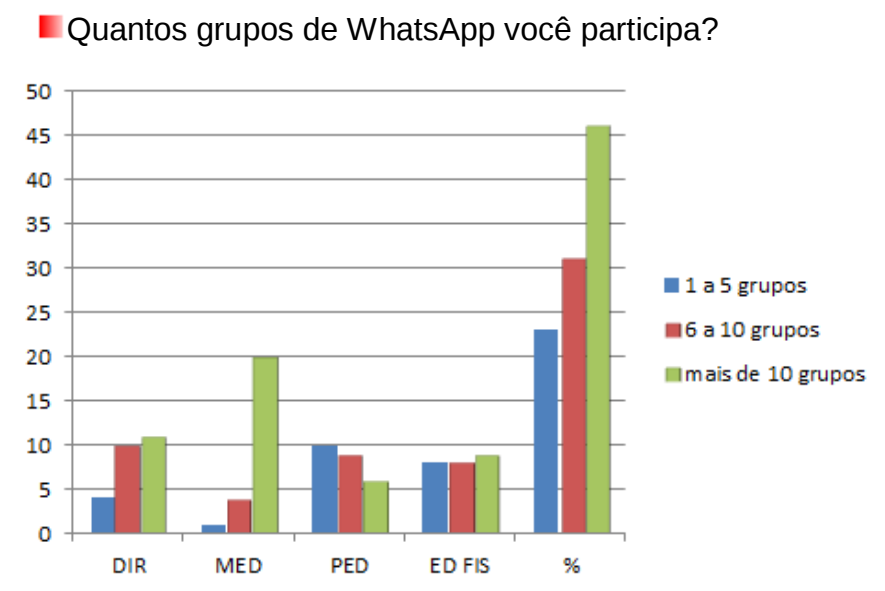
Dos diversos recursos, aplicativos e funções disponibilizados pelo *smartphone*, os mais utilizados pelos estudantes podem ser elencados na seguinte ordem: acessar redes sociais, enviar e receber mensagens, ouvir música, acessar sites de busca, telefonar e realizar atividades acadêmicas. Observa-se aqui que o *smartphone* possibilita a comunicação principalmente por intermédio das redes sociais, sendo que, do ponto de vista escolar, tem sido pouco utilizado. De outra parte, foi interessante observar que o uso para realização de atividades acadêmicas é menor ainda do que o pouco significativo uso para telefonar.

Dos aplicativos ou funções mais utilizados para se comunicar são, praticamente unânimes, o uso do aplicativo *WhatsApp*, seguido do *Instagram* e do *Facebook*. Observa-se que o uso do telefone como recurso na comunicação oral tem se tornado obsoleto, ao menos na experiência desses jovens, uma vez que outras formas de comunicação, que prescindem do contato imediato, do aqui e do agora, vêm substituindo o contato em tempo real.

Para 95% desses estudantes, o *smartphone* é o principal meio utilizado para acessar as redes sociais. Também a participação em grupos de *WhatsApp* é

unânime, sendo que a maioria participa de mais de dez grupos nesse aplicativo como se vê no gráfico.

Gráfico 1 - Participação em grupos de WhatsApp



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Os processos anunciados por Benjamin sobre a perda da capacidade humana de intercambiar experiências atualizam-se nas relações que se estabelecem mediadas pelo *smartphone*. O autor, que já na década de 1930 analisava os impactos das novas técnicas industriais e das tecnologias, chamava a atenção ao desprestígio da experiência na modernidade que alterou a relação do homem com a natureza, com o trabalho, com o tempo e com o outro. Naquele tempo, já era possível sentir as alterações no âmbito da sociabilidade humana, em que os avanços e progressos realizados no modo de produção afetaram as relações sociais, substituindo as antigas narrativas por outras formas de comunicação, das quais ele destacou a informação.

Ainda que tais avanços tenham representado progressos materiais reais, estava em curso outra forma de experiência, denominada por Benjamin de vivência, que remete a uma temporalidade outra, na qual indivíduos isolados não produzem experiências coletivas a se comunicar. Nessa temporalidade, a presentificação do tempo afeta a noção de passado, presente e futuro. O progresso amplia a

capacidade de acessar distâncias, encurtar o tempo, e cria novas formas de comunicação que dispensam a relação direta entre quem ouve e quem fala.

Naquele tempo, o narrador como representante do conhecimento acumulado, da tradição oral, das histórias e provérbios é substituído pela figura do jornalista capaz de reproduzir notícias que circulam todos os dias como novidade.

Nesse sentido, a sociedade, ao produzir suas riquezas, também cria formas de se reproduzir, cria valores, hábitos, necessidades que nem sempre são necessidades imediatas do sujeito, mas que são dadas mediante a produção de bens, serviços e mercadorias que produzem necessidades e formas de consumo, universalizando valores, procedimentos, necessidade de interação e comunicação.

As possibilidades de comunicação e interações dadas pelo *smartphone* se dão dentro de uma lógica e de uma racionalidade que são determinadas pelo aparelho. O *smartphone*, assim como outras tecnologias, produzem formas de relações sociais, que podem ser comprovadas nos dados pela forma universal com que esses estudantes acessam os mesmos conteúdos e redes sociais para interagir.

Se por um lado existe a necessidade real de afeto, de comunicação, de acessar conteúdos e informações, por outro, tem-se um aparelho que permite ampliar essas possibilidades, mas determina o tempo, o espaço, a forma e o conteúdo dessas relações.

Dessa perspectiva, as redes sociais são mediações fundamentais nas relações sociais desses jovens, especialmente pela exigência de que os sujeitos estejam permanentemente antenados com as novidades surgidas no momento, e ainda inseridos nos diversos grupos sociais que se utilizam dessa ferramenta como principal forma de comunicação.

Vê-se aqui como a racionalidade do objeto é determinante na forma e conteúdo com que esses estudantes se apropriam do *smartphone*. A participação em uma quantidade numerosa de grupos irá mediar as interações na família, na escola/universidade e nos grupos em geral. Também as redes sociais representam formas de pertencimento e inclusão em cada uma dessas instâncias.

3.3 O IMPACTO DO *SMARTPHONE* NAS RELAÇÕES SOCIAIS DOS ESTUDANTES

O desenvolvimento histórico aponta a fragmentação entre sociedade e indivíduo, na qual a possibilidade de reconhecimento, diferenciação e individuação na sociedade capitalista encontra-se obstaculizada pelo processo de individualização dos sujeitos nesse modo de produção.

O ser social é a expressão imediata da sociabilidade nessa realidade, pois o indivíduo é um dos mais sólidos sustentáculos dessa sociedade. O sujeito coletivo pertencente a uma tribo ou comunidade, deu lugar ao indivíduo que sozinho circula na multidão e emerge nas grandes cidades. Esse ser social aparece quase que de forma “natural”, livre, senhor do seu destino, independente, capaz de alcançar o sucesso desejado mediante seu esforço. A rigor, essa forma de conceber a realidade é falsa, embora real, se for observada a divisão social do trabalho, e como ela se desenvolveu na história até os dias atuais. Na sociedade capitalista, a afirmação do ser social é a afirmação da individualidade e da ausência das relações sociais.

As contribuições de Marx, Engels, Horkheimer e Adorno possibilitam que se compreenda o indivíduo como um feixe de relações sociais e como expressão da existência social, complexa e histórica, síntese de relações contraditórias e complexas do ponto de vista social e subjetivo. São, pois, relações de contradição que não se resolvem, mas se desenvolvem na dinâmica das relações sociais que constitui os sujeitos e a materialidade. Nesse sentido, o indivíduo, ainda que pareça um dado natural, é histórico, social e condição necessária para que esse modo de produção se constitua.

Marx e Engels (1980) elucidam que, como o homem é portador de necessidades, a condição de ser social se produziu em relações sociais de dependência. Porém, essa relação de interdependência e reciprocidade não cabe no modo de produção capitalista, visto que neste ela se desenvolve na forma indivíduo, livre e soberano para escolher a quem vender sua força de trabalho. A condição de dependência recíproca é condição humana, mas se desenvolve de forma diversa na sociedade capitalista.

Assim, a contradição se mantém e a necessidade de se organizar em grupos, de se comunicar e de se relacionar permanece, ainda que em condições determinadas. A interdependência, a apetência, a carência são comprovações de que somos incompletos, e não é condição dessa particularidade histórica, visto ser

condição humana universal. O que é da particularidade é a forma que vai se desenvolver na forma de produzir a vida.

O indivíduo só aparece na medida em que as relações sociais se desenvolvem, se complexificam e se universalizam. Portanto, é um processo histórico que, na sociedade burguesa, encontrará as condições ideais de realização. Nessa perspectiva, o indivíduo é representante dos ideais burgueses que garantirão o funcionamento desse modo de produção. O indivíduo deve ser livre, de forma a dispor da sua força de trabalho a quem ele bem entender, e ser também adaptável e subordinado às leis da sociedade. Embora aparentemente livre, esse indivíduo não reconhece, na realidade dada, as possibilidades de mudança.

[...] As instituições culturais e os ramos de atividade, igreja, escola, literatura etc., reproduzem estas contradições no caráter dos homens; sua insuperabilidade sob as circunstâncias dadas resulta do fato de que os indivíduos acreditam agir livremente, enquanto que os traços fundamentais da própria ordem social se subtraem à vontade destas existências isoladas e, por isso, os homens apenas reconhecem e constataam o local onde elas poderiam dar forma, e carecem daquela liberdade de que necessitam com urgência cada vez maior, ou seja, podem regular e dirigir o processo social de trabalho, as relações humanas de maneira racional, isto é, de acordo com um plano uniforme no interesse da comunidade. (HORKHEIMER, 1990, p. 209)

A constituição do ser social se dá mediatizada pelas relações materiais de produção, pelo desenvolvimento das técnicas e tecnologias, bem como pelas instituições que exercem papel educativo e formativo dos indivíduos.

A universalização do modo de produção capitalista através das tecnologias de informação e comunicação, sobretudo com o advento da internet, operou mudanças nos modos de produzir a vida, as experiências individuais e coletivas dos sujeitos, bem como a relação destes com o tempo, o espaço e os diversos aspectos da cultura.

A internet ganhou espaço como principal meio de comunicação, interação e organização na sociedade contemporânea, constituindo o que Castells (2010) chamou de *sociedade em rede*.

Nessa perspectiva, o *smartphone* se apresenta como um emblema dessas tecnologias e reúne em si a possibilidade de acesso, a qualquer hora do dia, à internet e a múltiplas funcionalidades. Como apresentado nos dados iniciais, ele se popularizou e atualmente está ao alcance de todos e tem se constituído como

importante mediação na relação do jovem com as diferentes instâncias educativas e de socialização, assim como nas relações que estabelecem com si mesmo, como será visto mais adiante.

3.3.1 FAMÍLIA

O *smartphone* medeia formas de comunicação, informação e aproximação com o grupo familiar. Isso porque, por intermédio do aparelho, os estudantes mantêm contato com a família próxima e ampliam o contato com outros membros da família. Na opinião da maioria dos estudantes, sem o aparelho esse contato não seria possível.

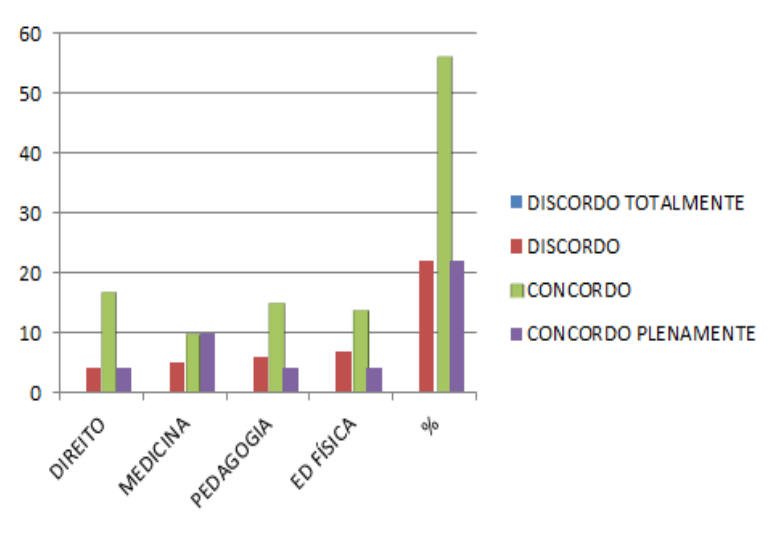
Desse modo, vê-se que 67% dos estudantes utilizam o *smartphone* como um dos principais meios de comunicação com a família, 97% concordam que ele possibilita ampliar o contato com pessoas e membros da família, que antes não seria possível. Dentre os grupos formados nas redes sociais, o grupo da família cumpre a função de manter informados os membros que se encontram distantes.

Contudo, 93% concordam que, muitas vezes, essa aparente proximidade revela também um distanciamento, uma vez que muitos membros da família só se relacionam pelas redes sociais.

Ainda nesse sentido, 78% concordam que existem muitos fatos, situações e acontecimentos sobre a própria família que os membros só se informam pelas redes sociais, como se pode observar no gráfico.

Gráfico 2 - O *smartphone* mediando o relacionamento familiar

- Existem fatos, situações e acontecimentos sobre a própria família que os membros só se informam pelas redes sociais.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Observa-se que, na opinião desses estudantes, o mesmo aparelho, que possibilita aproximar e colocar em contato membros da família que se encontram distantes, revela um distanciamento, pois o que os une é a facilidade de comunicação imediata que o aparelho permite e não necessariamente laços afetivos. A proximidade virtual mantém, desse modo, o isolamento dos indivíduos nessa família, agora ampliada.

Essas indicações colocam em questão o sentido dessa ampliação das relações familiares mediadas pelo *smartphone*. Sendo assim, há uma tendência apresentada pelos próprios estudantes de que essa proximidade se revele falsa. A aproximação virtual apresenta-se de maneira mais formal do que afetiva, no que diz respeito aos laços de família.

É importante tensionar, no âmbito das relações familiares, essa capacidade que as tecnologias de comunicação e informação têm de colocar em contato pessoas no mundo todo, bem como os benefícios dessas tecnologias quanto às experiências essencialmente humanas e na qualidade das relações mediadas por elas. Porém, há uma contradição implícita nessa interação com a família, uma vez que a proximidade familiar e a ampliação dos laços afetivos com um número maior de familiares se confrontam com a frieza e a impessoalidade nas relações que se constituem por intermédio do aparelho.

Está em questão, na experiência desses jovens, a relação com a família e com os demais grupos mediada pelo *smartphone*, como um reforço do processo de individualização e até impessoalidade que toma forma nas relações sociais na sociedade moderna.

Nas análises de Horkheimer e Adorno (1978), a família, ainda que inserida na dinâmica social como primeira instância de socialização, traz em si um caráter afetivo que não é regido de forma restrita às leis do mercado. A família adquire papel fundamental no processo de socialização dos indivíduos, assim como garante certa universalidade.

Em face do processo civilizatório ao qual estamos inseridos, a família está transversalizada pelas demais instâncias educativas e de socialização, e também sofre a influência do desenvolvimento tecnológico que, no âmbito das relações sociais, amplia a comunicação antes restrita às aldeias e grupos menores e produz, no âmbito da cultura, valores, ideias e pensamentos próprios da racionalidade industrial, pragmática e competitiva. O *smartphone* produz mediações que não poupam a família, uma vez que aproxima e cria formas de relacionamento que são dadas pela forma e conteúdo do aparelho.

Sem perder de vista as contradições, a família ainda resiste pelos laços afetivos que a une e reproduz ao mesmo tempo essa racionalidade que conduz à impessoalidade e à frieza dos relacionamentos modernos. São, pois, outras experiências se produzindo no contexto das tecnologias digitais.

3.3.2 GRUPOS

O *smartphone* medeia a inserção desses estudantes nos diferentes grupos, possibilitando formas de comunicação e informação, pertencimento, universalidade e inclusão em determinados espaços e coletividades, por intermédio dos aplicativos e redes sociais.

A ideia de universalidade e obrigatoriedade do uso como meio de pertencimento e inclusão remete a uma determinação do objeto sobre o sujeito, como um mediador das relações desses jovens com seu grupo de pertença. O *smartphone* constitui-se assim como principal meio de interação entre grupos diversos, amigos e relacionamentos afetivos.

Desse modo, todos os estudantes afirmam utilizar o *smartphone* na comunicação com os amigos e grupos em geral. E destes, 82% afirmam que respondem todas as mensagens que recebem.

Os estudantes foram questionados se nas redes sociais curtem ou seguem pessoas que têm opiniões contrárias às suas. Do total, 58% deles afirmam seguir pessoas que têm posicionamentos contrários aos seus, assim como 62% afirmam que as redes sociais e os *sites* de busca não influenciam suas opiniões, mas 38% deles dizem que sim. A par de que possam entrar em contato com um pensamento diferente do seu, esse contato não tem maiores repercussões.

A maioria dos estudantes (84%) afirmou não se importar com o número de seguidores ou curtidas nas redes sociais. Desse modo, um quantitativo de 80% desses jovens não costuma adicionar pessoas desconhecidas nas suas redes sociais.

Do total, 73% afirmam que não mantêm o hábito de atualizar *status* nas redes sociais e a maioria (66%) afirmou não se preocupar em postar fotos das atividades diárias, tais como passeios, viagens e atividades domésticas, nas redes sociais.

Perguntados se o número de seguidores e de curtidas nas redes sociais revelam o grau de popularidade e de influência dos indivíduos na sociedade atual, 60% discordam dessa afirmativa. Em contrapartida, 54% concordam que exibir fotos das atividades diárias, quais sejam: atividades domésticas, lazer, viagens, compras, entre outras, são fundamentais para aumentar a popularidade nas redes sociais.

Os estudantes ainda afirmam não se importar com necessidade de postar fotos deles mesmos, ou atualizar *status* diariamente, mas, contraditoriamente, compreendem que tais práticas são importantes para conquistar popularidade nas redes sociais. Assim, há uma tensão entre a forma como eles se apresentam nas redes, a forma como eles desejam ser vistos e como eles percebem o outro.

O *smartphone*, como meio de acesso ao mundo digital e às diversas redes sociais, possibilita que os jovens conectem diversos conteúdos em uma velocidade cada vez maior. O tempo que cabe na lógica do aparelho é o tempo presente, constituído por notícias, imagens, ideias e formas imediatas de se relacionar, agir e pensar. A necessidade de pertencer e ser aceito nos grupos cria uma submissão dos sujeitos à lógica e à racionalidade desse aparelho, que acaba por definir o que é ou não importante postar, compartilhar e acessar.

Um total de 91% desses estudantes concorda com a afirmativa de que, em geral, as imagens postadas nas redes procuram demonstrar pessoas felizes e bem sucedidas. Liberdade e felicidade são valores acoplados às diversas mercadorias produzidas nessa sociedade, sob a promessa de realização e satisfação das necessidades humanas.

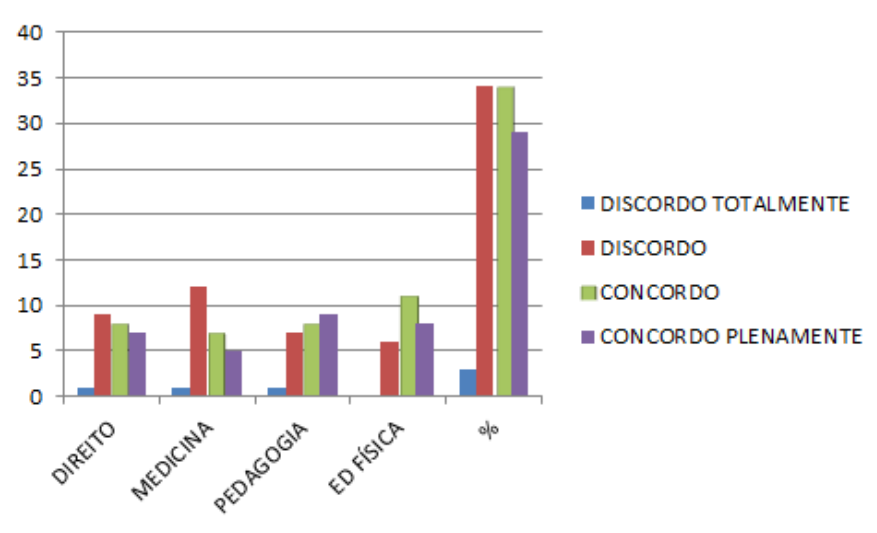
É importante observar, nesse dado, a análise de Kehl (2012) acerca da depressão como sintoma social no século XXI. A autora observa que sintomas de tristeza, muitas vezes, são confundidos com casos graves de depressão, visto que, nessa sociedade, a tristeza não tem o menor prestígio e precisa a todo custo ser eliminada. “As tristezas, os desânimos, as simples manifestações da dor de viver parecem intoleráveis em uma sociedade que aposta na euforia como valor agregado a todos os pequenos bens em oferta no mercado” (KEHL, 2012, p. 31).

Porém, é necessário refletir que as imagens postadas nas redes sociais colocam os sujeitos como pequenas mercadorias nos espaços virtuais e representam a necessidade de se apresentar aos outros de uma determinada maneira. Sendo assim, ser feliz é uma das promessas dessa sociedade que privilegia o sucesso e o êxito individual.

Com relação às possibilidades ofertadas pelo aparelho em facilitar diferentes formas de comunicação, diminuindo o tempo e a distância entre pessoas, 95% concordam que o *smartphone* contribui nesse sentido. Por outro lado 97% dos estudantes concordam que, mesmo tendo uma infinidade de amigos nas redes sociais, muitas pessoas se sentem sozinhas e solitárias. Porém, como se vê no gráfico, apesar da proximidade possibilitada pelo aparelho, 63% concordam que os encontros presenciais tornaram-se mais raros com o uso do *smartphone*.

Gráfico 3 - O *smartphone* mediando à relação como os grupos

■ Os encontros presenciais se tornaram mais raros com o uso do *smartphone*



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Tempo e distância, duração e extensão são elementos presentes nas diversas tecnologias que foram desenvolvidas e potencializaram as forças produtivas do capital. Entretanto, no que se refere à constituição dos laços afetivos e sociais, parece que a promessa não se cumpre, visto que a aproximação entre grupos e pessoas se afigura para esses estudantes de maneira formal.

A inserção desses sujeitos em grupos via redes sociais é unânime, sendo esta a principal via de comunicação com os amigos e grupos em geral. Contudo, essa aproximação virtual também se revela num distanciamento presencial, bem como em uma superficialidade, transitoriedade e brevidade dessas relações. Sem desconsiderar as contradições, os grupos virtuais acabam por substituir o grupo empírico em muitas situações, o que corrobora o processo de individualização constituinte da sociabilidade nessa sociedade.

A possibilidade de ampliar o contato com um número maior de pessoas se confronta com a qualidade dessas relações, uma vez que, por trás de uma grande quantidade de amigos nas redes sociais, muitas vezes encontram-se pessoas solitárias. Isso indica que a ampliação do pertencimento a grupos pode significar maior individualização e menor individuação. Sem perder de vista as contradições que estão imbuídas nesse processo, convém lembrar os apontamentos de Marcuse (1979) de que a tecnologia não está isolada das relações sociais e dos interesses que a constituem, visto que produz necessidades materiais, intelectuais e, nesse caso, afetivas, que perpetuam as atuais formas de existência.

Cerca de 81% dos estudantes consideram positiva a possibilidade de evitar contato com pessoas indesejáveis através dos recursos disponibilizados pelo aparelho, que possibilitam ignorar mensagens e se tornarem invisíveis, mesmo estando *on-line*. Esse dado aponta no sentido de que outra experiência se produz na modernidade, que Benjamin denominou como vivência. Isso porque as relações socialmente construídas prescindem da presença do outro, pois não há experiências coletivas a se comunicar.

No entanto, 97% dos estudantes entendem que, atualmente, as pessoas interferem cada vez mais em assuntos que deveriam ser privados e pessoais, o que aponta uma publicização da vida privada, facilitada pelo aparelho e pelo acesso imediato às redes sociais.

Também o *smartphone* é visto como condição de inclusão social na opinião de 84% dos estudantes, a ponto de 56% deles considerarem que as pessoas que não possuem *smartphone* com acesso à internet e redes sociais são excluídas socialmente.

O *smartphone* atua, pois, como uma cortina de proteção e de controle na relação com o outro. Esse controle se dá na medida em que a pessoa se permite estar “visível” ou não, nas conversas pessoais ou em grupo, na escolha individual de responder ou não as mensagens que recebe, nas imagens que posta de si nas redes sociais, naquilo que espera que se saiba sobre ela. Por outro lado, a forma de comunicação que se estabelece por mensagens de texto, ou de voz, protege a pessoa dos confrontos diretos e facilita expor opiniões sem que ela se envolva em conflitos.

Há ainda uma preocupação desses estudantes com a exposição da vida privada, cada vez mais presente nessa mediação via *smartphone*, visto que estar nas redes sociais é condição de pertencimento e inclusão. Como se vê na opinião desta estudante:

A invasão da privacidade nos faz repensar qualquer ação que exponha a vida pessoal, e nos tornamos reféns no uso contínuo do *smartphone* para evitarmos cobranças e pertencermos à sociedade. (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA, 37 anos)

Estar incluído significa adotar hábitos, atitudes e comportamentos que são determinados pela lógica e racionalidade do objeto. E, nesse sentido, a forma de

participação em determinadas redes sociais, que inclui curtir páginas, transitar por assuntos que estão sendo falados no momento, atualizar *status*, postar fotos, vídeos e trocar mensagens, não é escolha do sujeito, mas é imposta pela forma de funcionamento do objeto. A esse respeito, Horkheimer e Adorno ponderam:

Hoje, em virtude do progresso dos meios de transporte e das técnicas de comunicação, à descentralização industrial e tecnológica previsível, entre outras coisas, a socialização da humanidade está se aproximando de um novo ponto culminante, e o que parece estar “de fora”, mantém-se nessa sua extraterritorialidade, mais como algo que é tolerado ou que se situa num plano mais amplo, do que em virtude de uma autêntica e indiscutível manutenção do “exótico”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 39)

Examina-se, assim, a impotência dos sujeitos contemporâneos frente às novas tecnologias, que parecem determinar de forma ainda mais contundente as relações sociais nessa particularidade, num processo ainda mais profundo de individualização com aparência de ampla socialização. As análises de Marcuse (1979) sobre a racionalidade tecnológica ilustram bem como nessa sociedade se criam padrões de comportamento e pensamento *unidimensionais*, reduzindo anseios, desejos, afetos à racionalidade desse universo.

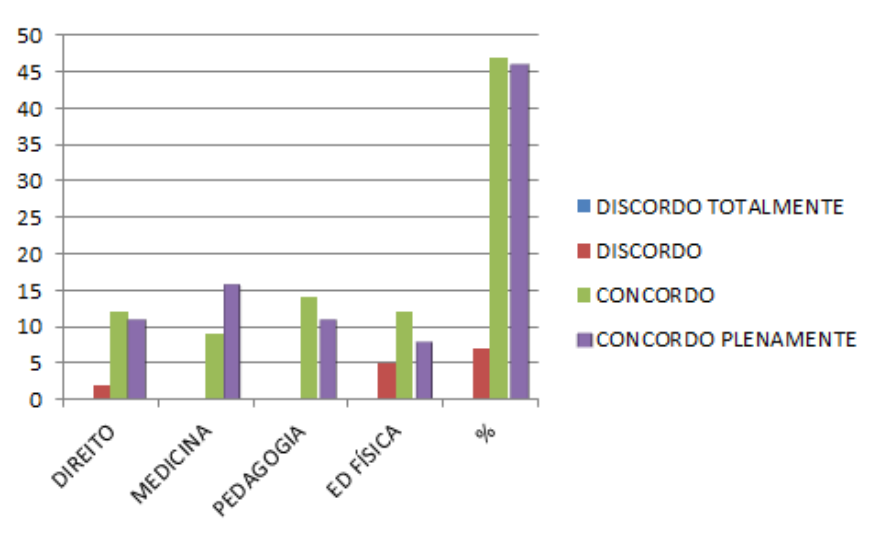
É significativo que 62% desses estudantes concordem com a afirmativa de que, na atualidade, o *smartphone* seja uma das principais ferramentas na constituição dos laços afetivos. Eles reafirmam esse entendimento quando 67% concordam que o *smartphone* é indispensável nas relações que se estabelecem no mundo contemporâneo e 72% deles concordam que ele aproxima as pessoas, amplia e facilita os relacionamentos interpessoais. Mesmo considerando as possíveis contradições, vale destacar que as tecnologias afetam diretamente a noção do tempo e distância. Ainda que seja outra forma de experiência, ou seja, que as relações sejam virtuais, a aproximação é real. Porém, sob o ponto de vista dos estudantes, essa aproximação nem sempre é duradoura.

Mais uma vez, essa facilidade de aproximação se confronta com a qualidade e durabilidade desses relacionamentos. Na opinião de 98% desses jovens, muitos relacionamentos, atualmente, começam e terminam por intermédio das redes sociais, o que pode indicar uma superficialidade e efemeridade das relações sociais. Então, para 77% dos estudantes, as relações que se estabelecem via *smartphone* são tão instantâneas e imediatas quanto as informações e

mensagens que circulam nas redes sociais. No gráfico 4, outro aspecto a ser destacado é o fato de que 93% concordam que o *smartphone* facilita dizer certas coisas, difíceis de serem ditas pessoalmente. As opiniões remetem ao distanciamento e à impessoalidade nas relações mediadas pelo aparelho.

Gráfico 4 - O smartphone mediando falas e afetos

■ É mais fácil dizer certas coisas por intermédio de um aplicativo de celular ao invés de dizer pessoalmente.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

O uso do objeto como proteção e escudo nas relações afetivas e entre grupos ressalta a condição de fragilidade humana frente à sociedade que isola os sujeitos e exige um posicionamento autônomo, quando, na verdade, eles estão cada vez mais submetidos à lógica e racionalidade tecnológica que os coloca na condição de objeto. A experiência que liga esses sujeitos não é a que Benjamin falava, de uma experiência comum, contínua e universal, que liga os membros de uma coletividade. É, pois, uma relação que dispensa a presença do outro e inclusive o coloca em espera.

Acerca do hábito de enviar ou receber fotos sensuais como possibilidade nos relacionamentos afetivos, 89% respondem entre nunca e raramente. No entanto, embora o envio de fotos sensuais ou de nudez não faça parte da rotina desses estudantes, 80% deles concordam que essa prática é cada vez mais comum entre os jovens, por ser condição de prazer e de satisfação íntima. Vê-se que há uma

contradição entre comportamento individual do jovem nos seus relacionamentos e a opinião que ele tem sobre os outros. Existe assim uma tensão na forma como ele se apresenta ao outro, e a forma como enxerga o outro, como se esse jovem não estivesse inserido nessa mesma realidade.

O *smartphone* ainda é visto por 88% desses estudantes como um instrumento de controle nos relacionamentos em geral, o que indica a falta de privacidade e liberdade mediada pelo uso desse aparelho.

Questionados se costumam se envolver em polêmicas nas redes sociais no tocante a formas de preconceito e discriminação, 85% dos estudantes afirmam entre nunca e raramente. A grande maioria (92%) disse não se envolver em conflitos ou desfazer amizades nas redes sociais por expressar as suas opiniões.

Embora esses estudantes afirmem não se envolver nesse tipo de polêmica nas redes sociais, 77% concordam que essa proximidade, possibilitada pelo *smartphone*, aumenta conflitos, trazendo à tona desavenças motivadas por opiniões religiosas, políticas, diferenças de poder aquisitivo. Do total, 95% concordam com a afirmativa de que formas de preconceito e discriminação religiosa, étnica, de gênero e de classe tornaram-se mais evidentes mediante o acesso às redes sociais. Ainda nesse aspecto, 94% concordam que o acesso às redes intensifica os conflitos sociais, devido à possibilidade de expressar opiniões sem a necessidade de um confronto direto.

Na opinião desta estudante de Pedagogia:

[...] eu penso que o preconceito se torna mais visível e concreto, principalmente quando outros membros compartilham da mesma opinião, já que por vezes o indivíduo se esconde por trás do aparelho para manifestar suas ideias, sem medo de ser julgado ou condenado. (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA, 19 ANOS)

Questionados sobre o lugar das minorias sociais nas redes sociais, 57% concordam que essas minorias têm baixa popularidade e visibilidade nas redes sociais. Observa-se, pois, uma concordância de 90% dos estudantes quanto ao fato de que o *smartphone* modificou as relações de trabalho, exigindo uma conexão permanente dentro e fora do trabalho⁴. Sobre a ampliação das possibilidades de

⁴ A esse respeito, ver a pesquisa de Zaremba (2014), Nicolaci-da-Costa (2002) e Ferreira (2017), que desenvolveram estudos acerca dos efeitos das tecnologias digitais no mundo do trabalho.

consumo, 87% concordam que o consumo dos indivíduos aumentou mediante a acessibilidade aos aplicativos e *sites* de compra.

De modo geral, na opinião dos jovens pesquisados, o *smartphone* adquire centralidade na constituição dos laços afetivos na contemporaneidade. Atua nessas relações como instrumento que aproxima, facilitando o contato com pessoas de lugares distantes e possibilitando formas de comunicação que substituem o contato empírico.

Observa-se que o aparelho atua como mediador de falas, intimidades, afetos e sentimentos nas relações, dispensando, muitas vezes, a necessidade do encontro. Ao substituir o encontro, reforça a enorme individualização desse sujeito, inserido num coletivo cada vez maior.

O *smartphone* medeia as relações afetivas, oferecendo certa proteção e amparo na comunicação de afetos e sentimentos que dificilmente seriam ditos pessoalmente. Atua, inclusive, como instrumento de controle nos relacionamentos, extremamente contrário aos preceitos de liberdade e autonomia tão professados nessa sociedade.

A racionalidade que constitui o *smartphone* não só medeia, como também interfere na qualidade desses relacionamentos, uma vez que a virtualidade os torna cada vez mais impessoais, transitórios e superficiais, ao ponto de muitos relacionamentos começarem e terminarem por intermédio das redes sociais. Este entendimento se expressa com clareza na opinião deste estudante de Medicina:

Nota-se o empobrecimento das relações interpessoais de modo que o *smartphone* atua como mediador dessa coesão, quando a própria relação deveria ser objeto de coesão. (ESTUDANTE DE MEDICINA, 21 ANOS)

É fato que essa tecnologia produz outra forma de experiência nas relações individuais e coletivas. A internet, como extensão da mente humana, altera a forma como vivemos, produzimos, consumimos e nos relacionamos. A virtualização, compreendida como alteração espaço-temporal, altera a forma e o conteúdo das relações na sociedade contemporânea. As tecnologias, como substitutas de determinadas funções e qualidades humanas, apontam quais perspectivas para o presente e futuro das relações humanas?

3.3.3 ESCOLA / UNIVERSIDADE

O *smartphone* é utilizado pelos estudantes nas atividades escolares. Sendo assim, quando utilizado como ferramenta acadêmica, eles fazem-no como fonte de pesquisas e de acesso a conteúdos científicos.

Como instrumento de aprendizagem, o aparelho tanto contribui para a aprendizagem como se constitui empecilho e entrave nesse processo. Os estudantes sentem-se divididos quanto à variedade de recursos existentes no aparelho, visto que, ao acessá-lo em sala de aula, fazem-no com ambas as finalidades: estudo e entretenimento.

Assim como nas demais mediações, o *smartphone* coloca esse sujeito em contato com um universo muito ampliado de conteúdos e informações. Entretanto, no que se refere à formação, esse universo ampliado constitui um obstáculo que retira o sujeito do ambiente escolar para colocá-lo em contato com um mundo fora dele, que inclui as redes sociais e outras formas de entretenimento.

A maioria dos estudantes (97%) afirma utilizar o *smartphone* com finalidades acadêmicas. Desse modo, cerca de 74% desses estudantes afirma que acessa páginas de divulgação científica, tecnológica, filosófica ou artística no aparelho.

Quanto à participação em grupos de pesquisa ou estudo via rede social, as opiniões se dividem: 19% afirmam que nunca participam, 31% raramente, 38% frequentemente e 12% sempre.

O *smartphone* é utilizado por 80% dos estudantes para realizar pesquisas acadêmicas. Com isso, cerca de 84% deles busca outros meios de pesquisa, que não seja o *smartphone*. Vê-se certa contradição nesses dados em relação aos primeiros apresentados, porque o uso do aparelho como ferramenta acadêmica é menor que o uso para telefonar, e as redes sociais mais utilizadas não se relacionam com as atividades acadêmicas.

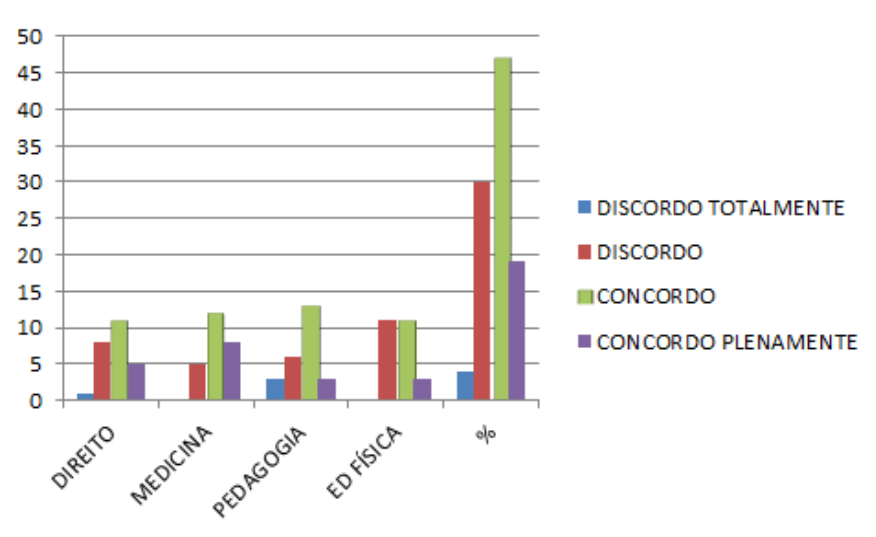
Ao serem indagados sobre o acesso ao *smartphone* em sala de aula, 74% afirmam que utilizam. No entanto, os estudantes foram questionados sobre a finalidade desse acesso em sala de aula: 68% afirmam entre sempre e frequentemente utilizam-no para fins acadêmicos, 61% afirmam entre sempre e frequentemente utilizam-no para fins de entretenimento e acesso às redes sociais.

Como ferramenta acadêmica, 96% concordam que o *smartphone* se tornou importante ferramenta na realização de estudos, pesquisas e trabalhos

acadêmicos. Contraditoriamente, 54% também concordam que ficou mais difícil cumprir as atividades acadêmicas em função dos atrativos do aparelho. Ainda nessa direção, 66% concordam que os diversos recursos de entretenimento presentes no aparelho são mais atraentes que os conteúdos das aulas, como se pode ver no gráfico.

Gráfico 5 - O smartphone na universidade

■ Os diversos recursos de entretenimento presentes no aparelho são mais atraentes que os conteúdos das aulas.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Os estudantes indicam que, apesar de auxiliar no processo de aprendizagem por facilitar a pesquisa e o acesso a livros e conteúdos, a imensidão de informações e atrativos das redes sociais, que pode ser acessada simultaneamente durante as aulas, ou nos momentos de estudo, acaba por desviar o foco e atrapalhar no processo de aprendizagem. Nesse sentido, sentem-se divididos quanto às possibilidades ofertadas pelo aparelho:

O smartphone garante grande economia com livros físicos a partir das leituras em PDF. (ESTUDANTE DE DIREITO, 18 ANOS)

Atualmente eu ando com dificuldades de me concentrar principalmente nos estudos por causa do smartphone. (ESTUDANTE DE DIREITO, 18 ANOS)

Embora o *smartphone* apareça como mediação na formação destes estudantes, essa mediação está circunscrita a ações individuais que pouco contribuem para a formação dos mesmos, visto que os conteúdos escolares e os saberes científicos acumulados historicamente disputam espaço com as informações e diversas fontes de entretenimento possibilitadas pelo aparelho.

O uso do *smartphone* no âmbito escolar tem sido utilizado tanto como aporte tecnológico, que facilita o acesso a conteúdos acadêmicos e escolares, como meio de entretenimento e diversão, que retira esse estudante da realidade imediata da sala de aula para os espaços virtuais em que ele se conecta.

Para Pierre Lévy, ocorre um processo de virtualização do corpo por intermédio das técnicas de comunicação e telepresença, de forma que as tecnologias da informação oferecem novas possibilidades à espécie humana:

Começamos pela percepção, cujo papel é trazer o mundo aqui. Essa função é claramente externalizada pelos sistemas de comunicação. O telefone para audição, a televisão para a visão, os sistemas de telemanipulações para o tato e a interação sensório-motora, todos esses dispositivos virtualizam os sentidos. E ao fazê-lo, organizam a colocação em comum dos órgãos virtualizados. As pessoas que veem o mesmo programa de televisão, por exemplo, compartilham do mesmo olho coletivo. Graças às máquinas fotográficas, às câmeras e aos gravadores, podemos perceber as sensações de outras pessoas, em outro momento e outro lugar. Os sistemas ditos de realidade virtual nos permitem experimentar, além disso, uma integração dinâmica de diferentes modalidades perceptivas. Podemos quase reviver a experiência sensorial completa de outra pessoa. (LÉVY, 1996, p. 28)

O tempo destinado à sala de aula também é o tempo destinado para estar em outros lugares. São discrepâncias que se mantêm nas relações mediadas pelo aparelho, que permite que se ocupe diferentes espaços, numa outra relação com o tempo, cada vez mais imediato, presentificado e conectado com as informações e notícias que circulam no momento. Nesse sentido, o aparelho projeta esse estudante para os espaços que mais lhe interessam.

Esses aspectos levantam questões acerca do futuro do pensamento, assim como o lugar do conhecimento no processo de formação dos sujeitos, visto que o acesso cada vez mais imediato à internet e seus conteúdos interativos apontam para soluções imediatas e instantâneas, que ao menos na aparência aplacam a angústia de não se saber sobre determinado tema. Sem desconsiderar os efeitos positivos de tais progressos tecnológicos, que ampliam as possibilidades de

acesso a estudos e pesquisas científicas das mais diversas áreas, faz-se necessário pensar acerca das contradições de tais facilidades de acesso, que podem comprometer o esforço necessário, perseverante e autônomo, do trabalho, do pensamento dos sujeitos no mundo contemporâneo.

3.4 O IMPACTO DO *SMARTPHONE* NA EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL

A expansão do mundo digital cresce de forma gigantesca, produzindo uma compressão no tempo e no espaço que possibilita a realização de tarefas de forma simultânea e sem barreiras. Alcançou um nível tal de socialização capaz de regular as ações do indivíduo em todos os espaços que ele ocupa e sem limites.

A relação do corpo, como um corpo que ocupa um tempo e um espaço, encontra-se alterada mediante essa tecnologia que produz a aceleração do tempo e transforma o ser humano num receptor de informações das mais diversas ordens.

O mundo virtual prevê outra experiência com o tempo, que altera a maneira de ser e existir no mundo. A memória cabe na palma da mão, de modo que o acúmulo de saberes e experiências torna-se cada vez mais obsoleto, uma vez que o *smartphone* cumpre esse papel, ao menos na aparência.

Como a memória que está no *smartphone* não é a memória do indivíduo, e sendo a vida social transferida ao aparelho, ele opta por clicar ou não em determinados conteúdos. Dessa forma, pensa ter o domínio de acessar o quer e de ser solicitado pela vida social naquilo que deseja. O mundo virtual contém em si o processo tenso, angustiante e incômodo da vida real.

O *smartphone*, como nexos constitutivo da experiência desses estudantes, tem corroborado as indicações de Walter Benjamin acerca do desprestígio e da perda da experiência frente ao progresso alcançado na ordem da civilização, com o desenvolvimento de técnicas e tecnologias que alteram a relação do homem com a natureza, com o trabalho e com o outro. Nesse contexto, a experiência, como possibilidade humana de reconhecimento e universalidade, vem sendo substituída pelas vivências solitárias do mundo moderno.

3.4.1 O TEMPO, O CORPO E A MEMÓRIA

Há indicações de que o *smartphone* medeia não apenas as relações desses jovens nas diferentes instâncias de socialização, mas, de forma significativa, medeia a relação destes com o tempo, com os espaços e até mesmo com o próprio corpo.

Dentre as características marcantes do *smartphone* nessa mediação, destaca-se a universalização desse aparato tecnológico na atual forma de sociabilidade. Sendo assim, essa é uma tecnologia que aproxima grupos, pessoas, diminui o tempo e a distância e potencializa a velocidade com que os sujeitos se comunicam e acessam as informações e conteúdos disponíveis no mundo virtual.

Tal possibilidade torna-se real na medida em que essa tecnologia assume forma e conteúdo que cabem no bolso desses indivíduos, tornando-se uma extensão do próprio corpo. Ao se tornar parte do corpo humano, o aparelho adquire e substitui certas qualidades humanas, como, por exemplo, a memória. No entanto, não se trata da memória das histórias e experiências desses sujeitos em sua singularidade, mas de uma memória que está dada pelo aparelho, nos limites e possibilidades desse objeto. Surge então uma relação de dependência com o objeto, que passa a ser inserido como prolongamento do corpo.

A par de todo o processo de universalização dessa tecnologia, o uso se dá de forma extremamente individual e impessoal, uma vez que cria proximidade virtual entre grupos, mas os afasta presencialmente.

O tempo destinado por esses estudantes ao uso do *smartphone* está circunscrito ao domínio do objeto, e da forma de sociabilidade que se constitui numa determinação externa que condiciona o sujeito ao tempo e às formas do aparelho. A ação de conectar e desconectar advém de exigências que não estão sob o controle dos sujeitos, ainda que empiricamente ele tenha esse controle, como se observa no depoimento deste estudante:

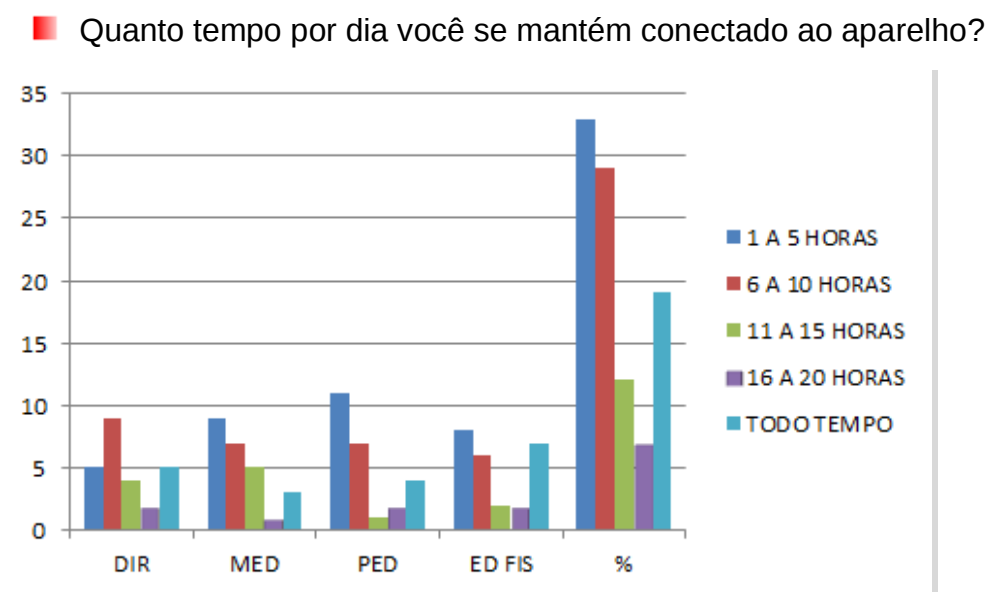
É um alívio ficar em locais onde não se tem cobertura de rede de internet. Livre da cobrança de se estar sempre conectado. (ESTUDANTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 31 ANOS)

A noção de tempo se perde e se dilui no uso do aparelho, que se coloca como necessário em todos os momentos e espaços que esse sujeito atua. O *smartphone* torna-se presente em todas as ações e situações de forma simultânea na realização diária das suas atividades. Possibilita que os indivíduos estejam

presentes em vários lugares ao mesmo tempo e, contraditoriamente, ausentes desses mesmos lugares. Ao mesmo tempo em que é pertencimento, também é fuga, presença e ausência. Portanto, são indivíduos isolados agindo dentro de uma sociabilidade que universaliza formas de agir, pensar e existir.

Perguntados sobre o tempo que se mantêm conectados ao aparelho, 33% dos jovens afirmam ficar conectados de 1 a 5 horas por dia, 29% de 6 a 10 horas, 12% de 11 a 15 horas, 7% de 16 a 20 horas e 19% dizem ficar conectados todo o tempo, como se pode ver no gráfico a seguir.

GRÁFICO 6 - Tempo de conexão ao *smartphone*



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Esses estudantes se veem obrigados a se conectar várias horas do dia sob pena de serem excluídos dos principais acontecimentos do momento. Esse tempo dedicado ao aparelho é extremamente individual e acaba por retirar esse sujeito das relações presenciais com seus pares. Estão implicadas, nesse processo, a presentificação do tempo e a perda do indivíduo de si mesmo, que, subordinado à racionalidade do aparelho e das relações sociais mediadas por ele, se vê condicionado à lógica do objeto e sendo determinado por ele.

Sobre a capacidade em limitar o uso do aparelho quando está em determinado grupo ou com certa pessoa (família, namorado/a, amigos, grupo de trabalho etc.), a maioria afirmou que consegue estabelecer esse limite, visto que

88% deles responderam entre sempre e frequentemente. No entanto, contraditoriamente, o *smartphone* está presente em quase todas as atividades cotidianas dos estudantes, nas atividades sociais, ocupacionais ou de lazer, pois 87% dos jovens afirmam entre sempre e frequentemente quanto ao uso do aparelho nas suas atividades sociais.

Ao serem questionados sobre o uso do aparelho no trabalho, na universidade, em ambientes sociais em geral, 91% afirmam que utilizam o *smartphone* nessas situações.

Embora esses estudantes afirmem que o *smartphone* esteja presente em todas as suas atividades sociais e ocupacionais, 90% afirmam que não deixam de realizar essas atividades em decorrência do uso frequente do aparelho. Assim, 73% afirmam que nunca e raramente sentiram angústia, ansiedade ou depressão, quando, por algum motivo, ficaram sem o aparelho.

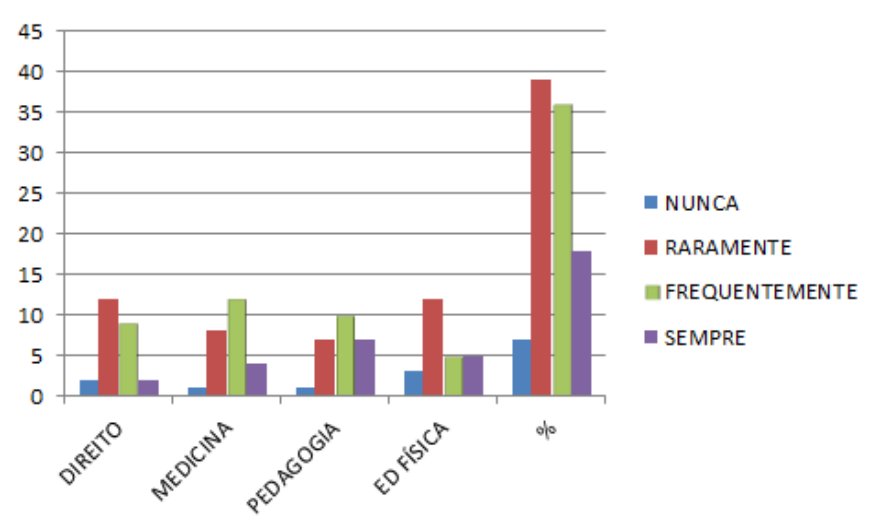
De forma maciça, 99% dos estudantes concordam que as pessoas utilizam o *smartphone* para realizar diferentes tarefas ao mesmo tempo: estudar, conversar, checar o aparelho, ler e responder mensagens, entre outros. Um quantitativo de 87% dos jovens concorda que, atualmente, as pessoas realizam suas atividades sociais em conexão permanente com o *smartphone* e as redes sociais, o que aponta para uma quase obrigatoriedade de uso desse aparelho nas situações cotidianas. As narrativas que se estabelecem nessas redes sociais são formas de comunicação rápidas e instantâneas, visto que têm de acompanhar a velocidade das informações que circulam e se atualizam a todo instante.

Vê-se que há uma contradição entre o que o estudante afirma sobre si e a opinião dele sobre os outros. Aparentemente, a experiência individual dele difere da experiência dos outros. Se por um lado afirma impor limites ao uso, bem como não sentir incômodo de ficar sem o aparelho, por outro compreende que as pessoas em geral não o fazem.

O gráfico que se segue demonstra que a maioria dos estudantes afirmou perder a noção do tempo quando utiliza o *smartphone*. Nesse sentido, do total, 7% afirmam que nunca perdem essa noção, 39% raramente, 36% frequentemente e 18% afirmam que sempre.

Gráfico 7- O *smartphone* na relação com o tempo

■ Você perde a noção do tempo quando utiliza o smartphone?



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Considera-se, nesses dados, que o tempo, agora comprimido, sempre foi utilizado como justificativa do progresso desenfreado e das constantes inovações tecnológicas. A promessa de produzir mais em menor tempo não se realizou, porque o sujeito se perde no objeto, que agora detém o controle desse tempo.

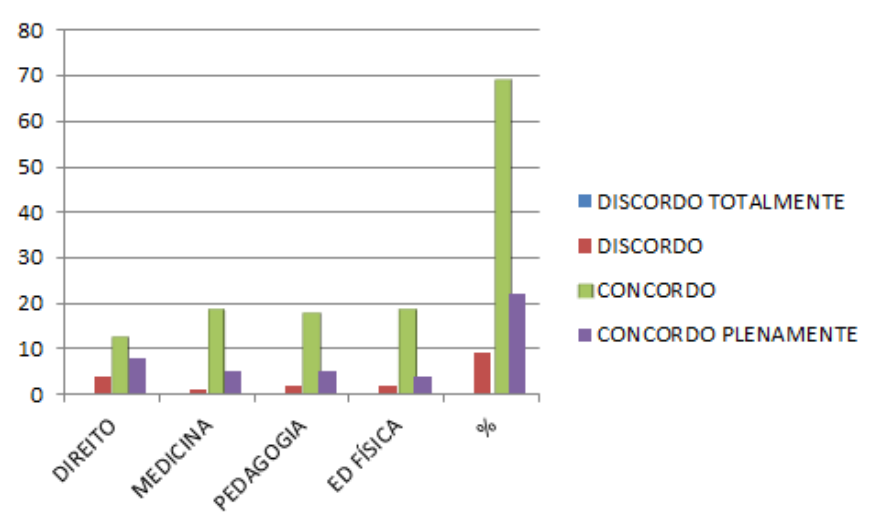
Acerca do uso excessivo e ilimitado do *smartphone* adotado pela maior parte das pessoas, 88% concordam que esse comportamento afeta negativamente os relacionamentos interpessoais. Na mesma direção, 91% concordam que, mesmo causando efeitos negativos, as pessoas mantêm o mesmo tempo e a forma de utilização do *smartphone*. Vê-se o depoimento desta estudante:

Percebo que o uso excessivo do celular não tem sido salutar, pelo contrário, acaba por distanciar pessoas, afastar relações e prejudicar as atividades profissionais e sociais. (ESTUDANTE DE PEDAGOGIA, 36 ANOS)

Para a grande maioria (94%), o *smartphone* permite que as pessoas estejam presentes em vários lugares ao mesmo tempo. Cerca de 96% desses estudantes afirmam que mantêm o aparelho próximo ao corpo. Para 91% deles, o *smartphone* tornou-se uma extensão do corpo e da memória dos indivíduos. Isso indica a transferência para o aparelho de algumas habilidades essencialmente humanas.

Gráfico 8 - O *smartphone* na relação com o corpo e com a memória

- Atualmente o smartphone se tornou uma extensão do corpo e da memória dos indivíduos.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Nessa direção, Castells (2010) aponta essa tendência de que as tecnologias venham a substituir certas funções humanas. Para esse autor, as tecnologias de informação e comunicação, como a internet, por exemplo, são capazes de potencializar e expandir a mente humana, tornando-se força direta de produção e do sistema de comunicação. São mudanças revolucionárias que vêm interferindo nas formas de aprender, nascer, viver, produzir, consumir e sonhar. E nesse sentido tomam conta do tecido social, expandindo não só a mente humana, mas a força do corpo humano em escala mundial.

Observa-se que a mediação do aparelho altera a relação desses sujeitos com a memória, com o corpo e com o tempo. Corrobora ainda os princípios de uma sociedade que valoriza o tempo presente e a informação como principal forma de narrativa, em detrimento das experiências humanas e do conhecimento acumulado que, na sociedade pré-capitalista, podia ser comunicado entre gerações.

O tempo presente prescinde da conexão necessária entre passado, presente e futuro como forma de reconhecimento e sentido de universalidade. Assim como prescinde da memória, que agora transferida ao aparelho, remete-se ao indivíduo solitário e refém do próprio objeto. A experiência desse indivíduo solitário não tem sentido nem significado para os demais membros da coletividade. “É a

história que a memória preserva”. Na sociedade industrial, há uma tendência de se liquidar com o tempo e a memória (MARCUSE, 1979, p. 104).

Tempo, memória e corpo são dimensões fundamentais da experiência humana, mas numa temporalidade outra que estabelece conexões essenciais entre passado, presente e futuro, mas de um passado que é individual e ao mesmo tempo coletivo. Nesse sentido, o *smartphone* medeia outra forma de experiência para esses estudantes que emerge como vivência na sociabilidade contemporânea. Embora seja uma vivência compartilhada por todos os estudantes de forma homogênea e quase obrigatória, são vivências que não se comunicam e, portanto, não conferem aos sujeitos sentido de universalidade.

3.4.2 INDIVIDUALIZAÇÃO, ACELERAÇÃO E PRESENTIFICAÇÃO DO TEMPO

Reflexões atuais vêm dialogando com a Teoria Crítica e com os estudos filosóficos que tecem crítica rigorosa à sociedade do capital, ao desenvolvimento histórico desse modo de produzir a vida material, objetiva e subjetiva, dos sujeitos nela inseridos. Questões anunciadas por Walter Benjamin acerca da perda da experiência, sobretudo com o desenvolvimento da informação, das técnicas e tecnologias que implicam outra forma de experiência com o tempo, com a memória e com o corpo, vêm sendo problematizadas por autores que têm se dedicado a descortinar os desdobramentos dessa perda na sociedade contemporânea.

Marcuse (1979) já anunciava que o progresso tecnológico não significou para o homem a diminuição da labuta e melhoria das condições de vida, mas, ao contrário, ampliou as formas de dominação, estendendo-as das fábricas à esfera privada dos sujeitos, utilizando como moeda de troca os avanços tecnológicos e as mercadorias produzidas que facilitam a vida cotidiana, como forma de gratificação dos desejos e carências humanas. Sem perder de vista os progressos alcançados, no que concerne à dimensão do tempo, essas tecnologias imprimem outra forma de relação espaço-temporal que possibilita aos sujeitos ocuparem diferentes lugares e ampliarem seu campo de socialização através de seus aparelhos agora miniaturizados.

Autores como Severiano (2017), Maia (2017) e Ferreira (2017) vêm problematizando os efeitos dessa outra temporalidade na sociedade contemporânea, produtora de outras formas de experiência, sobretudo a sensação

de aceleração do tempo, seja nas relações interpessoais, no trabalho e na organização da vida objetiva e subjetiva dos sujeitos. A crescente falta de tempo em oposição ao desenvolvimento de tecnologias, que poderia propiciar tempo livre, demonstra que a promessa de progresso da vida humana e de melhoria das condições objetivas e subjetivas não vem se realizando. São processos que já haviam sido anunciados por Benjamin, na década de 1930, quando alterações no modo de produzir a vida já apontavam para o declínio da experiência como representante do conhecimento acumulado, que tem na memória e na história dimensões de uma experiência individual e coletiva, ou seja, universal.

Maia (2017) elege a categoria aceleração como elemento importante para se compreender as mudanças temporais provocadas pelo mundo digital. A percepção de aceleração do tempo, para esse autor, talvez seja a categoria que melhor represente a temporalidade da sociedade contemporânea como expressão da experiência histórica, subjetiva, política e da vida cotidiana. Nesse sentido, ela é fundamental para se compreender a natureza e o caráter da modernidade.

Já as contribuições de Rosa (2005, 2010) destacam três formas de aceleração na sociedade moderna. A primeira forma, a *aceleração tecnológica*, abrange as transformações no âmbito dos transportes e da comunicação, produzindo a inversão da relação espaço-tempo e priorizando o segundo. Em tese, dever-se-ia produzir mais tempo livre, mas não o faz. A segunda, a *aceleração da mudança social*, são as mudanças que se produzem em valores, atitudes, modos e estilos de vida, relações sociais, hábitos, linguagens etc. E, por último, a *aceleração dos ritmos de vida*, que tem relação direta com a crescente sensação de “falta de tempo”. A crescente sensação “fome temporal”, ou seja, uma necessidade de produzir mais experiências em menor tempo (ROSA apud MAIA, 2017, p. 123-124).

Os dados desta pesquisa verificaram que as atitudes, hábitos, estilos de vida, relações sociais apontam para uma indiferenciação entre os estudantes na forma como se apropriam do *smartphone* nas experiências cotidianas, na forma como se relacionam com o outro e na própria relação individual, com o tempo, o corpo e a memória.

Como consequência dos processos de aceleração, tem-se uma vida presentificada, destituída da necessária articulação entre passado, presente e futuro, aliada à sensação de que o tempo é sempre insuficiente para a realização das

experiências. Nesse sentido, Maia (2017) apresenta como as novas tecnologias interferem na sociabilidade e na experiência subjetiva dos sujeitos:

[...] as novas tecnologias de comunicação alcançam os sujeitos em qualquer lugar e a qualquer hora, intensificando o trabalho e soterrando a consciência sob uma avalanche de estímulos de enorme intensidade, que bloqueiam a possibilidade de produzir experiências, ou seja, tornando a vida desarticulada temporalmente, com consequências drásticas, tanto no plano pessoal como social; ideais sociais alienados, como a “fome temporal” e os ideais hedonísticos, instigam o sujeito a acelerar suas ações, a produzir mais e até mesmo a expor – num ambiente concorrencial – sua “personalidade” como mais um atributo que o valoriza, rompendo a delicada articulação entre o mundo interno e externo, entre espaços privados e a vida pública, culminando na supressão da individualidade justamente pela aparência de sua entronização. Finalmente, sem parâmetros históricos, preso a um presente contínuo e contraído, o sujeito se vê isolado e incapaz de questionar os rumos que toma a sociedade. (MAIA, 2017, p. 130)

Vê-se que o processo de individualização, alienação e de perda da experiência avança em níveis absurdamente maiores. A avalanche de estímulos produzidos em escala global interfere em aspectos fundamentais da vida humana, como o tempo, a memória, a história, a atenção, as experiências, o pensamento, as relações, entre outros. O indivíduo se põe em constante estado de alerta, a fim de receber o fluxo desse conteúdo sob pena de ser excluído dos grupos aos quais pretende estar inserido. O processo de individualização se solidifica com aparência de extensa socialização, visto que os indivíduos estão conectados a variados grupos, em diferentes redes sociais.

Ferreira (2017) traz, por sua vez, alguns apontamentos nesse sentido, embora seu objeto de estudo seja as consequências dessa hiperconectividade no mundo do trabalho.

Um dos fenômenos sociais que têm se estabelecido por meio do processo de globalização da internet e seus suportes interativos, dos quais podemos citar o *e-mail*, *WhatsApp* e o *Facebook*, é o encurtamento do tempo disponível para a execução do trabalho ou ainda o que poderíamos também denominar de uma percepção acelerada do tempo – um tempo que deixa de ser mediado e passa a se estabelecer como imediato, no que concerne às demandas laborais – estamos, portanto, diante de uma nova experiência com relação ao tempo. (FERREIRA, 2017, p. 138)

É importante observar que algumas categorias levantadas por Ferreira (2017), como consequência das tecnologias de informação e comunicação no âmbito do trabalho, corroboram o comportamento dos estudantes desta pesquisa, ao

se colocarem em prontidão junto aos seus *smartphones*, sob pena de serem excluídos dos conteúdos, informações e grupos que constituem os espaços virtuais. Especialmente sobre o uso no âmbito acadêmico, os estudantes se dividem entre o uso acadêmico em sala de aula e as opções de interação e entretenimento que o mundo virtual oferece.

Nesse sentido, a autora cria uma categoria que ela denomina de “tempo stand by”, como o tempo produzido pela internet e seus aportes interativos, as redes sociais possibilitam que os sujeitos sejam acessados a qualquer instante, como é o caso do trabalhador que realiza suas atividades laborais mesmo não estando no ambiente de trabalho.

A percepção da possibilidade de ser acessado a qualquer momento para o trabalho causa o que podemos nomear de um estado permanente de espera, de prontidão, de estar presente, ainda que não de maneira física no trabalho, ou seja, uma espécie de pré-atenção induzida que se apresenta numa espécie de estado de atenção em hibernação consciente que pode ser interrompido a qualquer instante. (FERREIRA, 2017, p.144)

Vê-se a semelhança desses processos no âmbito do trabalho e na vida privada desses estudantes. A necessidade de manter o aparelho próximo ao corpo, o tempo extenso de conexão, a participação em vários grupos, em diferentes redes sociais, a utilização dos aportes interativos, *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*, sem limites e em todos os espaços que ocupam, assim como a dificuldade de se desconectar ainda que essa possibilidade seja dada pelo aparelho, demonstram o predomínio do tempo externo, social e virtual sobre os tempos do sujeito. Há, pois, todo um dispêndio de energia, espera e prontidão que submete os estudantes à racionalidade do aparelho.

O tempo e a memória como dimensões da experiência que remetem ao sentido de universalidade na concepção benjaminiana aos poucos vêm sendo substituídos pelas vivências do mundo moderno, em que o tempo presente prescinde da memória, da história, de um passado que não cabe na forma dada pela racionalidade de um *smartphone*. A memória que cabe em um *smartphone* não tem significação coletiva e universal, não remete à sabedoria que pode ser transmitida pela tradição.

As exigências que se apresentam ao homem contemporâneo apontam um processo de socialização total. No caso desses estudantes, a necessidade de

estarem presentes em todos os lugares e a exigência de conexão em tempo integral remetem a outro aspecto dessa tecnologia em miniatura, vez que esses aparelhos têm se constituído em pequenas “próteses” corporais. O dado que aponta o fato de que esses estudantes mantêm o *smartphone* próximo ao corpo corrobora essa compreensão.

Entre os *novos rumos* que a cultura digital impingiu ao homem, destaca-se também o fato de o esforço físico ter se transmutado em capacidade de *domínio de informação*, a qual passa a ser concebida como insumo de poder e recurso indispensável na gestão dos negócios e da própria vida. A atual indústria da produção de bens eletrônicos e midiáticos inundou o planeta com *gadgets*, ou seja, equipamentos cada vez mais miniaturizados, mais leves, práticos e mais próximos de nossos corpos – verdadeiras próteses humanas. (SEVERIANO, 2017, p. 95; grifos da autora)

Severiano (2017) é outra autora que tem trabalhado com a noção de tempo como categoria de análise para compreender processos fundantes da sociabilidade na modernidade. Ela propõe pensar como o tempo no contexto das práticas e ideais de consumo está submetido às leis de troca, valor e consumo, como instrumento de controle dos indivíduos nessa sociedade.

É justamente esse estatuto de mercadoria cada vez mais rara o que confere ao tempo o seu caráter de controle na contemporaneidade. Isto porque, além do tempo estabelecer formas de organização e medição que marcaram a história da humanidade, regulando modos, hábitos e estilos de vida dos grupos sociais, atualmente a habilidade no uso, regulação e domínio do tempo é significativamente potencializada pelos recursos da tecnologia digital, produzindo, não apenas uma alteração e compressão na relação do espaço com o tempo, mas uma transformação de grande magnitude na própria experiência subjetiva e intersubjetiva do indivíduo, que finda transformando-o em uma espécie de *central de informações*, de demanda e produção ininterruptas. (SEVERIANO, 2017, p. 86; grifo da autora)

Esse processo expande para as demais esferas da vida a instrumentalização do tempo. Não apenas o tempo destinado ao trabalho, mas também do tempo livre. Isso porque o tempo no mundo das mercadorias é o tempo presente, que atualiza o velho disfarçado de novo. Há uma completa desvalorização do tempo vazio, do ócio, da fruição. Perder tempo torna-se quase um pecado capital.

A forma como a tecnologia do *smartphone* adquire centralidade na vida desses sujeitos, constituída pela racionalidade tecnológica e de domínio, impõe

comportamentos e atitudes que são da lógica concorrencial do consumo e da circulação de bens. A esse respeito, Severiano (2017) aponta:

Nesse contexto, a luta por um lugar de reconhecimento social, via signos do consumo, faz-se incessante: temos que portar objetos de marca reconhecida, usufruir de serviços *personalizados*, receber ininterruptamente curtidas na vitrina virtual das redes sociais, mostrar-nos constantemente “interessantes”, “divertidos”, “bem relacionados”, “atrativos” e “sarados”, sob o risco de cairmos no mais sombrio anonimato. Tudo isso requer tempo, habilidades e estilo em vários níveis: no consumo de bens e serviços, na intensificação da atividade laboral com vistas à ascensão na hierarquia social e no uso das redes sociais virtuais em prol do investimento de si próprio – principal mercadoria a demandar constantes *up grades*. (SEVERIANO, 2017, p. 87-88; grifos da autora)

Não está no controle do sujeito fazer ou não parte desse mundo, mas no domínio dos instrumentos de produção e reprodução dessa sociedade, que estende a lógica da produção de mercadorias para a vida social. Dessa forma, as mercadorias adquirem qualidades humanas e conferem valor ao indivíduo na sociedade e nos grupos aos quais pertence. Essa compreensão corrobora a opinião dos estudantes de que exibir imagens das atividades diárias confere popularidade aos indivíduos, especialmente se essas imagens tiverem como pano de fundo pessoas felizes e bem sucedidas.

No mundo virtual, o sujeito coloca-se como mercadoria, criando signos, imagens e conteúdos sobre si mesmo, que serão consumidos pelos demais seguidores. Esse consumo é permeado por “valores, ideais e ideologias, em que se ordenam são capazes de promover a integração/exclusão de grupos, bem como reconhecimento/rejeição de indivíduos” (SEVERIANO, 2017, p. 87). Vale ressaltar que esses estudantes consideram o *smartphone*, com seus recursos interativos, como indispensável ferramenta na constituição de laços afetivos, assim como meio de inclusão ou exclusão em determinados grupos sociais.

Trata-se de uma nova fase do capitalismo, que implica uma virtualização do valor, ou seja, com o desenvolvimento de novas tecnologias informatizadas, a mercadoria sofre um processo de desmaterialização, transformando-se em puros signos do consumo, inclusive, intercambiáveis em suas significações, em vistas do atual obsolescência planejado – forma de aceleração do tempo na configuração e estilo do próprio objeto. Assim é que, se em determinada época possuir um computador e celular significava status ou distinção social, hoje o fetichismo sofisticou-se, dado que não só temos de possuir um *Ipad* ou um *Iphone*, mas há que saber manusear e eleger determinadas imagens e signos de consumo desejáveis para nos

fazer reconhecíveis e atrativos nas vitrinas do mundo virtual. (SEVERIANO, 2017, p. 88-89)

Em um grau ainda maior de reificação, os produtos consumíveis nessa sociedade avançam sobre a subjetividade humana. A busca individual por autonomia e reconhecimento social prossegue e os indivíduos, mediados por suas “próteses virtuais”, aderem à lógica competitiva, colocando-se como mercadorias no mundo virtual, ora pela necessidade de reconhecimento e gratificação, ora pela necessidade de serem incluídos nos grupos.

Nesse sentido, evidencia-se uma mudança que concerne diretamente ao corpo humano: a existência cotidiana, seja no trabalho, seja nos lares, de corpos chipados ou plugados às suas próteses eletrônicas a receber fluxos informacionais de todas as partes do planeta. Aqui não há necessidade de deslocamentos do indivíduo no espaço, mas deslocamento em fluxo contínuo e on-line de informações, num tempo mais acelerado possível, em direção ao próprio corpo. A revolução digital e imagética torna, assim, o mundo visível, transparente e acessível ao clicar de uma tecla, e o corpo transforma-se em um terminal de informações. (SEVERIANO, 2017, p. 96)

Esse contraditório processo de expansão da mente humana produz alterações profundas no conteúdo e na forma com que os sujeitos se relacionam, assim como na constituição subjetiva dos mesmos. Progressivamente, essas pequenas próteses humanas substituem funções que até então eram essencialmente humanas, potencializando essas funções e se tornando extensão desse corpo humano. Não seria difícil imaginar que em longo prazo aparelhos similares poderiam estar acoplados no próprio corpo, recebendo comando direto do cérebro.

Nesse sentido, os sujeitos, na sociedade contemporânea, vivem esse eterno presente com aparência de novidade. O progresso tecnológico não se converteu em progresso humanitário, mas em instrumento que submete o homem à lógica de dominação e de produção de mercadorias. O sujeito tornou-se refém das mercadorias que produz, e a tecnologia fetichizada universaliza desejos e aspirações que não são dos sujeitos, mas são desejadas por eles.

A verdadeira experiência é substituída pela vivência, crivada pelo tempo presente, que aprisiona o sujeito aos acontecimentos imediatos, impõe ao indivíduo um estado de alerta e prontidão pela necessidade de estar sempre disponível.

Esse culto ao dado imediato, desprovido de seus determinantes históricos, culturais e sociais; o empobrecimento da experiência humana; a identificação ou a exortação de si mesmo como uma mercadoria; a invasão e a comercialização do tempo do ócio, transformando-o em mercadoria e extensão da lógica produtivista do trabalho constituem-se justamente no oposto do que acalentara o sonho do desenvolvimento tecnológico de Marx a Marcuse, o qual implicava o desenvolvimento da capacidade de imaginação, de criatividade e, principalmente, de emancipação do homem de um mundo reificado, por meio de uma racionalidade sensível. (SEVERIANO, 2013, p. 98)

[...] Vislumbra-se aí um possível novo mundo unidimensional, que enclausura a subjetividade, a experiência, o tempo e a singularidade do desejo no instante do clic digital, confinado ao eterno presenteísmo e aos imperativos do consumo. Uma sofisticada rede de controle, sob a aparência de liberdade. (*Ibid.*, p. 99)

O corpo presentificado torna-se receptor de informações, imagens, mensagens, que circulam de forma globalizada no âmbito do mundo virtual. Esse é, pois, um corpo aprisionado ao eterno presente que se move sem sair do lugar; um corpo disponível e em estado de vigilância permanente às demandas do mundo moderno.

A forma como o corpo é experienciado acaba sendo um interdito na possibilidade da experiência. O corpo sensível, que seria uma mediação fundamental na produção da experiência, seja no encontro com o outro, seja no encontro do sujeito com si próprio, é alcançado pelos processos de reificação e esse corpo já não lhe pertence, não tem materialidade, vez que se apresenta como um corpo virtual.

A experiência comum, contínua e coletiva que liga os membros de uma coletividade requer outra temporalidade. E não cabe na lógica do *smartphone*, pois se trata de outro tempo, outra forma de experiência. Mas para onde essa experiência conduz os seres humanos? Poderia se pensar que a humanidade caminha para a constituição de uma inteligência artificial? O que desejar para o futuro mediante as possibilidades que estão dadas no presente? Sabe-se que esse é um caminho sem volta, portanto, as questões aqui colocadas não têm a intenção de um retorno ao passado, mas uma busca incessante de alternativas para o futuro.

3.5 DESAFIOS AO HOMEM CONTEMPORÂNEO

O ponto de partida desta investigação foi esta materialidade, que é real e virtual, complexa e contraditória, permeada por avanços e progressos nem sempre ao alcance de todos. Novos tempos, espaços e formas de se relacionar estão postos e são irreversíveis do ponto de vista histórico e social.

Sob o aspecto das relações humanas, sociais, afetivas, e das experiências possíveis no mundo moderno, quais desafios estão postos para o presente e para o futuro?

Compreendendo que o processo de formação humana se dá pela mediação das relações sociais, seja na relação com o outro, com a família, com os afetos, com os grupos, com a cultura e com a escola, quais possibilidades se recolocam ao homem moderno, quando tecnologias como a do *smartphone* se colocam como mediações fundamentais e universais nas relações grupais e do sujeito com si próprio?

O *smartphone* está no tecido das relações e o movimento desta pesquisa foi de pensar o que isso implica como possibilidade de experiência, como obstaculização ou facilitação no processo de formação e socialização desses jovens, sobretudo quando o contínuo do tempo se rompe em prol de um tempo presentificado e imediato. Considera-se ainda que a formação humana ocorre fundamentalmente na relação com o outro.

Se por um lado, mediante os progressos alcançados na ordem das tecnologias de informação e comunicação, cada vez mais nos afastamos daquilo que Benjamin denominou como sendo experiência para dar lugar à vivência, ampliando ainda mais o processo de individualização em curso desde o advento do capitalismo, têm-se, por outro lado, tecnologias que possibilitam constituir grupos e ampliar laços sociais ainda que em comunidades virtuais. O fato de ser virtual não significa que não seja real, e nesse sentido não se pode perder de vista as contradições.

Vive-se em um tempo não mais determinado pelas necessidades humanas, orgânicas de sobrevivência, mas um tempo acelerado determinado por necessidades que são externas à vontade dos sujeitos. O *smartphone* surge como uma das promessas de aplacar essa falta de tempo. No entanto, com ele novas expectativas trazem consigo novas demandas e cobranças, que colocam o sujeito em estado de alerta e na busca cada vez maior para realizar mais em menos tempo.

Será que a promessa de encurtar o tempo entre desejo e realidade, entre estar aqui e lá se cumpre?

Novas formas de se relacionar com o outro, com o tempo, com o corpo e com a memória emergem na realidade humana mediada pelas tecnologias digitais, mais especificamente pelo *smartphone*, objeto deste estudo.

Desde o período em que Benjamin anunciava mudanças profundas na sociabilidade, mediante o surgimento de outras narrativas, como o romance, a informação, concomitante ao desenvolvimento de novas técnicas industriais, muito se avançou no aperfeiçoamento das tecnologias e das técnicas existentes, proporcionando uma avalanche de transformações na sociabilidade humana, que potencializou as forças produtivas de forma global, com efeitos importantes na percepção do tempo e do espaço num processo de aceleração e presentificação do tempo, que penetra o tecido social e se difunde por todo o globo terrestre.

Quais serão as consequências desse acesso ininterrupto à rede? O que mais será possível realizar com essas próteses eletrônicas, cada vez mais próximas do corpo humano, miniaturizadas e determinantes das ações dos indivíduos?

Na experiência dos estudantes pesquisados, do ponto de vista da socialização o *smartphone* é algo que amplia as relações, aproxima grupos, possibilita criar comunidades, mas, também, determina a forma e o conteúdo dessas relações, cria uma exigência permanente de conexão aos grupos e às redes sociais, assim como reforça a expectativa de que se pode ocupar vários espaços ao mesmo tempo e de realizar mais em menor tempo. Atualiza a promessa de reduzir a falta de tempo, num mundo cada vez mais intenso e sem a devida conexão entre passado, presente e futuro.

Ainda que os recursos do aparelho e de seus aplicativos possibilitem se desconectar, se desligar, bloquear, desbloquear e até mesmo se tornar invisível, fazer isso não parece tarefa simples, uma vez que toma conta do tecido social e se constitui como meio de pertencimento e inclusão aos grupos sociais e romper com esse ciclo sozinho não é algo que está em questão.

Alguns incômodos foram citados pelos estudantes, como a perda de privacidade nos relacionamentos afetivos, uma vez que as redes sociais acabam por se tornar uma vitrine de exposição da vida pessoal, assim como uma exigência cada vez maior de estar sempre acessível e disponível. A imagem pessoal torna-se mais uma entre tantas mercadorias disponíveis no mercado. Por outro lado, a experiência

mediada pelo aparelho é extremamente individual, o que acessa, como acessa, o tempo de uso, entre outros. Nesse sentido, aproxima grupos, possibilita a existência de comunidades virtuais, põe em contato com um número cada vez maior de pessoas, mas numa racionalidade sempre individual e sem um real sentido de universalidade.

Nesse sentido, há uma tendência cada vez maior de que os processos de socialização e inserção na cultura aconteçam mediados por tecnologias como a do *smartphone*, numa lógica, racionalidade e determinações que estão postas pelo objeto e que não estão no controle do sujeito, aliadas ao fato de que determinadas funções e habilidades essencialmente humanas têm sido transferidas ao aparelho. Memória, atenção e percepção são alguns exemplos. Manter os corpos em alerta constante, atentos às notícias e novidades que circulam na rede, torna-se um hábito cada vez mais constante dos portadores de um *smartphone*.

Outros desafios se colocam também do ponto de vista da ciência, da história e do conhecimento, uma vez que, nos processos de aprendizagem e formação, o *smartphone*, assim como tecnologias similares, promete o acesso rápido, barato e funcional a determinados conteúdos e informações, comprometendo, inclusive, o necessário exercício da pesquisa e do pensamento. Será que se caminha rumo a uma inteligência artificial?

A mudança na estrutura da experiência que se desenha na modernidade cria novas formas de sociabilidade, de relação com a natureza, com a cultura, com o outro e com o trabalho. Este último, não mais artesanal, segue o ritmo imposto pela máquina e condiciona as ações do homem no mesmo ritmo, tal como ocorre na produção.

É necessário romper com o conceito dogmático de progresso, que não estabelece nenhum vínculo com a realidade, uma vez que ele se refere a um tempo vazio e homogêneo. Ainda é imprescindível retomar a dimensão da história e da memória fruto da experiência coletiva e universal, visto que atualmente estas se perdem num tempo cada vez mais presentificado e acelerado.

Espera-se que este estudo possa contribuir para o exercício essencial do pensamento, na busca incessante de desvelar essa realidade que se apresenta oculta e faz parecer que as relações sociais assim constituídas são formas naturais, universais e despretensiosas.

Vale lembrar que a vitória da barbárie sobre a civilização não é total e que as contradições estão postas, e, portanto, as questões levantadas neste trabalho não se resolvem, mas se desenvolvem mediante novos questionamentos e análises que poderão ser desenvolvidos em estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

ADORNO Theodor e HORKHEIMER, Max. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1978.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. In: Obras escolhidas III São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de reprodutibilidade técnica In: **Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, volume I, São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CHARLES, Baudelaire. **Pequenos poemas em prosa** (O Spleen De Paris) Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **A contração do tempo e do espaço do espetáculo**. Café Filosófico 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=X5d1TBpXrq0>>. Acesso em: 14 abril. 2016.

FERREIRA, I. F. O (A) intelectual em tempos de internet: a ética do (a) trabalhador (a) online. **Impulso**, vol. 27, nº69, Piracicaba, pp. 133-150, 2017

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930 – 1936), Obras completas. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

HORKHEIMER, Max. **Teoria crítica I**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MAIA, A. F. Aceleração: reflexões sobre o tempo na cultura digital. **Impulso**, vol. 27, nº69, Piracicaba, pp. 121-131, 2017.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial** – O homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos. In: **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 1v.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MARX, Karl e ENGELS Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco ao homem. In: **Textos I**. São Paulo: Ed, Sociais, s.d. p.61 - 78.

MARX, Karl e ENGELS Friedrich. Manifesto do partido comunista. In: **Textos III**. São Paulo: Ed, Sociais, s.d. p.13 - 47.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v.18, n.2, pp. 193-202, 2002.

RESENDE, Anita C. A. A escola e a constituição do sujeito. In: Coelho, M. I. (org.). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, p. 139-154, 2012.

SEVERIANO, M. F. V. Aceleração social e cultura digital: novas formas de dominação. **Comunicações**, vol. 24, nº02, Piracicaba, pp. 83-101, 2017.

ZAREMBA, R. S. **O mundo na palma da mão**: reflexos de um estilo de vida “superconectado”. Tese (Doutorado), Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

APÊNDICE I:
QUESTIONÁRIO PROPOSTO AOS ESTUDANTES

QUESTIONÁRIO - ACADÊMICOS DA UFG

Data da aplicação ____/____/____

CURSO _____ ANO _____ PERÍODO _____

1. Quantos anos você fez no seu último aniversário?
2. Gênero: (1) Feminino (2) Masculino (3) Outro. Qual? _____
3. Cor: (1) Branco (2) Preto (3) Pardo (4) Amarelo (5) Outro.
Qual? _____ –
4. Estado civil:
(1) Solteiro/a (2) Casado/a (3) Separado/a/divorciado/a (4) Outro.
Qual? _____
5. Com quem você mora?
() Sozinho/a
() Pai/mãe/padrasto/madrasta
() Pai/mãe/irmãos
() Esposa/Marido
() Filhos
() Amigos (as)
() Namorado (a) /Companheiro (a)
() Outros – Qual? _____
6. Você é cotista? (1) Sim (2) Não
7. Como você se sustenta?
(1) Com ajuda exclusiva da família (2) Com ajuda parcial da família (3) Com recursos próprios
8. Você possui smartphone? (1) Sim (2) Não
9. Há quanto tempo você possui smartphone?

(1) Menos de 5 (2) 5 a 10 anos (3) 11 a 15 anos
10. Quanto tempo por dia você se mantém conectado ao aparelho?
(1) 1 a 5 horas (2) 6 a 10 horas (3) 11 a 15 horas (4) 16 a 20 horas (5)
Todo tempo
11. Você conhece o funcionamento de todos os aplicativos do seu aparelho?
(1) Sim (2) Não
12. Você utiliza todos os recursos que o aparelho oferece?
(1) Sim (2) Não
13. O seu smartphone tem todos os recursos que você precisa para se comunicar?
(1) Sim (2) Não

14. Você tem acesso à internet? (1) Sim (2) Não
15. O que predomina na sua forma de acesso?
 (1) Rede móvel (2) Wifi (3) Ambos
16. Como é seu acesso à internet? (1) Limitado (2) Ilimitado
17. Quais são as principais funções que você utiliza no seu smartphone? Marque apenas **cinco** dessas funções em ordem dos mais utilizados do **1º ao 5º**:

Acessar redes sociais		Estudar e realizar atividades acadêmicas		Realizar compras	
Acessar sites de busca		Gravar palestras e aulas		Realizar transações bancárias	
Assistir filmes/séries/vídeos		Jogar		Telefonar	
Editar fotos e vídeos		Organizar agenda		Tirar fotos	
Enviar e receber fotos		Ouvir música		Utilizar serviços de localização	
Enviar e receber mensagens		Outros/quais?			

18. Quais destas funções e/ou aplicativos você usa para se **relacionar** com as pessoas? Cite apenas **três** dos que você mais utiliza, em ordem dos mais utilizados do **1º ao 3º**.

E-Mail		Snapchat		Twitter	
Facebook		Telefone		WhatsApp	
Instagram		Tinder		Skype	
SMS		Tumblr		Outros/Quais?	

19. O smartphone é o meio mais utilizado por você para acessar as redes sociais?
 (1) Sim (2) Não
20. Você participa de grupos de WhatsApp?
 (1) Sim (2) Não
21. Em caso afirmativo, em média você participa de quantos grupos de WhatsApp?
 (1) 1 a 5 grupos (2) 6 a 10 grupos (3) Mais de 10 grupos

Para as questões seguintes marque com um **'X'** no quadro conforme a frequência e intensidade com que você faz uso do smartphone no seu dia a dia.

1. Nunca 2. Raramente 3. Frequentemente 4. Sempre

QUESTÕES	1	2	3	4
1. Você mantém o aparelho próximo a você?				
2. Você consegue limitar o uso do smartphone quando está com determinado grupo ou pessoa? (família, namorado/a, amigos, colegas de trabalho, etc.)				
3. Você responde as mensagens que recebe?				
4. Nas redes sociais, você segue ou curte pessoas que tem opiniões contrárias as suas?				
5. Os sites de busca ou redes sociais que você acessa através do seu aparelho influenciam ou afetam sua opinião?				
6. Você costuma se envolver em polêmicas, que envolvam formas de preconceito ou discriminação (religiosa, étnica, gênero, classe, etc.) nas redes sociais?				
7. Você costuma se envolver em conflitos e desfazer amizades por expressar suas opiniões pessoais, políticas, religiosas nas redes sociais?				
8. O número de amigos, seguidores ou de curtidas nas redes sociais tem relevância pra você?				
9. Você adiciona pessoas desconhecidas nas suas redes sociais?				
10. Você tem o hábito de atualizar seu status nas redes sociais?				
11. Você posta fotos das suas atividades diárias: passeios, viagens, atividades domésticas, dentre outras?				
12. Você costuma enviar e/ou receber fotos sensuais?				
13. Você utiliza o smartphone nas suas atividades sociais, ocupacionais ou de lazer?				
14. Você utiliza o smartphone com finalidades acadêmicas?				
15. Você acessa páginas de divulgação científica, tecnológica, filosófica ou artística no seu smartphone?				
16. Você participa de grupos de pesquisa/estudo via aplicativo ou rede social?				
17. Você realiza pesquisas acadêmicas no seu smartphone?				
18. Você utiliza outros meios de pesquisa que não seja o smartphone?				
19. Você acessa o smartphone na sala de aula?				
20. Você acessa o smartphone em sala de aula com finalidades acadêmicas?				
21. Você acessa o smartphone em sala de aula com outras finalidades, tais como: acessar redes sociais ou atividades de entretenimento?				
22. Você utiliza o smartphone no seu trabalho, na universidade, em ambientes sociais em geral?				
23. Você utiliza o smartphone para se comunicar com a sua família?				
24. Você utiliza o smartphone para se comunicar com seus amigos?				
25. Você perde a noção do tempo quando utiliza o smartphone?				
26. Você se sente angustiado, ansioso ou deprimido quando por algum motivo você fica sem o aparelho?				
27. Você deixa de realizar atividades sociais, ocupacionais ou de lazer em decorrência do uso do smartphone?				

Apresentaremos a seguir algumas afirmativas sobre temas relacionados ao smartphone, bem como, das relações mediadas por ele. Não há respostas corretas ou incorretas para tais afirmativas. Assinale com um **‘X’** o indicativo correspondente à sua concordância ou discordância conforme a seguinte escala, a partir da **sua própria experiência**.

1. Discordo totalmente 2. Discordo 3. Concordo 4. Concordo plenamente

Afirmativas	1	2	3	4
1. Na atualidade o smartphone é uma das mais importantes ferramentas na constituição dos laços afetivos e sociais entre os indivíduos.				
2. O aparelho facilita o acesso a diferentes formas de comunicação, diminuindo o tempo e a distância entre as pessoas.				
3. Com o smartphone é possível ampliar o contato com pessoas e membros da família que antes não seriam possíveis.				
4. Muitas vezes essa proximidade com a família revela também um distanciamento, uma vez que existem membros que só se relacionam pelas redes sociais.				
5. A proximidade entre os grupos via smartphone aumenta conflitos trazendo à tona desavenças motivadas por opiniões religiosas, políticas, diferenças de poder aquisitivo, etc.				
6. Existem fatos, situações e acontecimentos sobre a própria família que os membros só se informam pelas redes sociais.				
7. O uso excessivo e ilimitado do smartphone adotado pela maior parte das pessoas afeta de maneira negativa os relacionamentos interpessoais.				
8. Mesmo causando efeitos negativos nos relacionamentos, as pessoas mantêm o mesmo tempo e a forma de utilização do smartphone.				
9. Muitas pessoas se sentem sozinhas e solitárias mesmo tendo uma infinidade de amigos nas redes sociais.				
10. Os encontros presenciais se tornaram mais raros com o uso do smartphone.				
11. Os aplicativos disponibilizados no smartphone, que possibilitam ignorar mensagens ou não ser visto mesmo estando online são excelentes, especialmente quando se quer evitar o contato com pessoas indesejáveis.				
12. Atualmente as pessoas interferem cada vez mais em assuntos que deveriam ser privados e pessoais.				
13. Formas de preconceito e discriminação religiosa, étnica, de gênero e classe se tornaram mais evidentes mediante o acesso da população as redes sociais.				
14. O acesso às redes sociais possibilitadas pelo smartphone intensifica os conflitos sociais devido à possibilidade de expressar opiniões sem a necessidade de um confronto direto.				
15. O número de amigos, seguidores e de curtidas nas redes sociais revelam o grau de popularidade e de influência dos indivíduos na sociedade.				
16. Ter um smartphone é condição de inclusão social na sociedade atual.				
17. Exibir fotos das atividades diárias, quais sejam: atividades domésticas, lazer, viagens, compras, dentre outras, são fundamentais para aumentar a popularidade nas redes sociais.				
18. Minorias sociais tem baixa popularidade e visibilidade nas redes sociais.				
19. A prática de enviar e receber fotos sensuais ou de nudez é cada vez mais				

comum entre os jovens, uma vez que causa prazer e satisfação íntima.				
20. O smartphone tem sido utilizado como instrumento de controle nos relacionamentos em geral.				
21. Atualmente muitos relacionamentos começam e terminam por intermédio das redes sociais.				
22. É mais fácil dizer certas coisas por intermédio de um aplicativo de celular ao invés de dizer pessoalmente.				
23. De um modo geral as pessoas utilizam o smartphone para realizar diferentes tarefas ao mesmo tempo: estudar, conversar, checar o aparelho, ler e responder mensagens, dentre outros.				
24. O smartphone se tornou importante ferramenta na realização de estudos, pesquisas e trabalhos acadêmicos.				
25. Os diversos recursos de entretenimento presentes no smartphone são mais atraentes que os conteúdos das aulas.				
26. Ficou mais difícil cumprir as atividades acadêmicas em função dos atrativos do smartphone.				
27. Atualmente o smartphone se tornou uma extensão do corpo e da memória dos indivíduos.				
28. O mundo contemporâneo o smartphone alterou as relações no trabalho, exigindo do trabalhador uma conexão permanente dentro e fora do ambiente de trabalho.				
29. A acessibilidade aos aplicativos e sites de compra via smartphone aumentou o consumo dos indivíduos.				
30. O smartphone permite que as pessoas estejam presentes virtualmente em vários lugares ao mesmo tempo.				
31. O smartphone aproxima as pessoas, amplia e facilita os relacionamentos interpessoais.				
32. Em geral as imagens postadas nas redes sociais demonstram pessoas felizes e bem sucedidas.				
33. As pessoas que não possuem smartphone com acesso a internet e as redes sociais são excluídas socialmente.				
34. Atualmente as pessoas realizam suas atividades sociais em conexão permanente com o smartphone e as redes sociais.				
35. O smartphone é indispensável nas relações que se estabelecem no mundo contemporâneo.				
36. As relações que se estabelecem via smartphone são tão instantâneas e imediatas quanto às informações e mensagens que circulam nas redes sociais.				

Existe algo sobre a sua experiência com o smartphone, que não pôde ser relatada através deste questionário e que você gostaria de relatar?

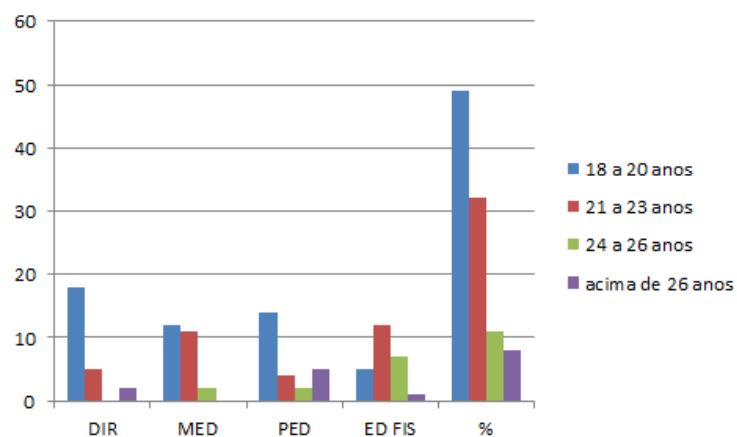
AGRADECEMOS A SUA COLABORAÇÃO.

APÊNDICE II: **RESULTADOS DA PESQUISA⁵**

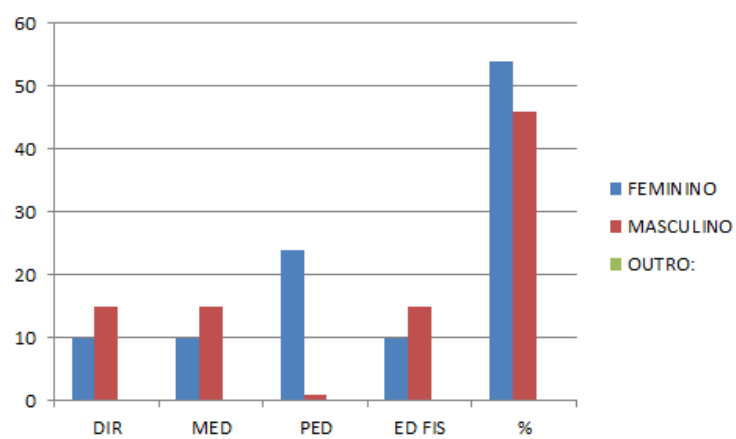
⁵ Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

PERFIL DOS ESTUDANTES

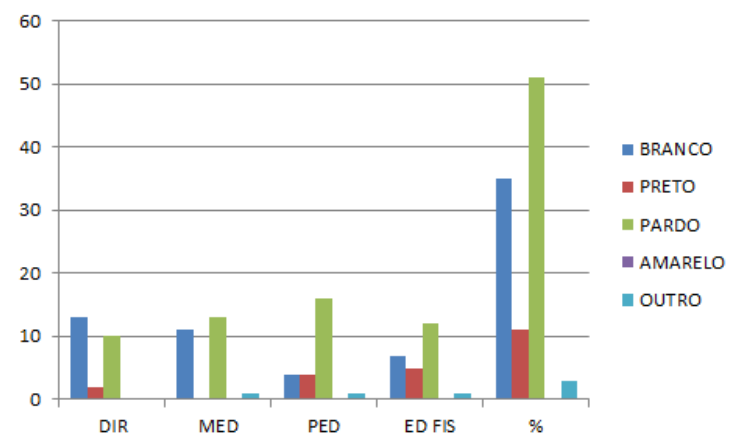
Idade



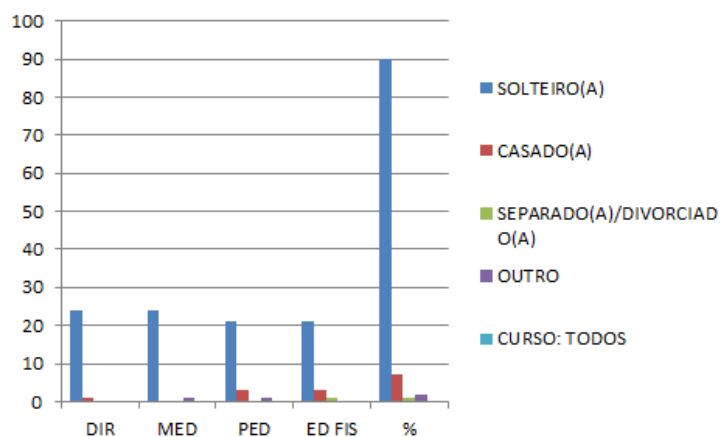
Gênero



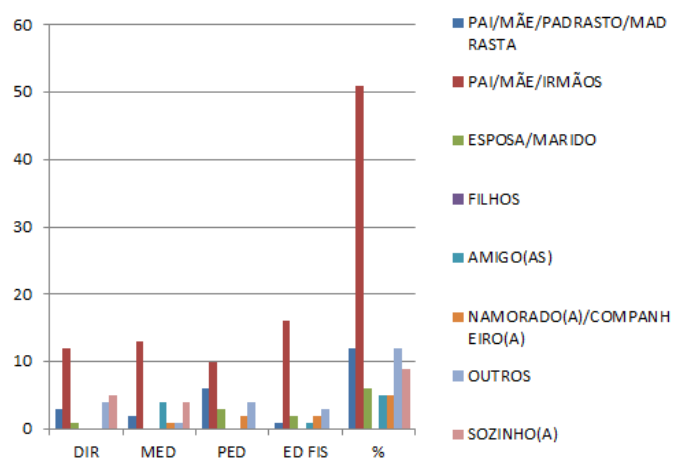
Cor



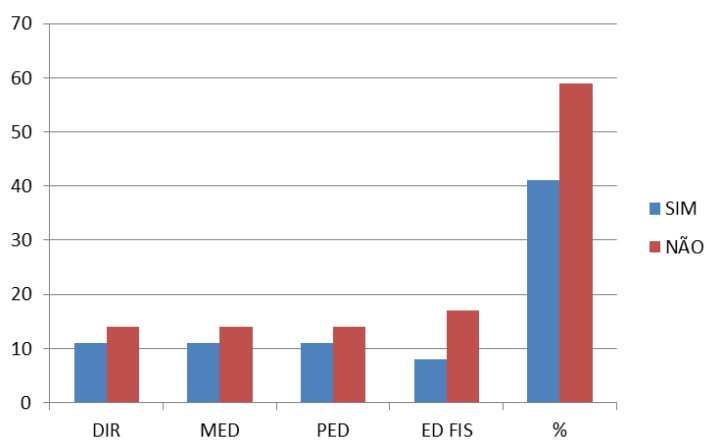
Estado civil



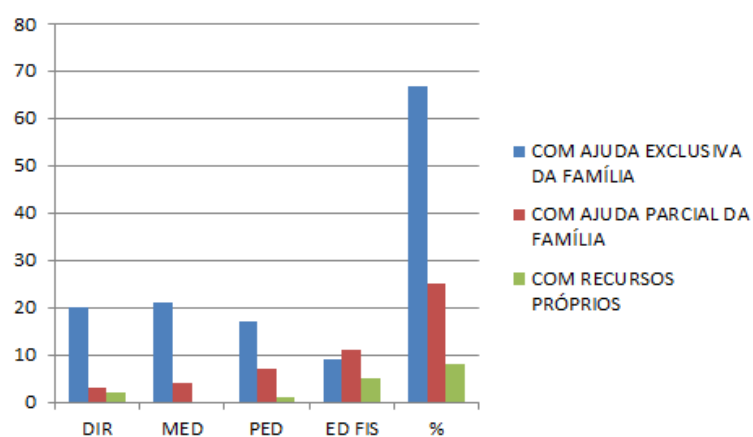
Mora com quem?



Você é cotista?

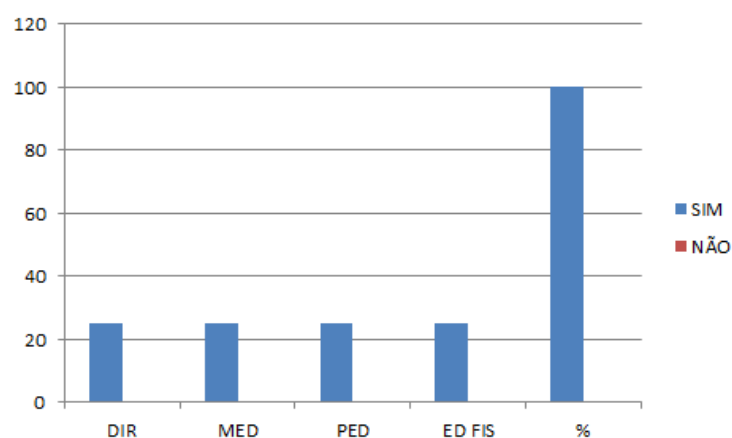


■ Como você se sustenta?

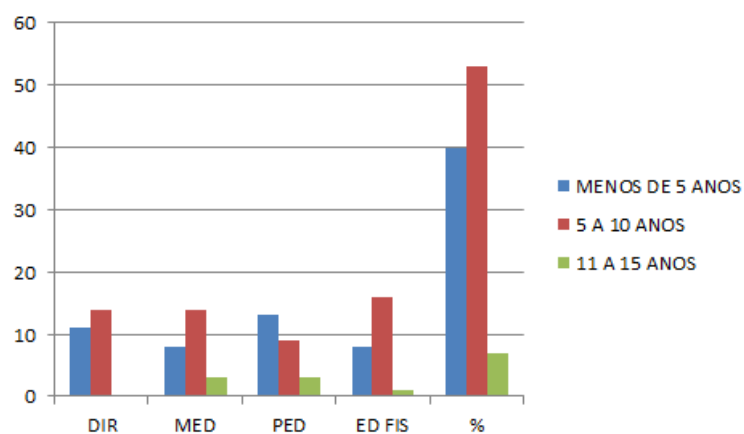


■ USO DO SMARTPHONE

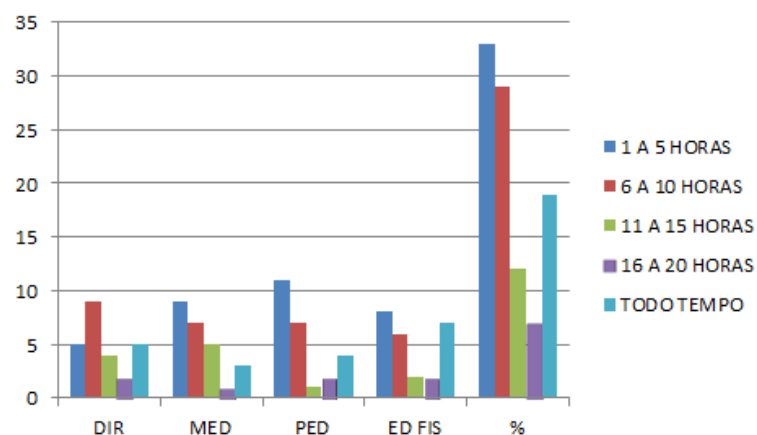
■ Você possui smartphone?



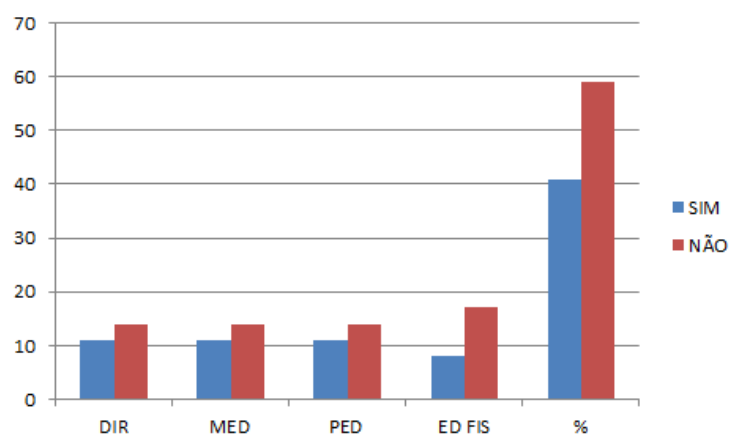
■ Tempo que possui smartphone



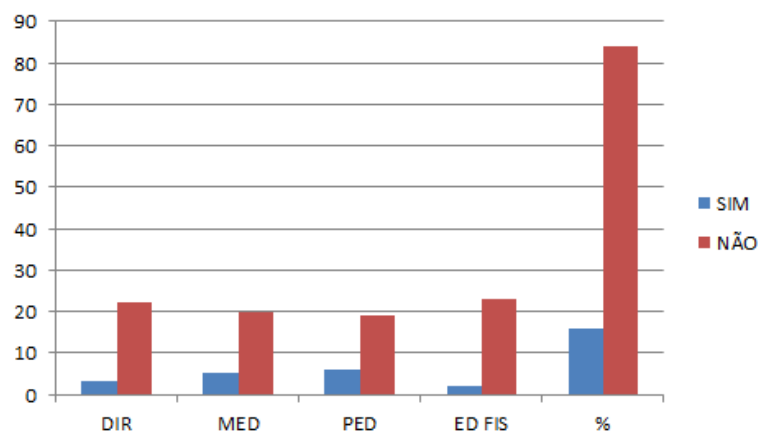
■ Quanto tempo por dia você se mantém conectado ao aparelho?



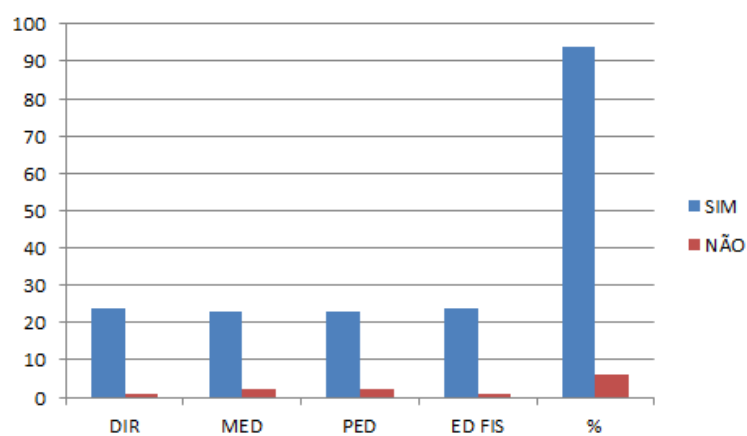
■ Você conhece o funcionamento de todos os aplicativos do seu aparelho?



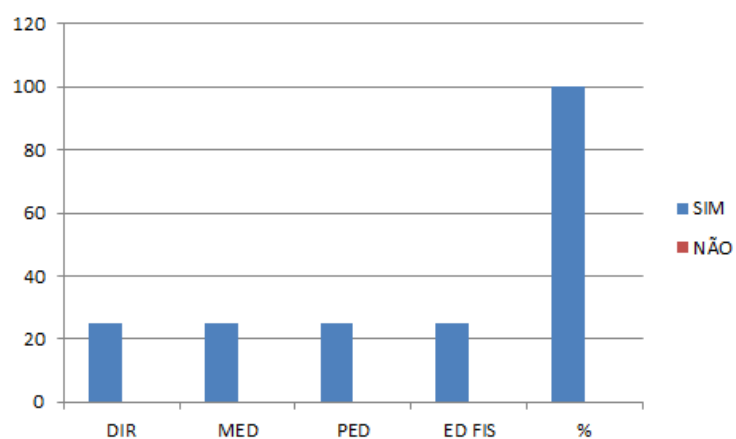
■ Você utiliza todos os recurso que o aparelho oferece?



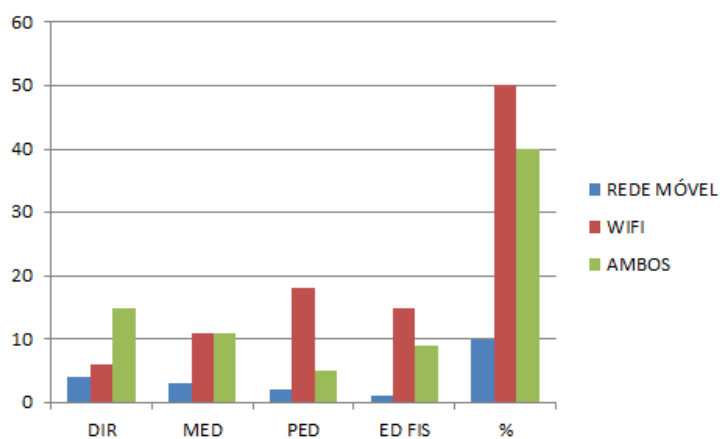
■ O seu smartphone tem todos os recursos que você precisa para se comunicar?



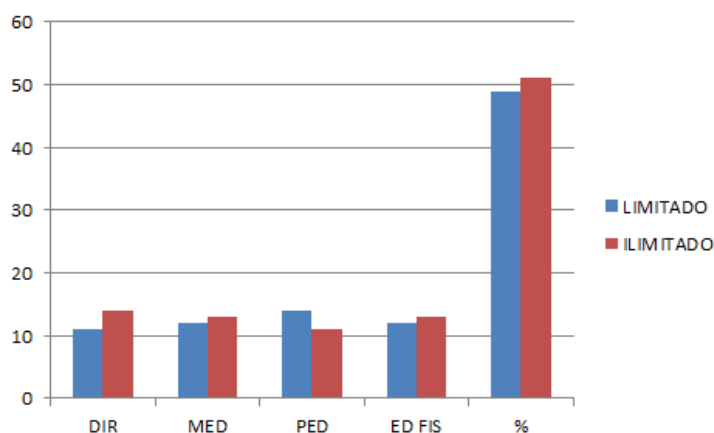
■ Você tem acesso à internet?



■ O que predomina na sua forma de acesso?



■ Como é seu acesso a internet?



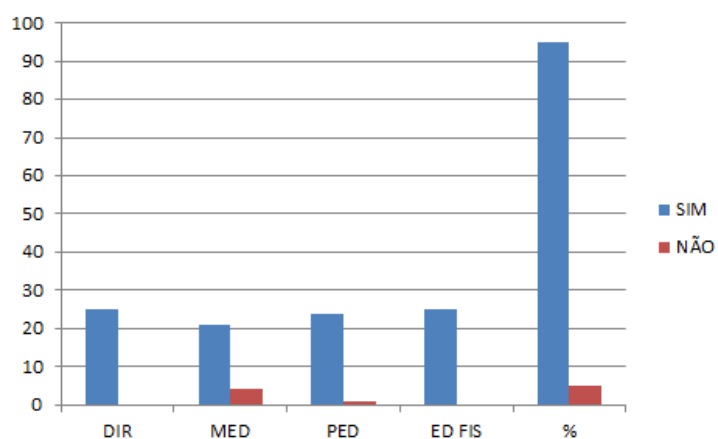
■ Quais são as principais funções que você utiliza no seu smartphone?

CURSO: TODOS	DIR	MED	PED	ED FIS
Acessar redes sociais	1ª	1ª	1ª	1ª
Acessar sites de busca	4ª	3ª	4ª	3ª
Assistir filmes/séries/vídeos	0	0	0	0
Editar fotos e vídeos	0	0	0	0
Enviar e receber fotos	0	0	0	0
Enviar e receber mensagem	2ª	2ª	2ª	2ª
Estudar e realizar atividades acadêmicas	5ª	4ª	4ª	0
Gravar palestras e aulas	0	0	0	0
Jogar	0	0	0	0
Organizar agenda	0	0	0	0
Ouvir música	3ª	0	3ª	5ª
Realizar compras	0	0	0	0
Realizar transações bancárias	0	0	0	0
Telefonar	6ª	5ª	0	4ª
Tirar fotos	0	0	0	0
Utilizar serviços de localização	0	0	0	0
Outros/quais?	0	0	0	0

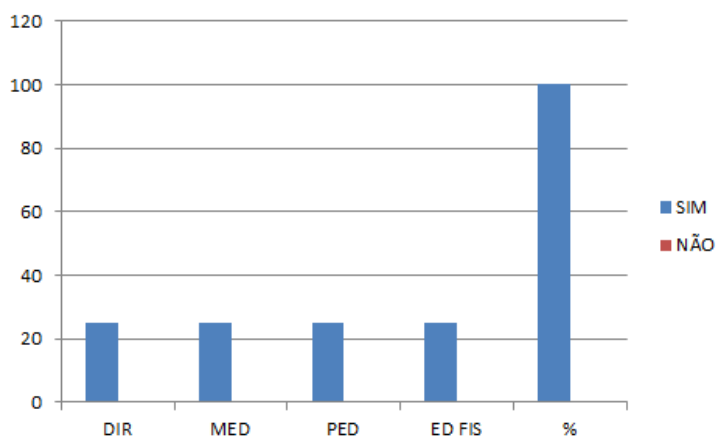
■ Quais destas funções e/ou aplicativos você usa para se relacionar com as pessoas?

CURSO: TODOS	DIR	MED	PED	ED FIS
E-Mail	0	0	0	0
Facebook	3ª	0	3ª	2ª
Instagram	2ª	2ª	0	3ª
SMS	0	0	0	0
Snapchat	0	0	0	0
Telefone	0	3ª	2ª	0
Tinder	0	0	0	0
Tumblr	0	0	0	0
Twitter	0	0	0	0
WhatsApp	1ª	1ª	1ª	1ª
Skype	0	0	0	0
Outros/Quais?	0	0	0	0

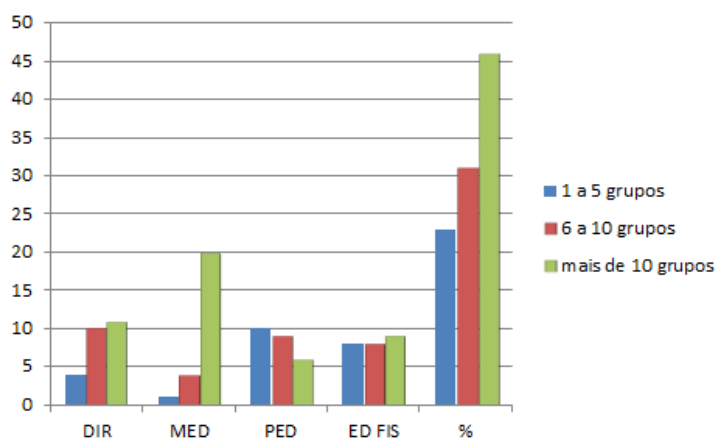
■ O smartphone é o meio mais utilizado por você para acessar as redes sociais?



■ Você participa de grupos de WhatsApp?

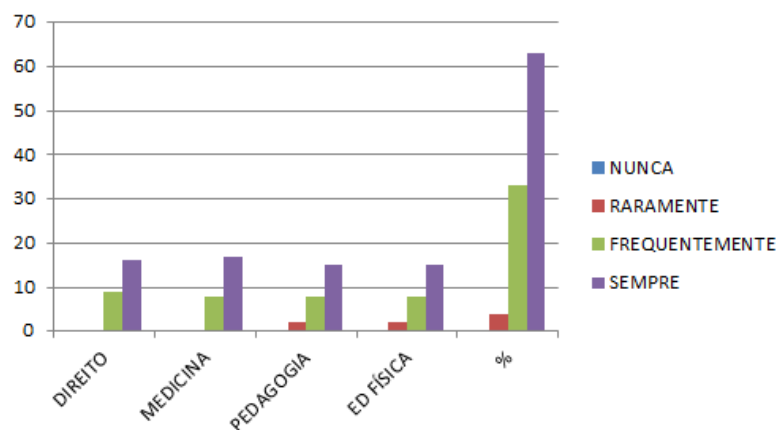


■ Quantos grupos de WhatsApp você participa?

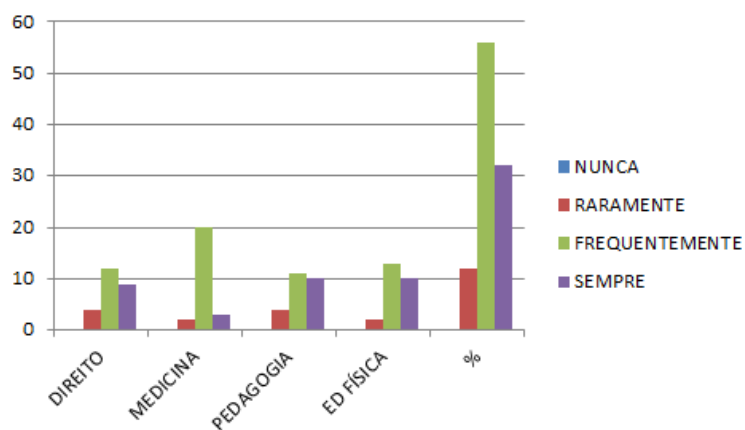


O SMARTPHONE NA EXPERIÊNCIA COTIDIANA

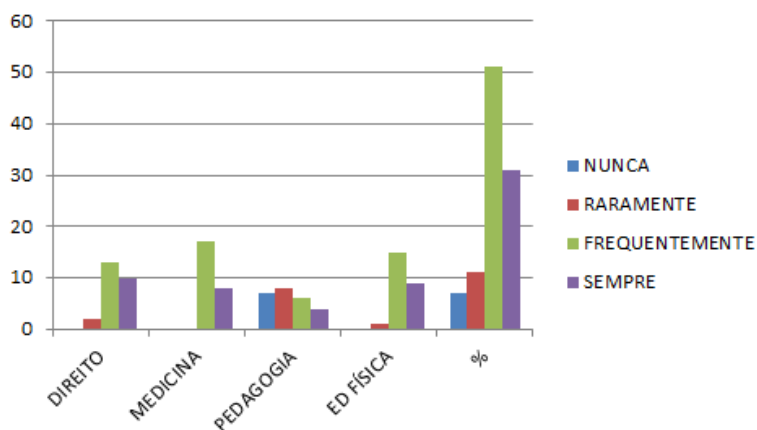
■ Você mantém o aparelho sempre próximo a você?



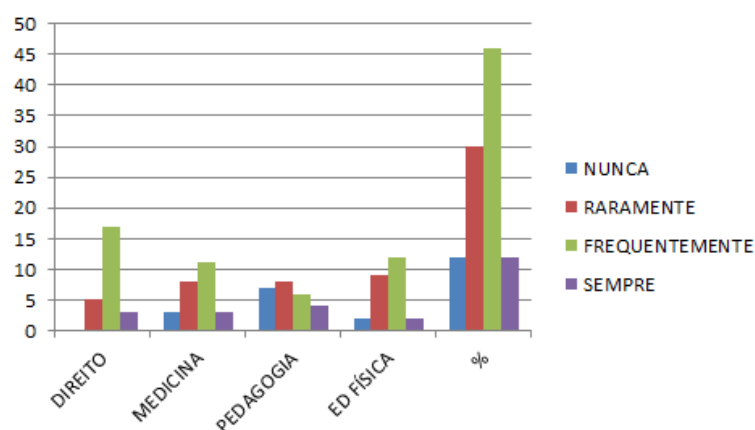
■ Você consegue limitar o uso quando está com determinado grupo ou pessoa? (família, namorada(a), amigos, grupo de trabalho, etc.)



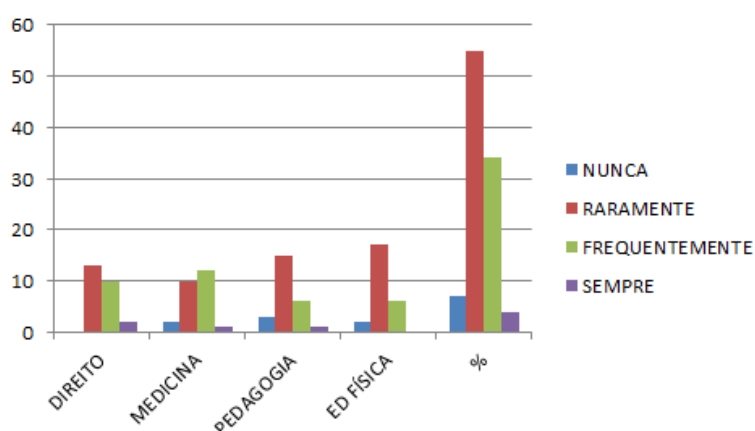
■ Você responde todas as mensagens que recebe?



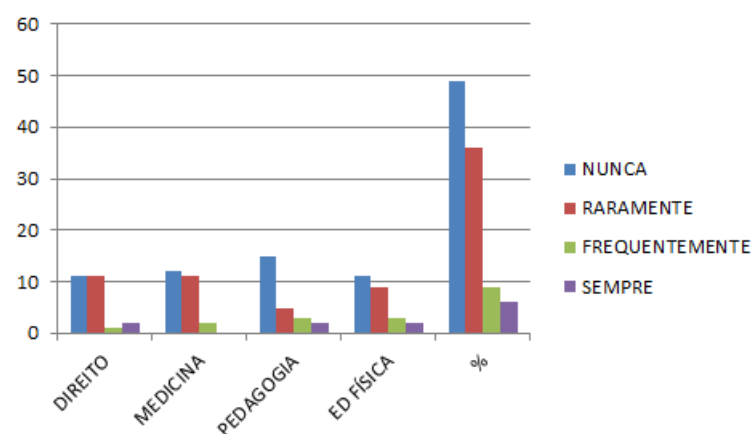
- Nas redes sociais, você segue ou curte pessoas que tem opiniões contrárias as suas?



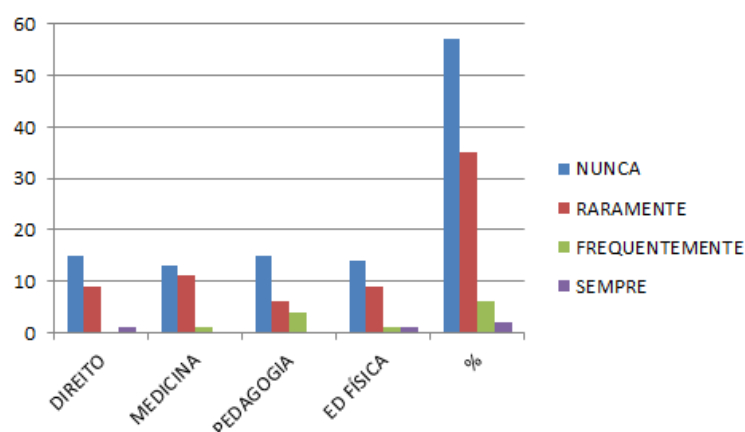
- Os sites de busca ou redes sociais que você acessa através do seu aparelho influenciam ou afetam sua opinião?



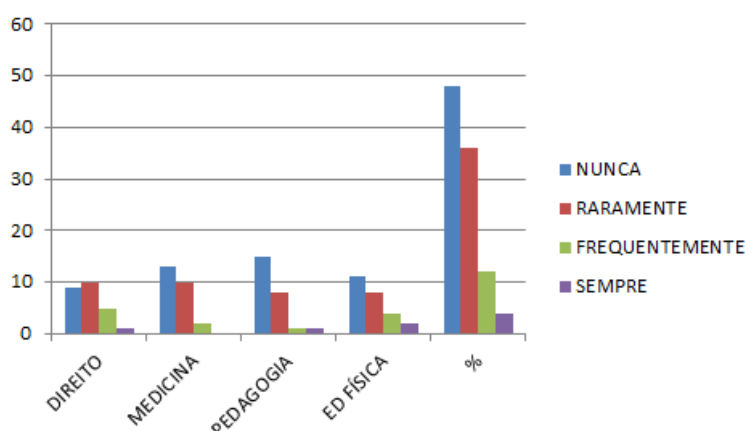
- Você costuma se envolver em polêmicas, que envolvam formas de preconceito ou discriminação (religiosa, étnica, gênero, classe, etc.) nas redes sociais?



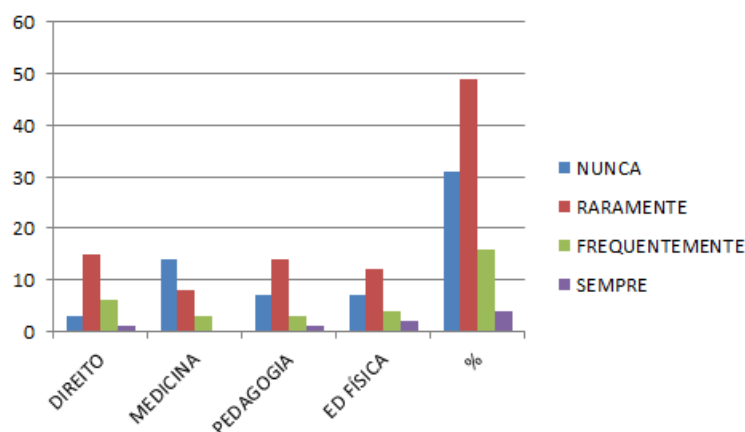
- Você costuma se envolver em conflitos e desfazer amizades por expressar suas opiniões pessoais, políticas, religiosas nas redes sociais?



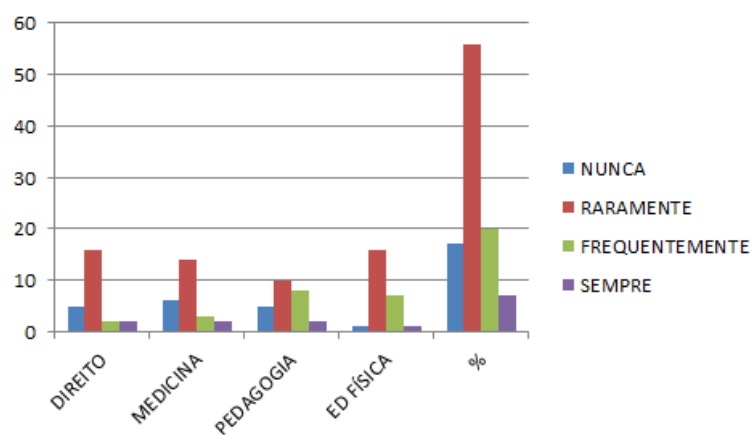
- O número de amigos, seguidores ou de curtidas nas redes sociais tem relevância pra você?



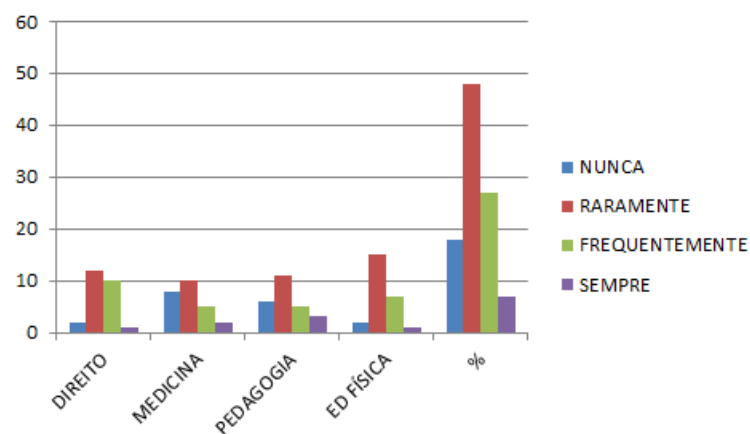
- Você adiciona pessoas desconhecidas nas suas redes sociais?



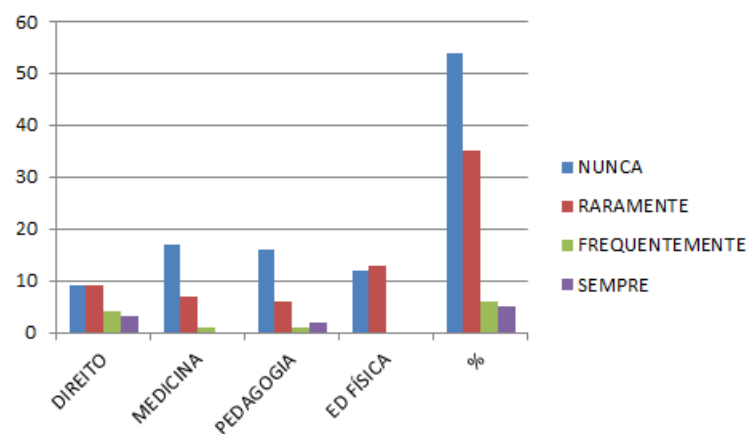
■ Você tem o hábito de atualizar seu status nas redes sociais?



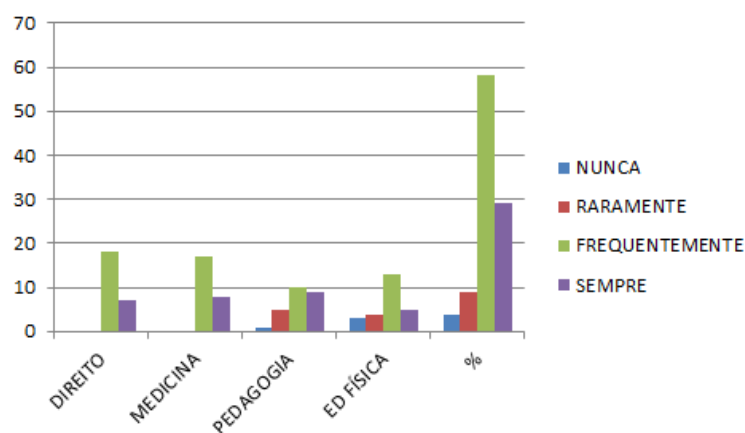
■ Você posta fotos das suas atividades diárias: passeios, viagens, atividades domésticas, etc.?



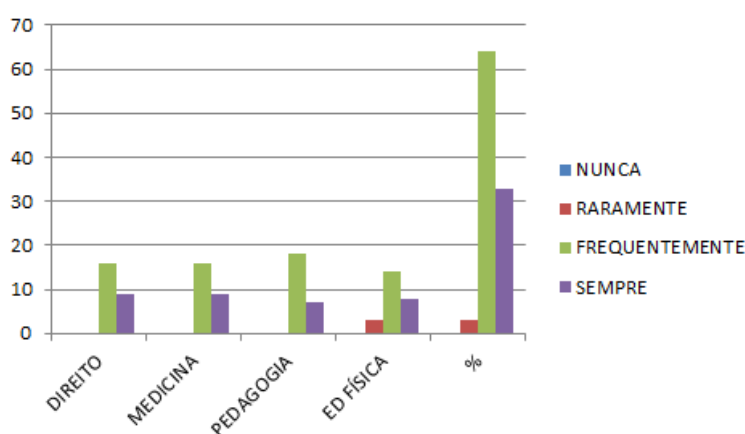
■ Você costuma enviar e receber fotos sensuais?



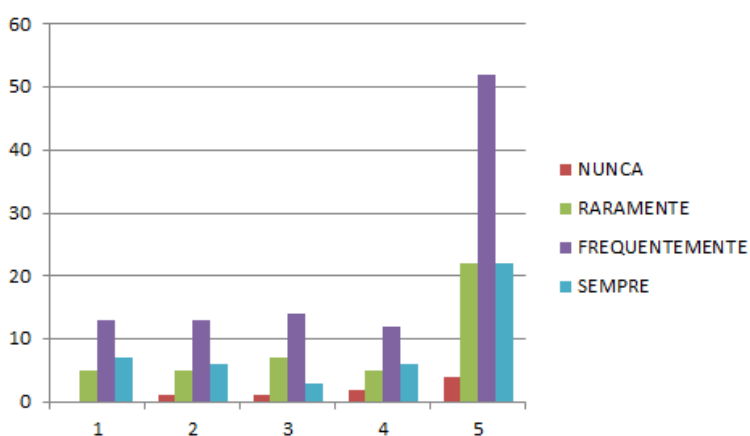
■ Você utiliza o smartphone nas atividades sociais, ocupacionais ou de lazer?



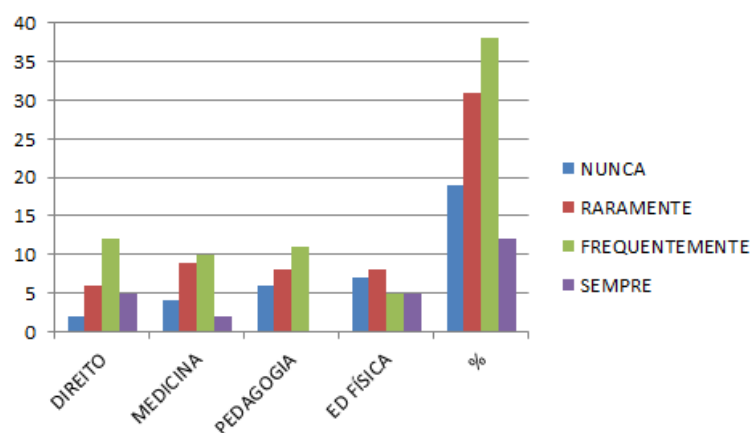
■ Você utiliza o smartphone com finalidades acadêmicas?



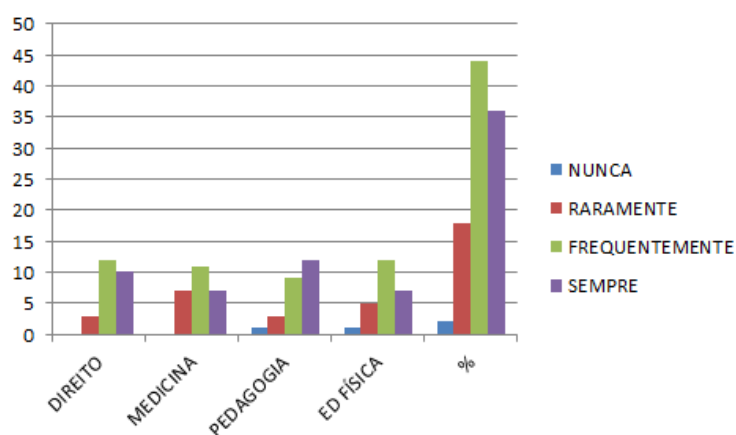
■ Você acessa páginas de divulgação científica, tecnológica, filosófica ou artística no seu smartphone?



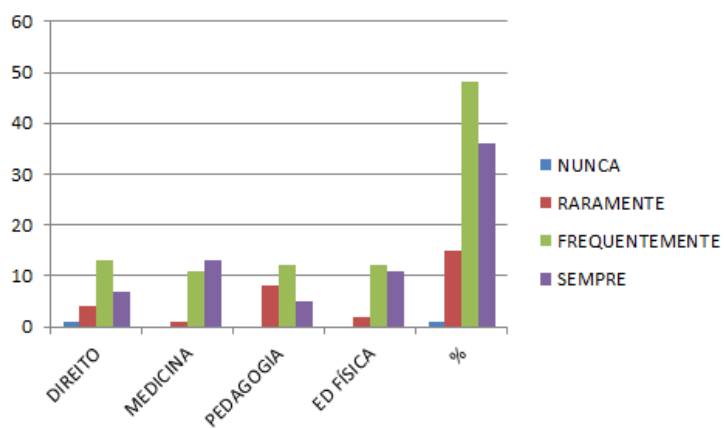
■ Você participa de grupos de pesquisa/estudo via aplicativo ou rede social?



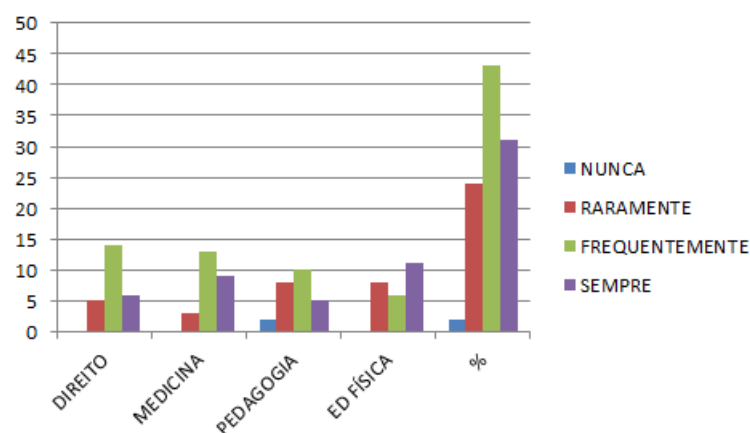
■ Você realiza pesquisas acadêmicas no seu smartphone?



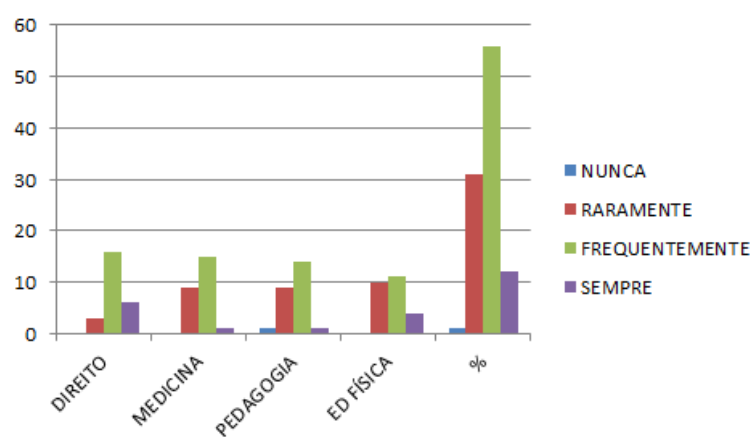
■ Você utiliza outros meios de pesquisa que não seja o smartphone?



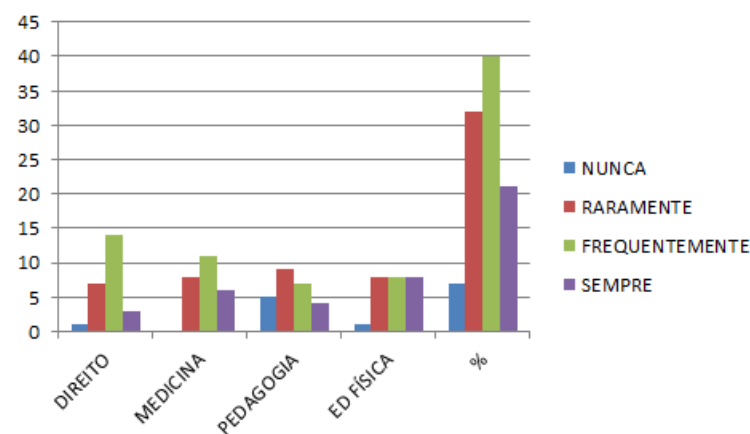
■ Você acessa o smartphone na sala de aula?



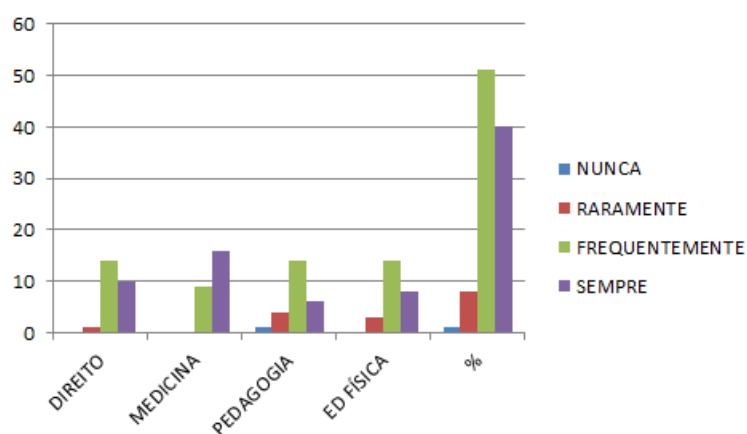
■ Você acessa o smartphone em sala de aula com finalidades acadêmicas?



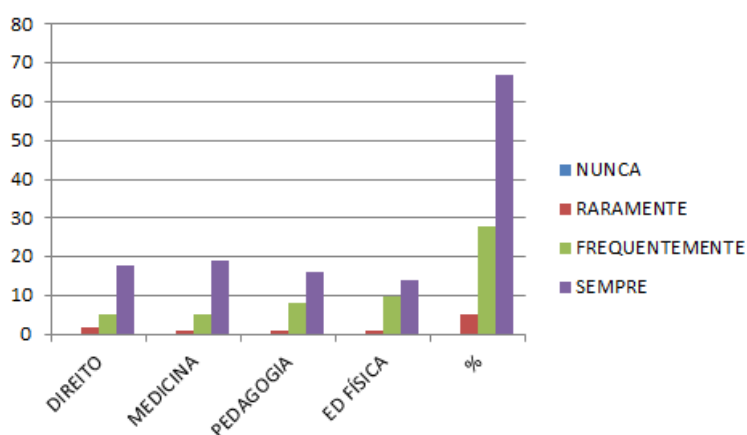
■ Você acessa o smartphone em sala de aula com outras finalidades, tais como: acessar redes sociais ou atividades de entretenimento?



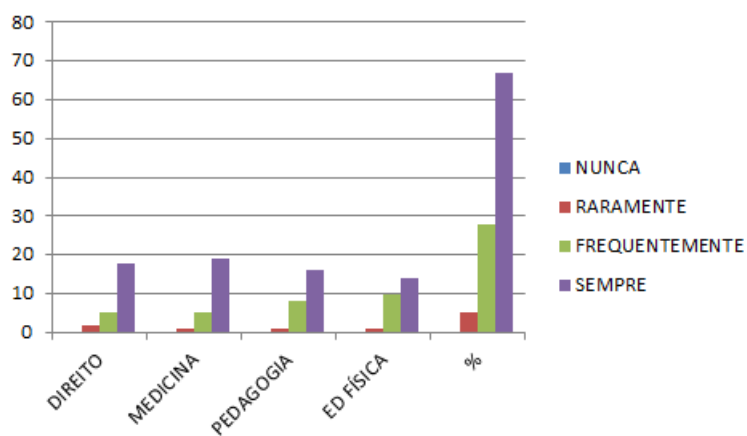
■ Você utiliza o smartphone no seu trabalho, na universidade, em ambientes sociais em geral?



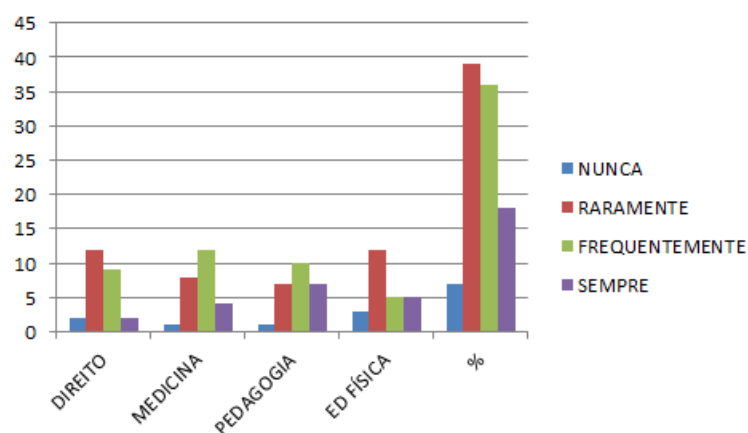
■ Você utiliza o smartphone para se comunicar com a sua família?



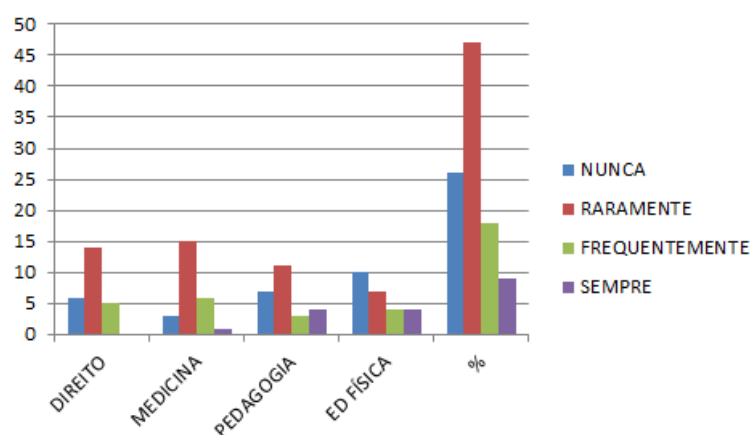
■ Você utiliza o smartphone para se comunicar com seus amigos?



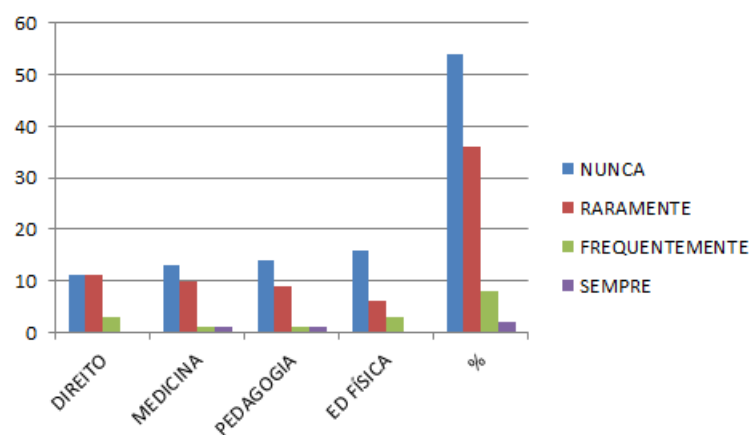
■ Você perde a noção do tempo quando utiliza o smartphone?



■ Você se sente angustiado, ansioso ou deprimido quando por algum motivo você fica sem o aparelho?

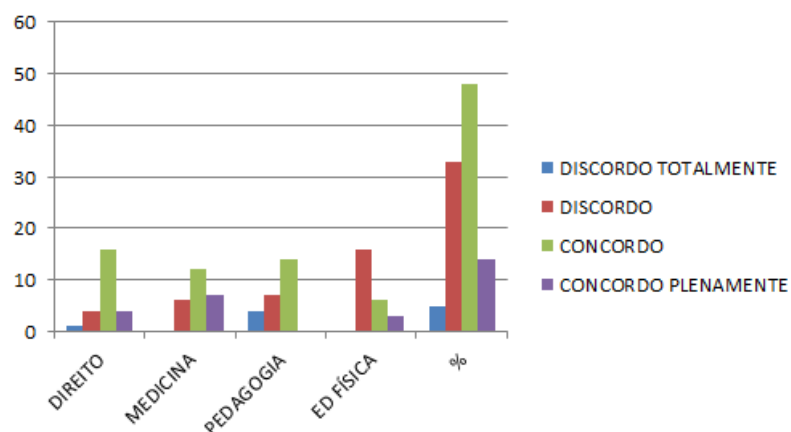


■ Você deixa de realizar atividades de sociais, ocupacionais ou de lazer em decorrência do uso do smartphone?

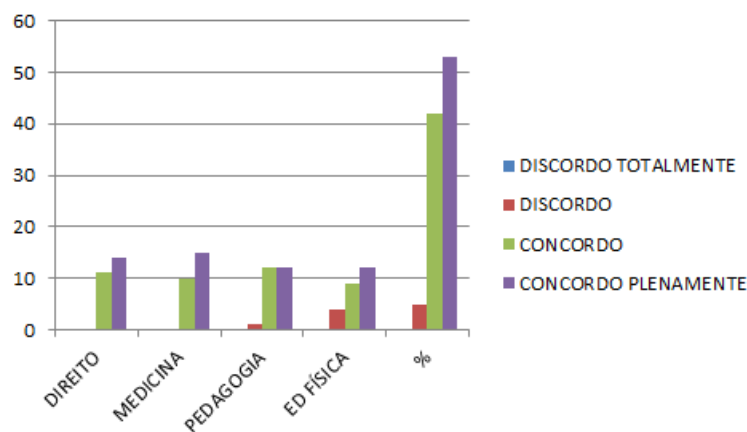


O SMARTPHONE MEDIANDO AS RELAÇÕES SOCIAIS

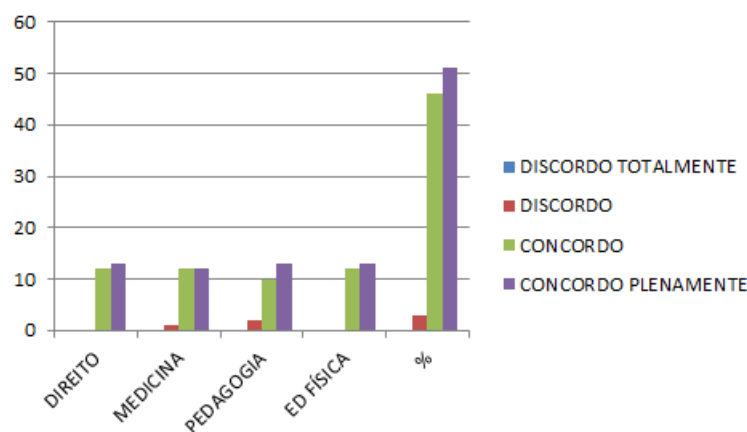
- Na atualidade o smartphone é uma das mais importantes ferramentas na constituição dos laços afetivos e sociais entre os indivíduos.



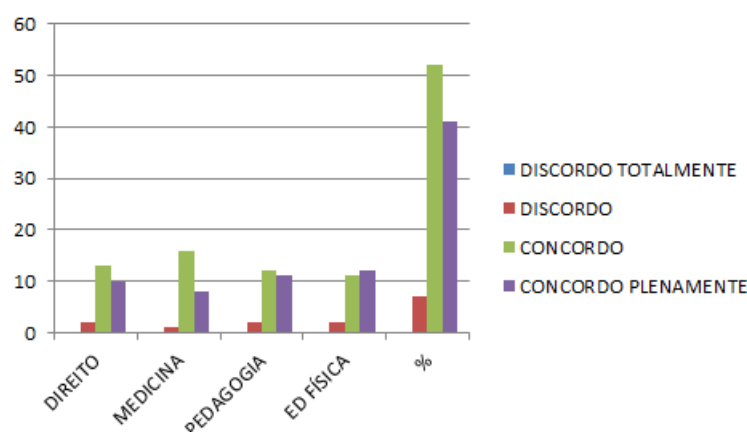
- O aparelho facilita o acesso a diferentes formas de comunicação, diminuindo o tempo e a distância entre as pessoas.



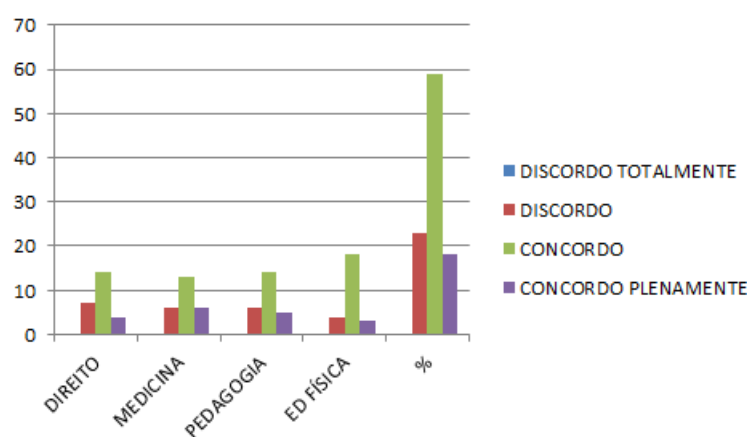
- Com o smartphone é possível ampliar o contato com pessoas e membros da família que antes não seriam possíveis.



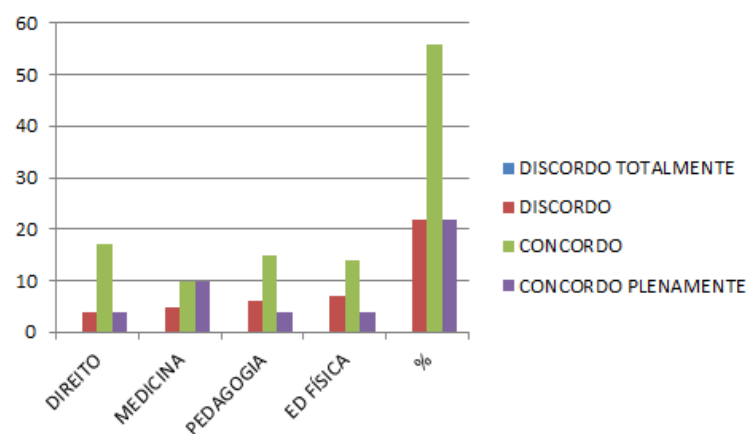
- Muitas vezes essa proximidade com a família revela também um distanciamento, uma vez que existem membros que só se relacionam pelas redes sociais.



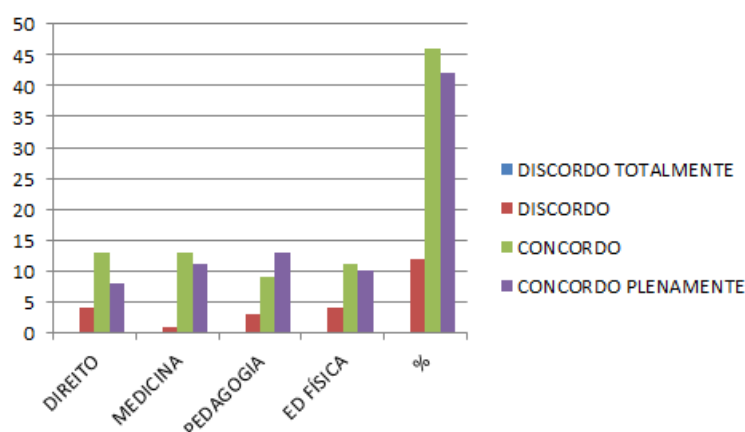
- A proximidade entre os grupos via smartphone aumenta conflitos trazendo à tona desavenças motivadas por opiniões religiosas, políticas, diferenças de poder aquisitivo, etc.



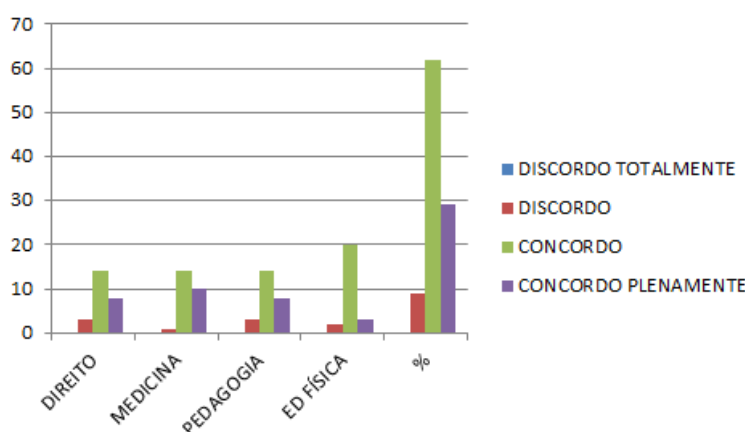
- Existem fatos, situações e acontecimentos sobre a própria família que os membros só se informam pelas redes sociais.



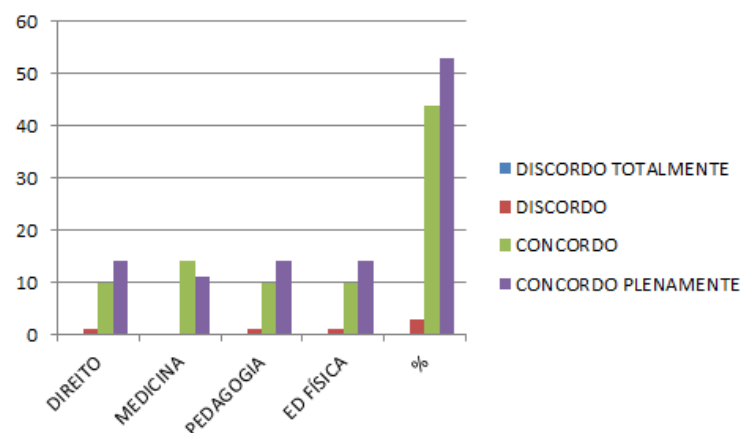
- O uso excessivo e ilimitado do smartphone adotado pela maior parte das pessoas afeta de maneira negativa os relacionamentos interpessoais.



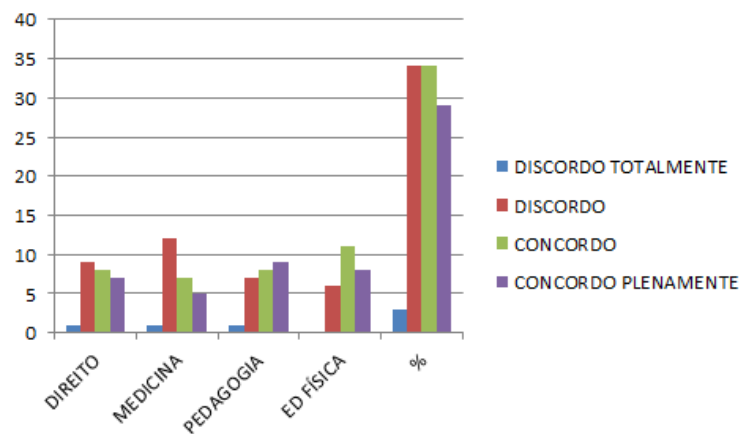
- Mesmo causando efeitos negativos nos relacionamentos, as pessoas mantêm o mesmo tempo e a forma de utilização do smartphone.



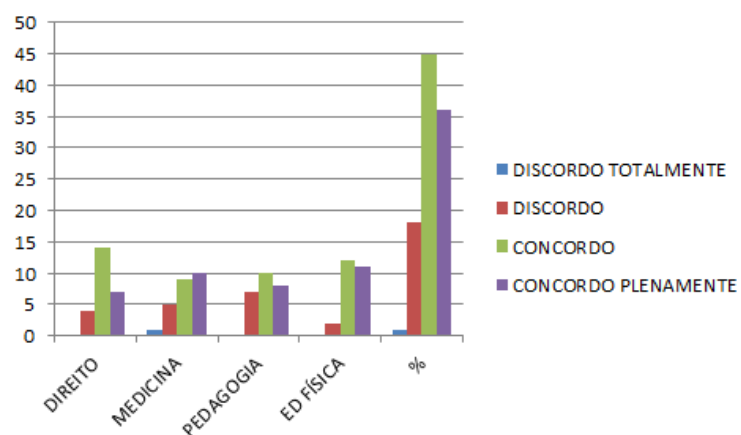
- Muitas pessoas se sentem sozinhas e solitárias mesmo tendo uma infinidade de amigos nas redes sociais.



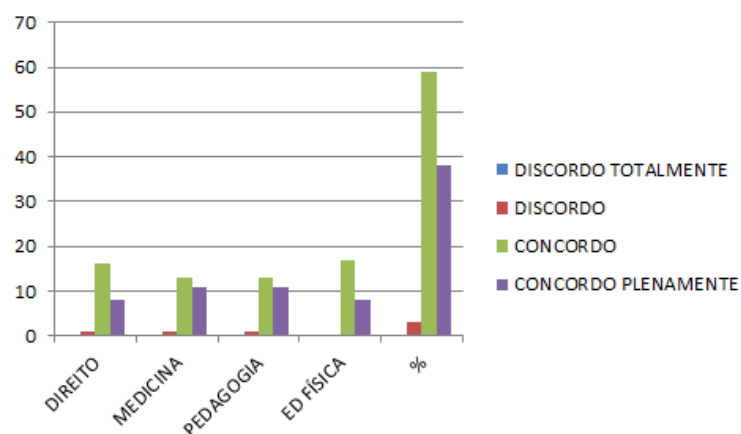
- Os encontros presenciais se tornaram mais raros com o uso do smartphone.



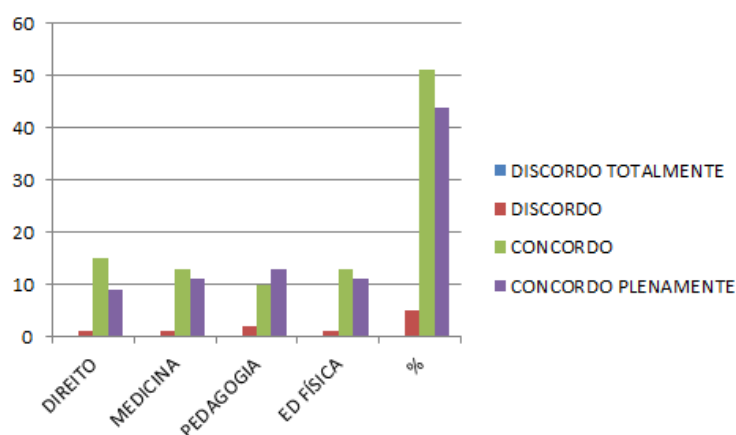
- Os aplicativos disponibilizados no smartphone, que possibilitam ignorar mensagens ou não ser visto mesmo estando online são excelentes, especialmente quando se quer evitar o contato com pessoas indesejáveis.



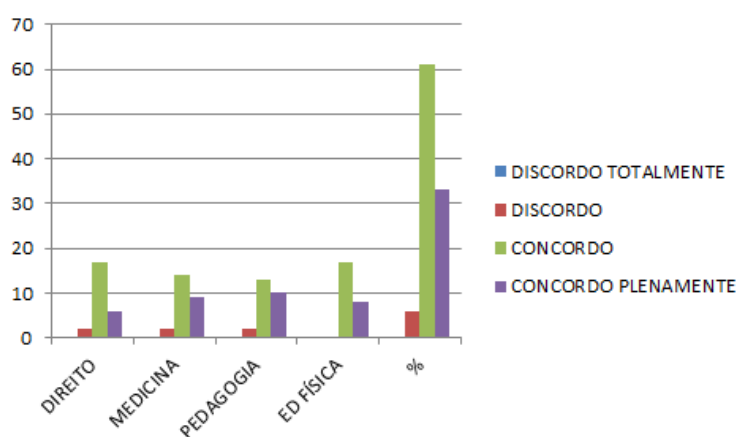
- Atualmente as pessoas interferem cada vez mais em assuntos que deveriam ser privados e pessoais.



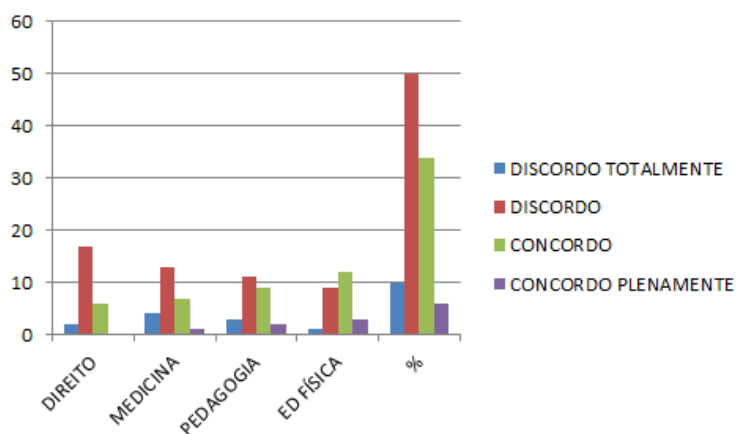
- Formas de preconceito e discriminação religiosa, étnica, de gênero e de classe se tornaram mais evidentes mediante o acesso da população as redes sociais.



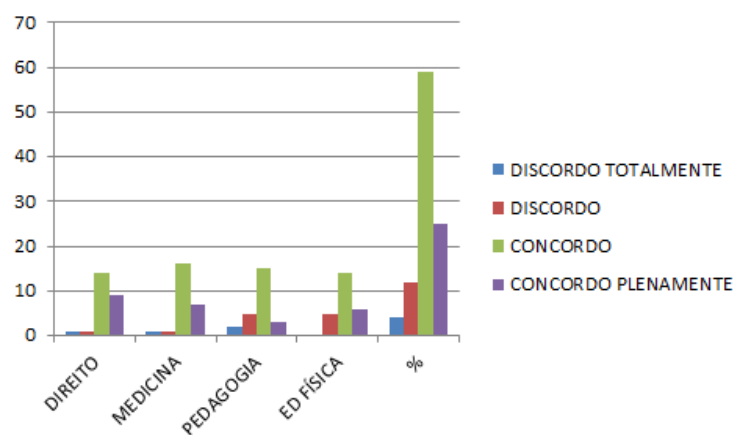
- O acesso às redes sociais possibilitadas pelo smartphone intensifica os conflitos sociais devido a possibilidade de expressar opiniões sem a necessidade de um confronto direto.



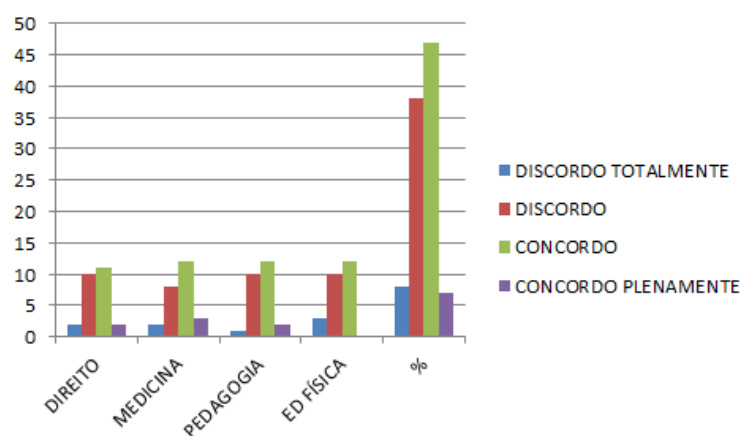
- O número de amigos, seguidores e de curtidas nas redes sociais revelam o grau de popularidade e de influência dos indivíduos na sociedade.



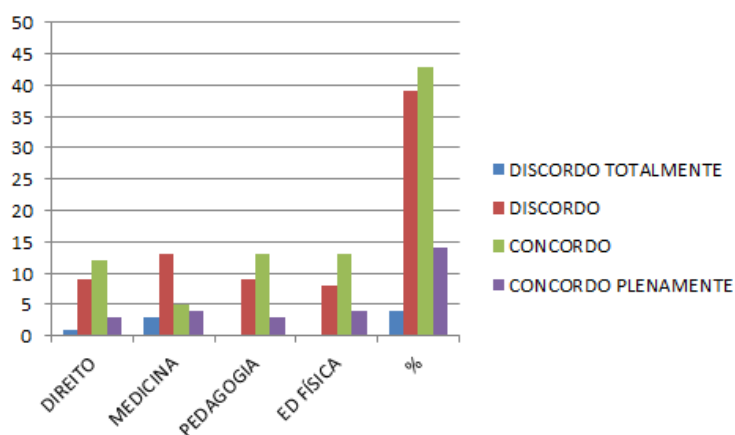
- Ter um smartphone é condição de inclusão social na sociedade atual.



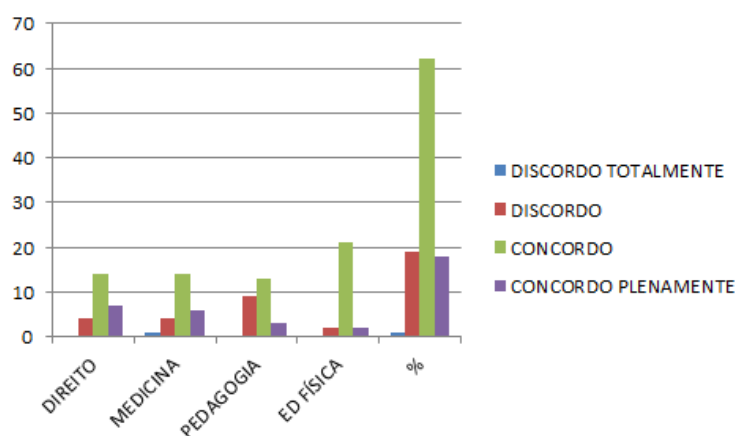
- Exibir fotos das atividades diárias, quais sejam: atividades domésticas, lazer, viagens, compras, dentre outras, são fundamentais para aumentar a popularidade nas redes sociais.



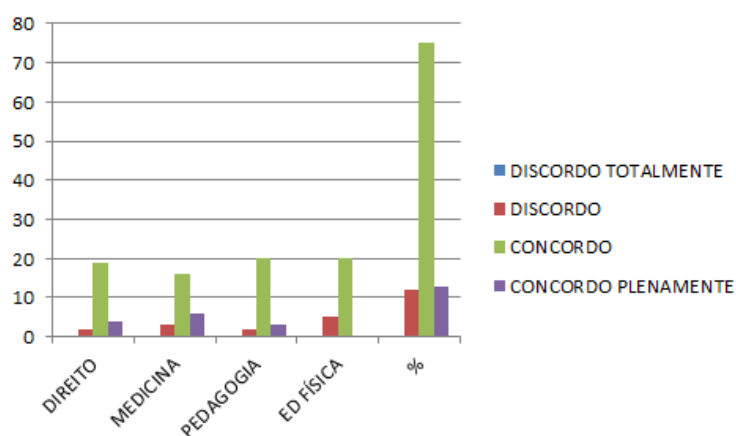
- Minorias sociais tem baixa popularidade e visibilidade nas redes sociais.



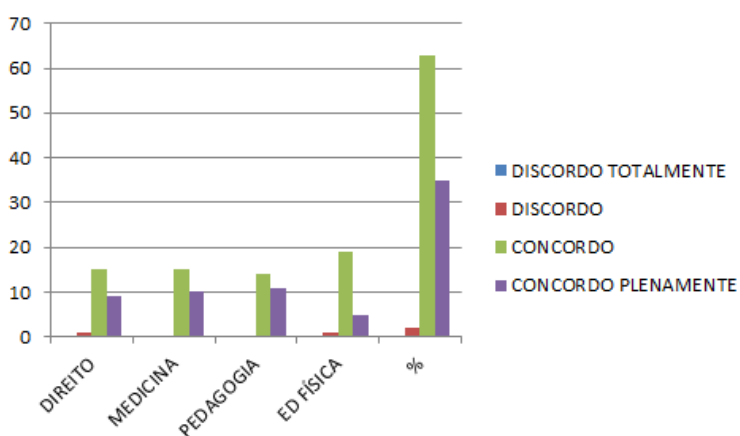
- A prática de enviar e receber fotos sensuais ou de nudez é cada vez mais comum entre os jovens, uma vez que causa prazer e satisfação íntima.



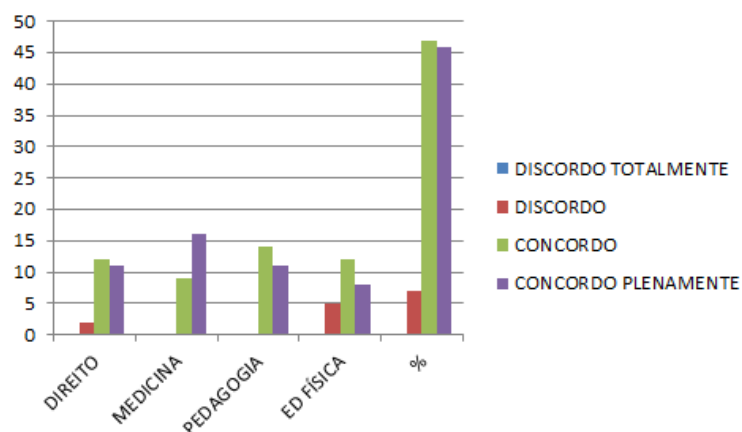
- O smartphone tem sido utilizado como instrumento de controle nos relacionamentos em geral.



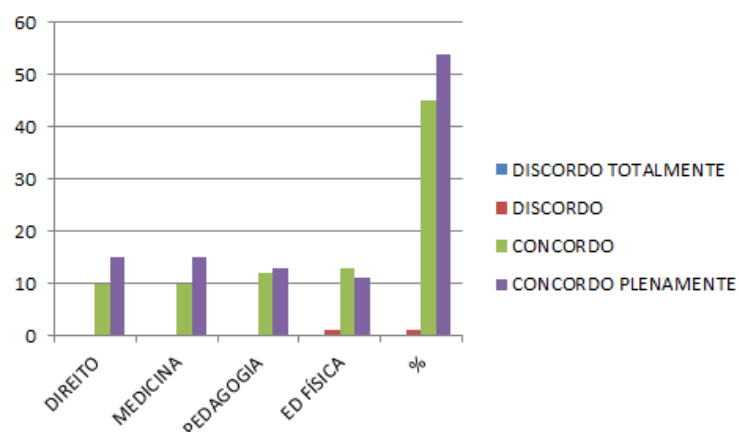
- Atualmente muitos relacionamentos, começam e terminam por intermédio das redes sociais.



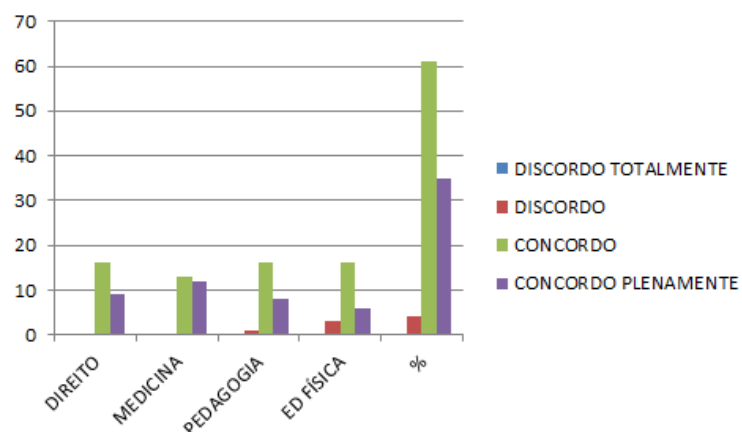
- É mais fácil dizer certas coisas por intermédio de um aplicativo de celular ao invés de dizer pessoalmente.



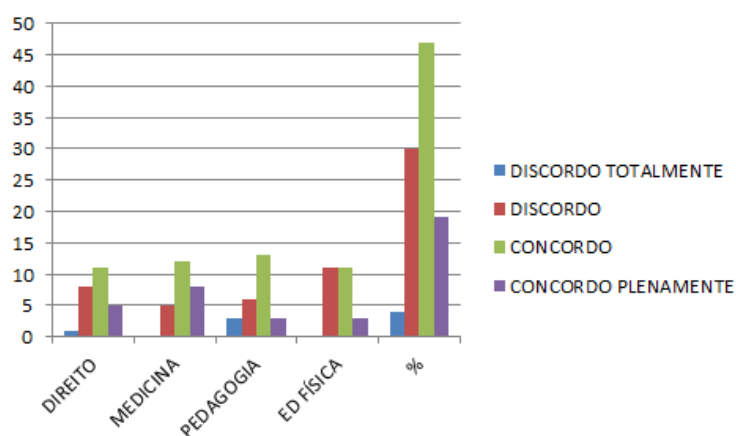
- De um modo geral as pessoas utilizam o smartphone para realizar diferentes tarefas ao mesmo tempo: estudar, conversar, checar o aparelho, ler e responder mensagens, dentre outros.



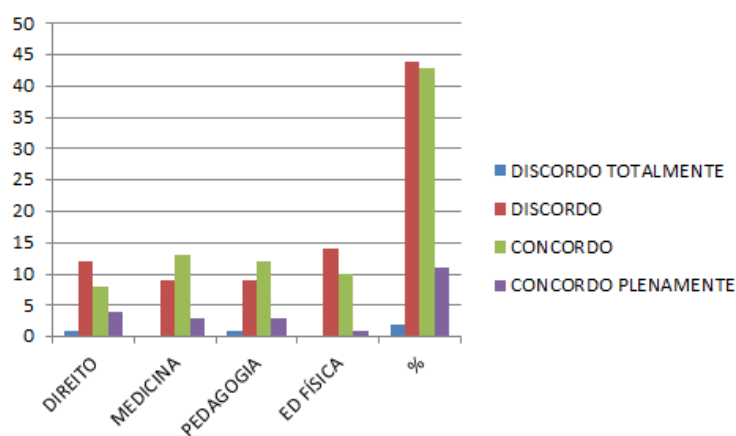
- O smartphone se tornou importante ferramenta na realização de estudos, pesquisas e trabalhos acadêmicos.



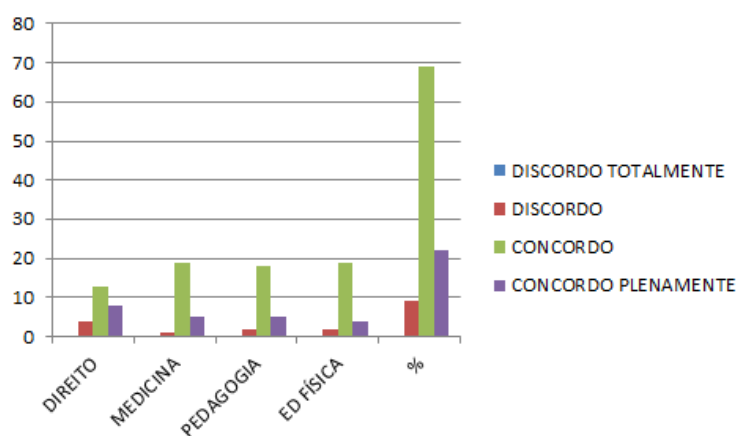
- Os diversos recursos de entretenimento presentes no aparelho são mais atraentes que os conteúdos das aulas.



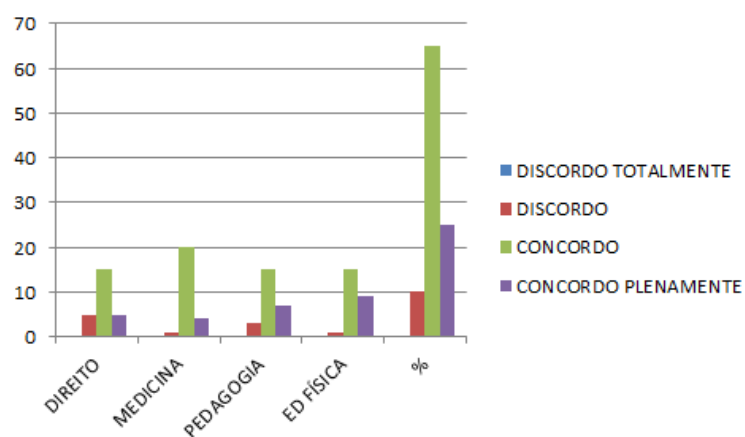
- Ficou mais difícil cumprir as atividades acadêmicas em função dos atrativos do smartphone.



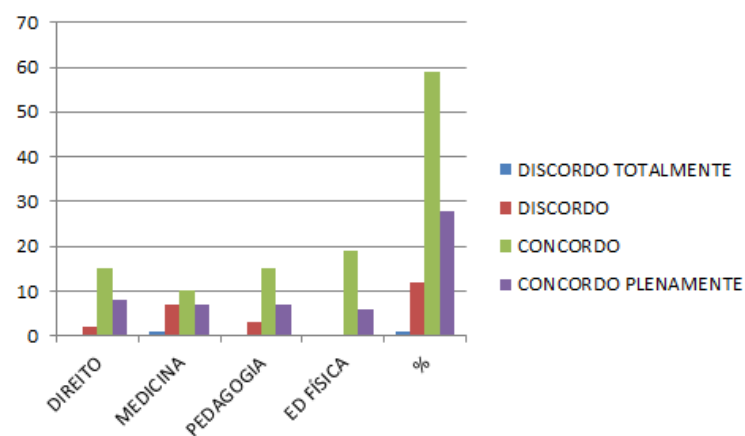
- Atualmente o smartphone se tornou uma extensão do corpo e da memória dos indivíduos.



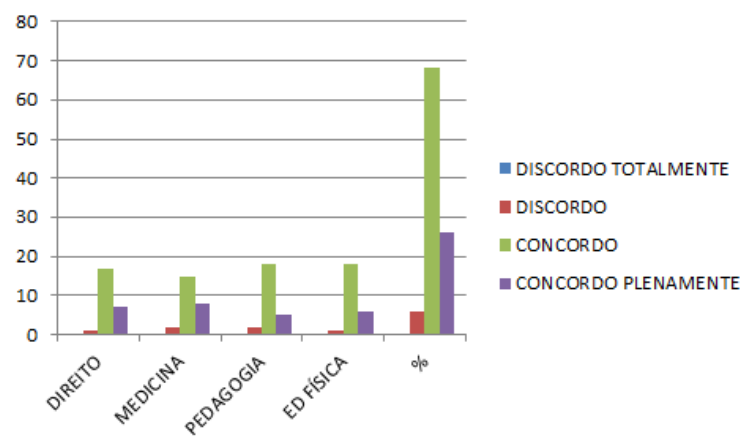
- O mundo contemporâneo o smartphone alterou as relações no trabalho, exigindo do trabalhador uma conexão permanente dentro e fora do ambiente de trabalho.



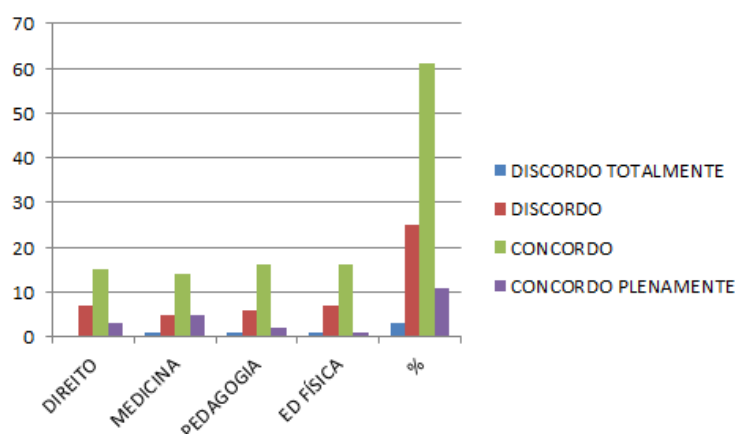
- A acessibilidade aos aplicativos e sites de compra via smartphone aumentou o consumo dos indivíduos.



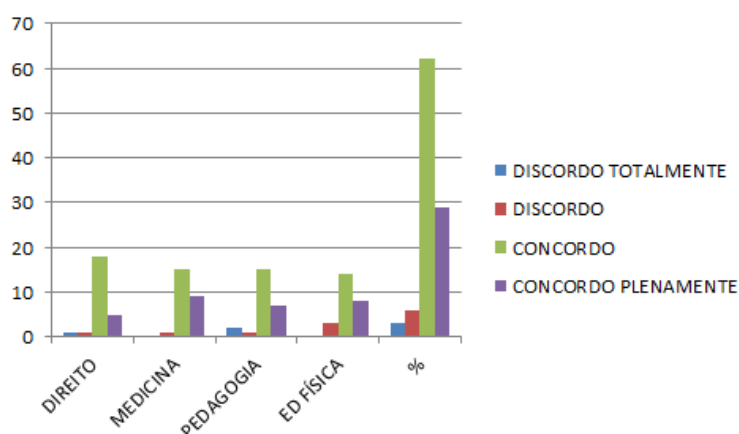
- O smartphone permite que as pessoas estejam presentes virtualmente em vários lugares ao mesmo tempo.



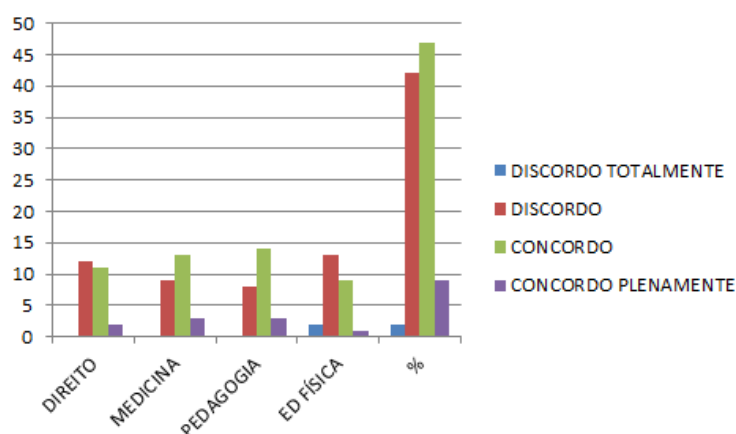
- O smartphone aproxima as pessoas, amplia e facilita os relacionamentos interpessoais.



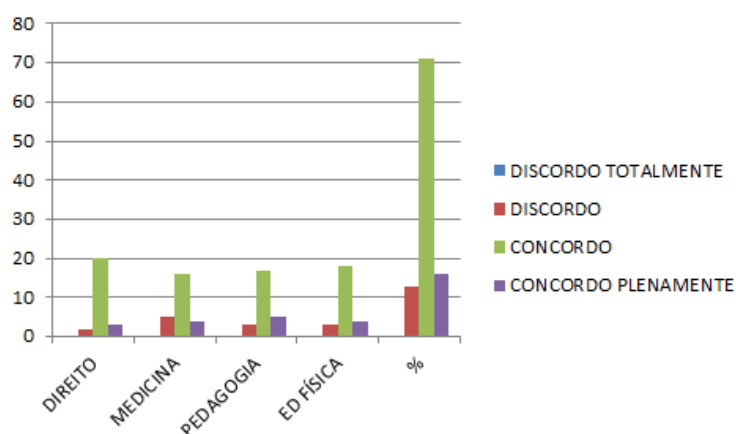
- Em geral as imagens postadas nas redes sociais demonstram pessoas felizes e bem sucedidas.



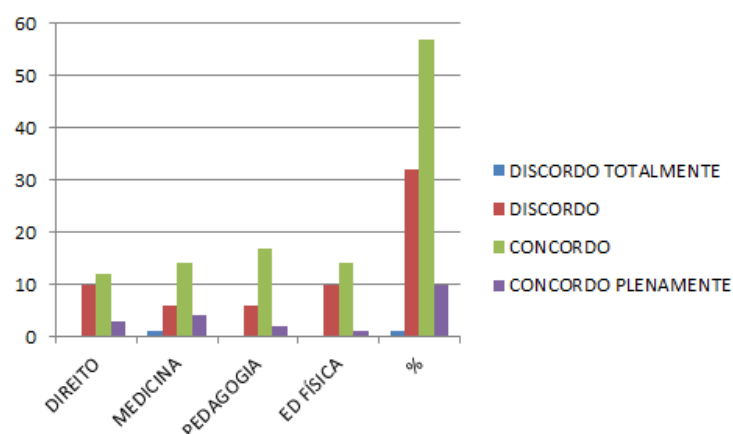
- As pessoas que não possuem smartphone com acesso a internet e as redes sociais são excluídas socialmente.



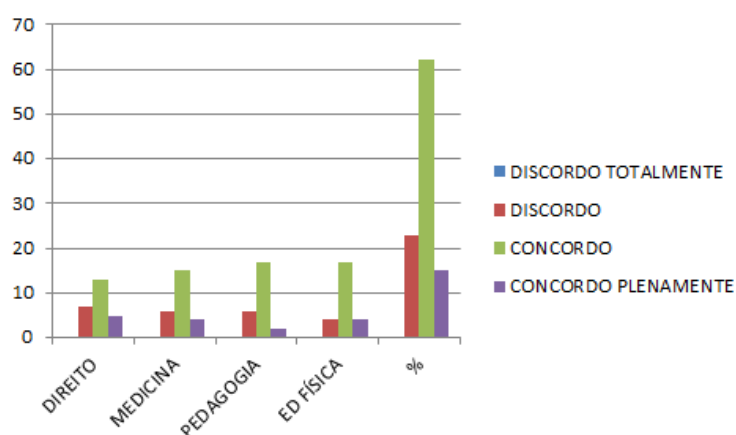
- Atualmente as pessoas realizam suas atividades sociais em conexão permanente com o smartphone e as redes sociais.



- O smartphone é indispensável nas relações que se estabelecem no mundo contemporâneo.



- As relações que se estabelecem via smartphone são tão instantâneas e imediatas quanto às informações e mensagens que circulam nas redes sociais.



APÊNDICE III:
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “O SENTIDO DA EXPERIENCIA MEDIADA PELO USO DO SMARTPHONE”. Meu nome é *VIVIANE DE ASSIS RAMOS*, sou a pesquisadora responsável, atuo no ensino fundamental e sou aluna do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Goiás. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail *vivaassis@yahoo.com.br* e, através do seguinte contato telefônico: (62) 984951751. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

O estudo de título “O SENTIDO DA EXPERIENCIA MEDIADA PELO USO DO SMARTPHONE” surgiu a partir do interesse sobre a rápida evolução dos aparatos tecnológicos, intensificando os processos de comunicação e informação em redes e espaços virtuais. A modernização dessas tecnologias modificou substancialmente a sociabilidade entre os indivíduos, ampliando as formas de comunicação através de aparelhos como o smartphone, que possibilitam aos sujeitos estarem permanentemente conectados ao mundo virtual e ainda garantem o acesso a diferentes técnicas de reprodução, tais como: vídeos, fotos e diversos tipos de entretenimento. Mediante a expansão do uso desta e de outras ferramentas tecnológicas na sociedade contemporânea, propõe-se neste estudo analisar a mediação da tecnologia via smartphone na experiência cotidiana de jovens universitários. Assim como analisar como essa tecnologia media as relações que esse jovem estabelece nas diferentes instâncias educativas e de socialização: a escola, a família, o trabalho, os grupos sociais dentre mais.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. O instrumento adotado é um questionário que obedece aos critérios éticos. Não oferecendo riscos à sua dignidade, bem como, a sua integridade física, moral, intelectual ou emocional. Mediante isto, existe um risco mínimo e, caso sinta-se constrangido física e/ou emocionalmente com alguma questão, terá todo direito de não responder. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade e/ou prejuízo. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais e não poderão ser utilizadas contra ou a seu favor.

Ressalta-se que você terá garantia de sigilo e seu nome não será vinculado às informações prestadas. Todas as suas respostas coletadas serão utilizadas apenas para essa pesquisa e não serão utilizadas em estudos futuros. Somente a pesquisadora terá acesso aos dados coletados. Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, a pesquisadora assumirá a responsabilidade legal pelos mesmos, tendo o participante direito a pleitear reparação a danos imediatos ou futuros.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício e/ou gasto financeiro. Ressaltamos que, sua participação é de suma importância para alcançarmos os objetivos previamente estabelecidos. O material será guardado pela pesquisadora responsável por um período mínimo de cinco anos e depois será reciclado.

Os resultados obtidos, decorrente do estudo, se tornarão públicos, sem que haja a necessidade de autorização prévia dos participantes envolvidos, em forma de dissertação via portal do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás e em forma de artigos, seminários, minicursos, palestras, congressos e eventos científicos.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu,, inscrito(a) sob o RG/CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “O SENTIDO DA EXPERIENCIA MEDIADA PELO USO DO SMARTPHONE”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora responsável *VIVIANE DE ASSIS RAMOS* sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de 2017

Autorizo a utilização das informações contidas neste questionário para fins científicos, desde que restrita à dissertação e aos seus produtos decorrentes e previstos.

Assinatura por extenso do(a) participante

Viviane de Assis Ramos
Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

APÊNDICE IV:
PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA - UFG



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O SENTIDO DA EXPERIÊNCIA MEDIADA PELO USO DO SMARTPHONE

Pesquisador: VIVIANE DE ASSIS RAMOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 71263717.2.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.259.605

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

Bairro: Campus Samambaia

CEP: 74.001-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

Fax: (62)3521-1163

E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com